

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

De que forma as relações parentais influenciam a construção do eu maternal na primeira infância

Paula Alexandra Frazão

Relatório Final realizado no âmbito da área da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientadora: Mestre Manuela Correia da Fonseca

Ano letivo: 2013/2014

Lisboa

Julho de 2014

Dedico este trabalho a todas as crianças que na minha vida entraram, fazendo parte de mim, deixando-me uma mensagem de apelo: O amor é o único caminho que nos faz ser e prosseguir. A todas elas, que um dia irão ser mães e pais, na esperança de que o amor por mim investido lhes tenha gerado a sabedoria intrínseca de proporcionar o colo que lhes fora retirado na sua primeira infância.

Agradecimentos

Ao meu marido João, aos nossos filhos Mariana, Carolina e Frederico, a minha imensa gratidão pelo amor e compreensão sem limites que me dedicaram em cada minuto, sem eles não teria sido possível a concretização deste projeto.

À minha irmã Anabela pelo apoio dedicado aos meus filhos e pela sua enorme capacidade em me escutar sempre que precisei.

Às amigadas construídas nesta instituição, particularmente à Inês Antunes, Patrícia Néó e Sofia Caldas pela força das suas palavras calorosas.

Uma palavra de apreço à Dilia Pires, minha Educadora de estágio de Mestrado Supervisionado, pela sua compreensão e disponibilidade demonstrada.

Às crianças e suas mães que fizeram com que este estudo se efetivasse, um imenso obrigado pelo enriquecimento e aprendizagem que me proporcionaram.

À minha querida Professora e Orientadora Mestre Manuela Correia da Fonseca, pela sua extraordinária sabedoria e pela sua capacidade intuitiva na compreensão do processo de construção do meu pensamento. A natureza deste trabalho, só foi possível através dos seus ensinamentos.

Um enorme obrigado à minha Co- Orientadora, Mestre Maria Lacerda pelo seu apoio, empenho, disponibilidade, paciência e palavras de incentivo.

A todos o meu sincero obrigado por nunca terem duvidado da concretização deste projeto.

“ O Homem deseja ser confirmado em seu ser pelo Homem, e anseia por ter uma presença no ser do outro... - secreta e timidamente, ele espera por um sim que lhe permita ser, e que só pode vir de uma pessoa humana a outra”

Martim Buber

1878 - 1965

Resumo

O presente estudo foi realizado no âmbito da área da Prática de Ensino Supervisionada, inserida no Mestrado em Educação Pré- escolar. A problemática estudada, **De que forma as relações parentais influenciam a construção do Eu maternal na primeira infância**, é fundamental para todo e qualquer ser humano que educa, uma vez que as relações parentais constituem a primária e primordial vinculação afetiva geradora de desenvolvimento integral na criança.

O amor é o grande construtor do ser humano, capaz de fazer brotar o complexo caminho interior na construção maternal. Na envolvimento das relações primeiras de vinculação, constrói-se a inteligência emocional, alicerce para as demais formas de inteligência. Se o homem se constrói a partir dos afetos investidos e continuados, uma criança impregnada de amor, é previsível que será ela própria a sua transmissora.

Face ao tema que propus investigar surgiram as seguintes questões:

Como é que a mãe percebe as necessidades do seu bebé?

A mãe revela conhecimento da importância que o processo de preparação da maternidade tem para a construção do Eu maternal na criança?

Como é que a criança demonstra o processo de construção do seu Eu maternal?

Concretizado segundo uma investigação qualitativa, baseada na recolha de dados, através de uma observação participante, de notas de campo e de entrevistas, este estudo surgiu a partir da experiência profissional realizada no decorrer do presente ano, com um grupo de 14 crianças de idades compreendidas entre os 21 e os 41 meses.

Em mim própria, na qualidade de pessoa humana e educadora foi extremamente enriquecedor e fundamental a elaboração deste estudo, conduzindo-me a uma visão clarificadora na compreensão, entendimento e importância das relações parentais.

Torna-se primordial o educador adquirir este processo de conhecimento, apropriar-se dele e ter consciência da sua importância face à sua influência na progressão do desenvolvimento da criança, conduzindo-o assim ao seu apoio e ao seu entendimento.

Em suma, com este estudo concluo que a construção do Eu maternal na criança é fruto de uma multiplicidade de influências integrantes do seu próprio processo de construção de vida de que a mãe constitui uma referência fundamental. Dado o processo complexo que a natureza do tema comporta, constato ser esta uma resposta parcial para a resolução da problemática estudada.

Palavras-chave: Mãe, Relações parentais, Primeira infância, Eu maternal.

Abstract

This study was conducted within a supervised teaching practice corresponding to the Masters of Preschool Education programme. The problem studied – **how parental relationships influence development of the maternal self in early childhood** – is fundamental for each and every educator, since such relationships represent the primary and primordial affective bond that generates the child's overall development.

Love is the great developer of the human being, capable of eliciting the complex interior path within the maternal body. Emotional intelligence, a foundation for other forms of intelligence, is forged within the earliest relationships that bond a mother to her child. If man is vested in ongoing affections, then a child, imbued with love, is likely to transmit such love.

The following questions emerged from the subject matter that I have proposed for research:

How does the mother perceive the needs of her baby?

Does the mother reveal knowledge of the importance of the maternal preparation process upon development of the maternal self within the child?

How does the child demonstrate the process of developing the maternal self?

Developed through qualitative research based on data collection and participatory observation, field notes and interviews, this study relies upon professional experience accumulated during the current year with a group of 14 children between the ages of 21 and 41 months.

As a human being and educator, the preparation of this study was extremely enriching and essential for me in the process of developing a clear vision towards understanding and comprehending the significance of parental relationships.

It becomes paramount for the educator to acquire this knowledge process in order to appropriate knowledge from it and be cognizant of its importance in the progression of child development, thereby supporting such educator and contributing to his or her understanding.

In essence, I conclude in this study that the maternal self in the child results from a multiplicity of influences comprising the child's own life development process in which the mother represents a fundamental point of reference. Given the complex nature of this topic, I should point out that this is merely a partial response for resolving the problem studied.

Key words: Mother, parental relationships, early childhood, maternal self.

Índice

Introdução: Exteriorização da origem da problemática em estudo – da temática ao contexto em particular	1
Capítulo I: A problemática do estudo envolta na permanente viagem do ser humano – um olhar crente e teórico	10
1.1. Amor – o grande construtor do ser humano	11
1.1.1.O ciclo – preparação da maternidade versus construção do eu maternal	15
1.2. Evolução da primeira infância – conceito de desenvolvimento	18
1.2.1.Evolução do desenvolvimento afetivo na primeira infância – abordagem psicanalítica	20
1.2.2.O desenvolvimento psicossocial na primeira infância segundo a teoria de Erik H. Erikson	22
1.3. O nascimento do jogo simbólico	24
1.4. As relações parentais – Alicerce afetivo para o desenvolvimento integral do ser humano	27
Capítulo II: Metodologia - a base de todo este estudo, um olhar atento sob a investigação	30
2.1. Breve abordagem da investigação em educação	31
2.2. Questões de investigação	32
2.3. Metodologia adotada na pesquisa	33

2.3.1. Participantes no estudo	37
2.3.2. Técnicas de recolha de dados	38
2.3.3. A observação	40
2.3.4. As notas de campo	42
2.3.5. A entrevista	43
2.3.6. Procedimentos	44
Capítulo III: Análise de dados – um olhar reflexivo e conclusivo	46
Considerações finais	61
Bibliografia	69

Índice de anexos

Anexo 1 – Carta de pedido formal aos encarregados de educação para a realização das entrevistas

Anexo 2 – Entrevista 1, mãe da criança 1

Anexo 3 – Entrevista 2, mãe da criança 2

Anexo 4 – Entrevista 3, mãe da criança 3

Anexo 5 – Entrevista 4, mãe da criança 4

Anexo 6 – Entrevista 5, mãe da criança 5

Anexo 7 – Nota de campo nº 1

Anexo 8 – Nota de campo nº 4

Anexo 9 – Nota de campo nº 5

Anexo 10 – Nota de campo nº 7

Anexo 11 – Nota de campo nº 8

Anexo 12 – Nota de campo nº 9

Índice de quadros

Quadro n° 1 – Categorização das notas de campo

57

INTRODUÇÃO:

Exteriorização da origem da problemática em estudo

– da temática ao contexto em particular

Refletindo sobre as motivações que me encaminharam para a presente investigação, apoderou-se de mim própria um misto de sentimentos, de sensações de vivência profissional, real e consciente, reportando-me simultaneamente, num empurrão, em memórias pessoais e remotas da minha infância, balanceadas entre o perceptível e o inconsciente, mas intrinsecamente presentes. Fazendo-me questionar permanentemente sobre a história de vida de quem me gerou, tornando-me na pessoa que sou hoje. Julgo pois, ter sido ao longo do meu processo de crescimento, na construção do meu eu, que brotou a crescente interrogação como motivação primeira.

A morte da mãe da minha mãe (e digo, mãe da minha mãe, pois não existiu nenhum vínculo afetivo que me fosse transmitido, capaz de me reportar ao parentesco de avó) ocorreu de forma trágica quando esta tinha apenas seis meses de idade, seu pai, meu avô, receoso com o futuro, vendo-se em braços com quatro filhas pequenas, resolveu destinar a criação/educação de cada uma delas, às suas respectivas madrinhas. Permanecendo assim pai, filhas/ irmãs separados em cidades distintas. A minha mãe acolhida então pela madrinha, pessoa só, débil e pouco afetuosa, dispôs-lhe uma ama-de-leite com o propósito de nutrir a afilhada bebé recém-chegada, díade esta que decorreu até a minha mãe completar um ano de idade, abandonando posteriormente a casa, sem ter existido outro tipo de contacto. A minha mãe cresceu na ausência de infância, afetos e brincadeira. Esta história de vida, impregnou intrinsecamente em mim, a sua vivência, fazendo parte integrante do meu ser. Experiência esta, que consciente ou inconscientemente, aflorou em mim própria o sempre crescente questionamento envolto numa grande interrogação: De que forma as relações parentais influenciam a construção do eu maternal na primeira infância?

Foi pois a partir da ausência, fixando na lacuna do primeiro objeto de amor da criança (a mãe) bem como no processo de construção da consciência de si, a partir da triangulação relacional mãe-pai-bebé, que brotou a minha primeira motivação para a presente problemática. Acrescida a esta motivação de vivência pessoal, nasceu conseqüentemente uma vontade sempre crescente de entender o complexo e imaturo desenvolvimento humano na sua correlação de harmoniosa sintonia, físico, cognitivo e emocional face às comunicações primeiras de amor.

Aliado ao fascínio sobre o desenvolvimento do ser, a vida traçou de súbito e inevitavelmente o meu caminho no desejo de me envolver diretamente na educação de crianças. Ingressando em 2002 numa instituição em Lisboa, exercendo a função de ajudante de ação educativa na valência de jardim-de-infância, cujo local me mantenho até à data. Durante cerca de dez anos tive o privilégio (perante uma infeliz realidade) de interagir com crianças com histórias de vida diversificada, umas oriundas de famílias destruturadas, outras

institucionalizadas revelando comportamentos significativos, marcados por abandono à nascença, maus tratos físicos e psicológicos, carências de necessidades básicas, entre outros. Vivencia esta, profissional e conseqüentemente emocionalmente pessoal, que constitui o reforço impulsionador na motivação para o desenvolvimento do processo de investigação da questão formulada. Devido ao facto de ter observado ao longo de anos, que crianças cujas experiências relatadas, produziam um jogo simbólico precário, em alguns casos mesmo inexistente, relativamente a ausência imaginativa na maternalização de objetos.

Daqui a necessidade de obter ferramentas alicerçadas, capazes de me facultar um saber teórico de conhecimento científico, com o propósito de atuar educacionalmente com conhecimento de causa, foi uma decisão evidente. Entrando para a escola superior de educadores de infância Maria Ulrich, no ano letivo de 2010/2011.

Relativamente ao meu percurso profissional, prende-se com a experiência decorrida ao longo de doze anos na instituição Patronato Cristo Rei, encontrando-me atualmente na valência de creche há dois anos, primeiramente na sala de um ano, tendo transitado acompanhando o grupo de crianças para a sala dos dois anos.

Contextualização histórico-social da instituição:

A escola de Cristo Rei da freguesia de Santos o Velho, foi criada pelo prior desta freguesia – Mon Senhor António Fernandes Duarte, com o objetivo principal de beneficiar as crianças do sexo feminino e suas famílias que apresentavam maiores carências socioeconómicas.

O espaço da escola funcionava nas instalações da igreja, somente no horário da manhã. No turno da tarde as crianças ficavam entregues a uma monitora, onde realizam trabalhos escolares e de labores.

Em 1946 foi oficializado o “Ensino Primário Elementar”, continuando a escola a funcionar sob a tutela do fundador.

A escola oficial foi extinta em 1952. Foram organizados dois turnos, manhã e tarde, onde as crianças realizavam os trabalhos escolares e os trabalhos de labores, contribuindo para o início das primeiras modalidades que constituíam as atividades de tempos livres (ATL).

Em 1954, realizou-se a aprovação oficial desta modalidade, e a instituição passou a ter o nome oficial de Patronato Cristo Rei, tendo como objetivo, prosseguir a uma ação de apoio às crianças através da educação e formação católica.

Em 1964, crianças e pessoal docente mudam de instalações, passando a instituição a funcionar no espaço da escola oficial, nº 170, situado na rua da Lapa. As vagas existentes na escola oficial foram progressivamente preenchidas pelas crianças do Patronato.

Em 1998 é celebrado o acordo de cooperação entre o Patronato Cristo Rei (Instituição Particular de Solidariedade Social), a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e a Direção Regional de Educação de Lisboa. Visando este acordo regular as condições de cooperação relativas à participação da instituição no programa de expansão e desenvolvimento da educação pré-escolar, de acordo com os princípios consagrados e no protocolo de cooperação celebrados, em 1998, entre os Ministérios de Educação e do trabalho e solidariedade, União das Misericórdias Portuguesas e a União das Mutualidades Portuguesas.

Em 2000, a escola oficial é transferida para outro espaço da zona da Lapa, e o Patronato Cristo Rei mantém o ATL e o Jardim de Infância no espaço ocupado pela escola oficial.

Em 2006, é extinto o ATL, devido à fraca frequência de crianças, ficando a instituição com a valência de Jardim de Infância em três salas de grupos homogêneos (3,4 e 5 anos).

Em Agosto de 2011 são realizadas obras de remodelação no espaço anteriormente utilizado pelo ATL, com a finalidade de abertura da valência de Creche.

Em Setembro de 2011, são inauguradas duas salas de Creche (sala de 1 e 2 anos). (Projeto Educativo, 2008)

Preocupações pedagógicas da instituição:

O Patronato Cristo Rei tem como objetivos pedagógicos a colaboração com as famílias na promoção da pessoa humana, sem qualquer exclusão, numa atitude de respeito pela sua personalidade, inserido num clima de paz, liberdade e responsabilidade, tendo como modelo de referência a pessoa de Jesus Cristo, respondendo às necessidades humanas e espirituais dos mais carenciados da comunidade. (Projeto Educativo, 2008)

No desenvolver do dia e das várias relações com e entre as crianças, é preciso ter presente a necessidade de uma constante batalha para vencer a tendência para a violência e para a geral decadência das energias. Esta necessidade deve ser reconhecida e posta em prática, antes de mais entre as educadoras, pessoas responsáveis e auxiliares, em saudável espírito de equipa que valoriza o que é bom e tenda a enfraquecer a tendência para o mau. Só um contínuo retomar das razões que nos fazem mover e crescer torna esta batalha possível e vitoriosa. (Ideário, 2008, p.2)

Tendo em conta que “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”, (Orientações curriculares, 1995, p.17) a nossa preocupação e contributo enquanto intervenientes no processo educativo da criança é o de promover o desenvolvimento de alicerces que conduzam e orientem a criança para a vida.

Relativamente à contextualização geográfica da instituição, esta produz efeitos socioculturais manifestamente relevantes. Pelo facto da instituição se localizar na Lapa, cuja zona é habitada por classes sociais média- alta, e nas imediações vizinhas se localizar o bairro da Madragoa e nomeadamente o bairro de Santos, cuja população comporta origens mais humildes, este misto de realidades sociais oferecidos pelo meio envolvente, facultam-nos uma extrema riqueza na diversidade sociocultural relativamente às famílias que servimos e às crianças que acolhemos.

Outra característica curiosa e não menos enriquecedora consiste no facto do Patronato Cristo Rei ser frequentado também por crianças institucionalizadas, com e sem famílias (algumas delas com deficiências motoras e/ou cognitivas), o que contribui igualmente para a heterogeneidade global no grupo de crianças, conduzindo adultos e crianças a aprendizagens valiosíssimas, perante realidades tão díspares.

Caracterização dos modelos pedagógicos observados na instituição:

As metodologias utilizadas na instituição assentam na pedagogia de projeto e em princípios orientadores que seguem o modelo do movimento da escola moderna.

Segundo (Formosinho, Lino & Niza, 2007) O carácter lúdico da pedagogia de projeto compreende etapas próprias, com tarefas definidas em grupo de modo a desenvolver uma ação comum a um grupo, para concretização do interesse ou interesses comuns. Esta pedagogia contempla uma metodologia própria, que se centra na criança uma vez que é a própria que desenvolve a ação; define para quê; procura, encontra e utiliza os meios para a desenvolver; escolhe o processo, regista-o e avalia-o.

A pedagogia de projeto engloba simultaneamente os conteúdos, os processos, as atitudes e os valores inerentes a todo o ato pedagógico que tem como fim último a criança. A criança é vista como uma globalidade de expressões, um todo indissociável em que todas as áreas de desenvolvimento são privilegiadas. E a um todo indissociável tem que corresponder uma prática interdisciplinar, integradora de todas as capacidades que correspondam às exigências de um desenvolvimento global e harmonioso da pessoa.

Falar em pedagogia de projeto é falar de uma pedagogia do desenvolvimento global, expressão, comunicação, cooperação, solidariedade e confiança de interação (relações múltiplas), diferença, respeito da individualidade de cada um, ritmo próprio de desenvolvimento e os interesses de cada um.

De acordo com Tinoco e Miranda (1992) a pedagogia de projeto é uma forma de auxiliar a criança a aprender de uma forma prática e concreta, tornando a aprendizagem atraente e eficaz. A realização de um pequeno projeto exige processos mentais, tarefas físicas, e propostas de problemas e respostas a várias questões. Através do projeto, a criança é incentivada a:

- Desenvolver atividades com objetos concretos;
- Desenvolver a compreensão por meio da experiência;
- Realizar tarefas produtivas;
- Desenvolver a iniciativa e a responsabilidade,
- Estimular a perseverança na realização de tarefas;
- Valorizar o trabalho cooperativo;
- Desenvolver o pensamento reflexivo;
- E ampliar campos de interesse.

Através da pedagogia de projeto existe uma acrescida preocupação com o apoio à realização de cada criança na construção do seu projeto pessoal. Referindo a outra pedagogia observada, seguindo a mesma linha orientadora da pedagogia de projeto, a pedagogia do Movimento da Escola Moderna contempla uma pedagogia de cooperação educativa, em que as crianças e educadores negociam atividades e projetos a desenvolver em torno dos conteúdos programáticos. Tal acontece, tendo como base os interesses afetivos das crianças e o contexto cultural das comunidades. Esta pedagogia privilegia também as abordagens globais e as estratégias de descoberta e de criatividade. As finalidades educativas pressupõem:

- Desenvolver a autonomia e responsabilização, baseada num vínculo de confiança e respeito entre crianças e o educador.
- Estabelecer uma ligação com o meio envolvente (famílias e comunidade)
- Permitir o desafio constante no aprofundamento das aprendizagens.
- Desenvolver a capacidade de liberdade de escolha.

- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências da vida democrática e numa perspectiva de educação para a cidadania.

Esta pedagogia privilegia a escola como um prolongamento da vida, a partir de um tema que suscita interesse prático, é pois repartido em subtemas diversificados, partindo do todo para as partes. A utilização e visualização de mapas, como um mapa de presenças com as fotografias das crianças, onde elas próprias manuseiam observam e verbalizam quem está e quem não está na escola; e ainda o mapa dos aniversários das crianças, cuja estrutura revela as estações do ano identificadas por cores, ambos auxiliando cada criança na consciencialização mental de noções espaciais/temporais.

A relação pedagógica sustentada pelos educadores que seguem os princípios orientadores do MEM (Formosinho, J., Lino, D. & Niza, S. 2007 e Hobman, M & Weikart, D.1997) tem como base a afetividade. Procuram desenvolver nas crianças o espírito de interajuda e cooperação, assim como a autonomia e responsabilização, baseados num vínculo de confiança e respeito entre eles e o docente.

Contextualização do campo de estágio e caracterização do grupo de crianças envolvido:

É por conseguinte nesse ambiente vivido que integro profissionalmente o estágio e onde realizei o presente estudo. O grupo que fez parte do campo de estudo é constituído por 14 crianças, das quais 9 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. A idade das mesmas oscila entre os 21 e os 41 meses concluída até junho de 2014. Dessas 14 crianças, 7 transitaram da sala dos 12 meses, conjuntamente com a educadora cooperante da prática de ensino supervisionada em educação pré-escolar e comigo; duas das crianças estão a repetir a sala dos 2 anos (por questões de idade / maturidade); quatro frequentam pela 1ª vez a creche e uma criança veio de outra instituição. A sala dos 2 anos apresenta grande heterogeneidade, não só pela diferença de idades (dos 21 aos 36 meses), mas também por nestas idades faixa etária, o desenvolvimento é notório de dia para dia e, por conseguinte, um mês, produz toda a diferença no que diz respeito a aquisições e conquistas, próprias do desenvolvimento global, mas também por se verificar que numa mesma idade, entre uma e outra criança, existem discrepâncias no desenvolvimento, o que é considerado normal, visto que todas as vivências e aprendizagens que a criança já adquiriu até então, fazem dela própria um ser único, com personalidade, necessidades específicas e ritmos próprios. Tudo isto implica no adulto uma obrigatoriedade redobrada na disponibilidade

e capacidade de observar, refletir, agir e atuar permanentemente no cotidiano da criança, para transmitir intrinsecamente a cada uma delas, o apoio, a segurança e o estímulo necessário ao seu adequado desenvolvimento global.

É a partir destas considerações que se contextualiza a presente investigação visando a compreensão da problemática em estudo, bem como as questões de investigação inerentes à primeira.

A problemática:

- De que forma as relações parentais influenciam a construção de Eu maternal na primeira infância.

As questões de investigação:

- Como é que a mãe percebe as necessidades reais do seu bebé?
- A mãe revela conhecimento da importância que o processo de preparação da maternidade tem para a construção do Eu maternal na criança?
- Como é que a criança demonstra o processo de construção do seu Eu maternal?

Organização estrutural obedecida no estudo

A estrutura do presente estudo está organizada de forma clara e elucidativa compondo três capítulos:

No primeiro capítulo apresento a sustentação teórica envolta na problemática em questão. Deste modo início uma viagem envolvendo o amor, como o grande construtor do ser humano, explicitando o ciclo de preparação para a maternidade versus a construção do Eu maternal como subtema. A partir desta construção, explicito o conceito de desenvolvimento, segundo diversos autores, abordando a evolução da primeira infância.

Num primeiro subponto caracterizo a evolução do desenvolvimento afetivo segundo uma perspectiva psicanalítica, e num segundo subponto caracterizo-a segundo uma perspectiva psicossocial.

A par com a evolução da primeira infância desenvolvo os primórdios do jogo simbólico e a ação da criança inerente a este. Por último descrevo as relações parentais como um alicerce afetivo para o desenvolvimento global da criança.

O segundo capítulo é dedicado à metodologia do estudo um olhar sob a investigação.

Relato num primeiro ponto uma breve abordagem sobre a investigação, num segundo ponto as questões de investigação e num terceiro ponto a metodologia adotada na pesquisa. A partir deste último partem cinco subtemas, sendo esses:

- a descrição dos participantes no estudo,
- as técnicas utilizadas na recolha de dados,
- uma abordagem descritiva de que consta a observação participante recorrendo-se às notas de campo
- a caracterização da entrevista e todo o processo que a envolve.

No terceiro capítulo apresento a análise interpretativa dos dados em função da problemática e das questões colocadas.

Nas considerações finais descrevo a conclusão do estudo, respondendo ao problema e às questões erguidas, referindo constrangimentos e novos caminhos de investigação que se delinearam.

CAPITULO I:

**A problemática do estudo envolta na permanente viagem do
ser humano – um olhar crente e teórico**

1.1. Amor - o grande construtor do ser Humano

Encontrar a palavra adequada que caracterize o afeto maternal e o afeto do bebê pela mãe, torna-se uma tarefa arriscada que quase produz, diria, uma auto insatisfação. E isto, devido à grandiosidade de crescimento nas trocas, que a infinitude da ação implica em si.

As afetividades, segundo Harlow (1974), podem ser definidas como um conjunto de comportamentos e seus processos complexos subjacentes, que criam e sustentam as relações sociais individuais, ligando entre si os membros de uma espécie. (p.47). Para além de afetividade, outros termos foram empregues para classificar o que une ou descreve esses comportamentos sociais de base, tais como, amor ou vinculação. Para inúmeros especialistas comportamentais a palavra amor parece enraizar num preconceito de carga emocional, sendo pouco utilizada para satisfazer capazmente a descrição dos laços pessoais que estão nos primórdios de uma relação social íntima no ser humano. Contudo, para outros pensadores, ambas são utilizadas definindo a sua essência, parecendo-me bastante assertivas e adequadas.

Assim, e de acordo com Zazzo (1974) a vinculação dispõe de mecanismos inatos, sendo esta, na sua essência uma necessidade primária da natureza humana, consistindo numa tendência fisiológica inscrita em nós, como uma passagem do corpo à alma.

Segundo Zazzo (1974), o bebê, perante o apelo à necessidade biológica primária de alimento, na correspondência com a mãe, obtendo-o, transfere voluntariamente a importância da primeira necessidade para outra mais valiosa - o contacto com a mãe - que lhe assegura, através deste, o bem-estar e a segurança, como uma força emotiva una. Foi na envolvimento desta emoção que Harlow (1974), lhe chamou amor, enquanto Bowlby, descrevendo mecanismos, empregou a expressão de vinculação. Esta situação ressalta da natureza primária do amor e da força indomável da necessidade de vinculação.

No fundo, a mensagem essencial que gostaria de transmitir é que o bem estar interior do bebê, a sua sensação geral de vitalidade e o seu sentimento de plenitude e felicidade – traduzido na inegável expressão que o vulgo designa como “sorriso dos anjos” -, do mesmo modo que o futuro da saúde mental e o desejo de viver e produzir é determinado pela qualidade, congruência e força dos afectos e projectos que tecem e enriquecem a dimensão relacional da vida. É com amor e sonho, partilha e esperança que se cresce e cria. É neste terreno fértil que medra o conhecimento. O próprio corpo, sem esse húmus, mirra ou adoece. (António Coimbra de Matos, 2007, p.54)

O Homem é um ser em permanente viagem. Uma viagem do ciclo da vida, iniciando-se antes mesmo da existência do ser. Do ser sentido e físico, surgindo progressivamente e através do sonho, do desejo e da sede do ser real. Sendo a partir desta força geradora de vontades que brota os primórdios da vida, crescendo sob um caminho de cumplicidade afetiva e relacional. Este caminho tecido é apenas o início da vida face a face com o mundo exterior. É pois, este caminho nutrido de amor, o impulsionador, o motor para o sentido do ser, para o medrar do conhecimento, da esperança do desejo de crescer, e da luta pela própria vida, plena de saúde mental.

O destino do homem determina-se na forma como ele é gerado, no calor dos braços que se lhe estendem, na ideologia que o envolve e na liberdade que lhe é proporcionada para imaginar, experimentar e pensar. Para ser criativo da sua própria pessoa e das obras. (Santos, 1983, p.299)

O homem nasce do sonho de ser amado, desenvolve-se a partir dos afetos continuados que o significam, constrói-se na relação investida com amor, retirando daí o prazer de existir, de ser um ser amado, que lhe dá consistência necessária para percorrer o caminho da vida.

Quando o ser humano nasce, solta o seu grito como primeira manifestação de vida, despertando na mãe a globalidade dos seus sentidos, dos seus estímulos sensoriais, que a fazem efetivar a realidade da relação una, vivenciada agora olhos nos olhos. Através da relação primeira, mãe-bebé, na cumplicidade da unicidade interacional da linguagem dos afetos, o bebé existe na medida em que a mãe lhe dá existência, dando-lhe significado, envolto numa mãe suficientemente boa, capaz de lhe dar prazer e desprazer, de uma forma equilibrada e instintivamente inteligente, abrindo-lhe um caminho precioso para a sua própria autonomia, para um caminho longo e sinuoso na construção do seu próprio eu maternal. Citando Winnicott:

Com o tempo, o bebé começa a precisar para ser malsucedido em sua adaptação (...) Para uma criança, seria muito aborrecido continuar vivenciando uma situação de onipotência quando ela já dispõe dos mecanismos que lhe permitem conviver com as frustrações e as dificuldades de seu meio ambiente. Viver um sentimento de raiva, que não se transforma em desespero, pode trazer muita satisfação. (1988, p. 56).

Winnicott refere, relativamente à função maternal, ser esta uma função descontínua, interrompida por exigências exteriores, tornando-a numa mãe suficientemente boa, entrosando equilibradamente uma mãe boa (englobando uma mãe presente, transmissora de prazer) com uma mãe má (proporcionando ausências e desprazeres), ambas, capazes de facultar ao seu filho, a sabedoria de saber esperar e a percepção para o entendimento de que ele próprio é um ser separado dela.

Winnicott (1988) refere que, “Um bebé não existe para existir, tem que ter alguém que o ame incondicionalmente, que o contenha, que o signifique, alguém que pense por ele”. Alguém que nos significou para existirmos. O corpo é o primeiro comunicador, o maior transmissor da alma. A linguagem corporal do bebé transmite o que de mais profundo existe, comunicando sinais quando necessita de algo ou o incomoda, uma reação primária, alertas de sentimentos e necessidades, e a leitura que a mãe descodifica torna-se num entendimento primordial para ambos.

Os afetos primeiros, fazem-nos entender a realidade. Segundo J. Santos, “A educação começa no berço – o grande especialista da criança é a mãe, tudo quanto o homem tem de essencialmente humano e faz parte da sua estrutura, aprende-o com a mãe” (1983, p. 214). Os afetos oferecem a razão da existência, estruturam-nos e facultam-nos regras capazes de nos organizar na própria vida. Constituem o alimento primordial do pensamento, gerador da inteligência emocional, razão, cognição e emoção em harmoniosa sintonia.

J Santos refere, “A inteligência vem mais do calor afectivo e da espontaneidade das mães do que da herança dos pais. Não só a inteligência, mas também a criatividade e a sabedoria.” (1988, p.31)

A essência do ser existe na impregnação da envolvência dos afetos, na significação do amor primeiro e incondicional da mãe que adivinha o seu filho, que o sente como a ela própria, contendo-o através da dualidade relacional que os torna uno. A mãe que significa, que dá sentido de existir com a sua própria existência, neste jogo mágico de cumplicidade e entendimento, tornando possível a razão do ser; nesta perfeita articulação interacional de afetos, tornando capaz a satisfação da curiosidade, envolta em rituais de comunicação (no olhar, nos movimentos do corpo, através do choro e do gemido, no desassossego e na tranquilidade). É nesta dinâmica que se constrói a organização do pensamento, em que o bebé é ativo no seu próprio processo. A mãe como primeiro “alimento”, possibilitando-lhe o entendimento do mundo e da realidade. A mãe que lhe oferece a envolvência do meio social, que lhe apresenta o pai, permitindo-lhe um processo de desenvolvimento na construção da inteligência, esta, propulsora de uma racionalidade com maleabilidade, capaz de lhe transmitir a capacidade e

curiosidade de entendimento do sentido das coisas e do sentido da vida. O bebê já possui uma classificação do mundo, antes mesmo de organizar a realidade concreta; nos afetos elabora perfeitas classificações inconscientes, aquando sorri para a mãe ou se mostra sisudo perante um estranho. O afeto é por conseguinte o notável impulsionador para a organização do mundo, o fertilizante para a própria vida. A inteligência emocional constrói-se a partir da relação, sendo o desenvolvimento afetivo e cognitivo, inseparáveis e indissociáveis.

1.1.1 O ciclo – preparação da maternidade versus construção do eu maternal

A construção interior maternal envolve todo um processo, percorrendo um longo caminho a par e passo com a própria vida do ser humano. Através da preparação da maternidade, traçamos ao outro, um caminho na construção de eu maternal, e por sua vez, a partir da construção do eu maternal, preparamo-nos para a maternidade.

Um dos aspectos que me foi pedido que desenvolvesse foi o da preparação das futuras mães. Aqui, eu preferia começar pelo problema da preparação dos jovens, dum e outro sexo, para as responsabilidades no seu futuro próximo, como pais. Um filho não desejado, não aceite ou que não é a consequência natural duma relação amorosa total e autêntica, é uma criança mal recebida e, portanto, muitas vezes afectivamente rejeitada, outras generosamente protegidas. (Santos, 2013, p. 69)

Fixando-se no desejo de gerar um filho, este, vai progressivamente ser integrado ao longo do processo de evolução da sexualidade da mulher, podendo efetivar-se quando o encontro amoroso assoma com um homem cujo desejo seja idêntico, gerando desta forma uma triangulação originária – mãe – pai – bebé. Citando J. Santos “ O destino do homem determina-se na forma como ele é gerado (...) ” na força interior gerada com o desejo de querer e imaginar algo que não existe na realidade palpável, mas existindo na nossa mente, construído e imaginado com amor.

Não creio que possa haver equilíbrio mental para uma criança, cuja relação com a mãe foi precocemente perturbada. Ou haverá ainda alguém que acredite que a doença psíquica aparece assim, como por acaso, numa pessoa sem problemas infantis por resolver? (Santos, 2013, p. 69)

Na concretização do desejo, momento de aceitação da gravidez, marcada pela turbulência de emoções contraditórias, balanceadas entre o sonho e o receio, a mulher ensaia um momento novo, nunca antes vivenciado por ela, implicando fortes transformações psicológicas, traduzidos por riscos que comportam o primeiro trimestre de gestação. A futura mãe experimenta sentimentos de angústia e dúvida, reflexo das transformações que a nova condição implica. A aceitação e adaptação ao novo ser, através de um processo dinâmico de construção, desenvolvimento e amadurecimento. O acompanhamento e apoio psicológico da mulher grávida pelo futuro pai torna-se primordial, preservando assim o processo de preparação maternal de ambos, a sua saúde mental e a do seu filho. Gerando em todo o seu ser, um espaço

de acolhimento onde permitirá ao seu bebé crescer globalmente saudável, nutrindo-o com o seu amor e espírito são.

À medida que a gravidez avança, os medos e receios tendem a dissipar-se. É comum a ocorrência de uma reaproximação da própria mãe com o intuitivo propósito da compreensão de si própria como forma de construção no entendimento do seu filho, colocando questões relacionadas com a sua história passada, de como era quando era bebé. Fase esta, que compreende um retrocesso psicológico. Findo este momento ambivalente, possuidor de grande carga emocional, a mãe natureza encarrega-se de proporcionar à mulher grávida um momento compensatório, uma renovação de sensações de bem-estar e de calma interior, onde esta elabora a aceitação plena da realidade do seu bebé, como um ser único, percebendo que o ser acolhido por ela é um ser com existência própria dependendo exclusivamente dela. Ao longo deste período a mulher grávida experimenta com o seu bebé um diálogo interior muito próprio, que só eles o entendem e o sabem decifrar, consistindo num processo de construção relacional de conhecimento e amor mútuo. Decorrida esta vivência, a mulher grávida enfrenta um novo período, marcado por uma grande viragem na apropriação da aceitação física e mental face ao novo ser. Relaciona-se aqui a sua capacidade de confronto entre o bebé de fantasia e o bebé imaginário, entre o sonho e o desejo, isto é, o sonho tornado desejo real. Confrontos esses, de aceitação, indo proporcionar aos futuros progenitores uma ligação afetiva entre ambos, progressivamente mais alicerçada, forçando-os a refletir sobre a sua própria construção relacional, interrelacionada à primeira, sendo esta uma identidade maternal própria.

Winnicott refere, “Penso que quando o bebé já está pronto para nascer, a mãe se adequadamente assistida por seu companheiro, (...) está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem quais são as necessidades do bebé.” (1988, p.4)

A qualidade afetiva relacional do casal, no sentido consciente e real de transformação da criação familiar, nomeadamente o apoio presencial continuado do futuro pai relativamente à sua participação no processo de gravidez, torna-se primordial, tonando-se na possibilidade capaz de o efetivar num pai com fortes ligações de laços afetivos para com o novo ser. A par com esta finda etapa de preparação para a chegada de(a) nova vida, traduzida num processo de envolvência dinâmica e relacional do casal, constitui-se o pilar do processo da função maternal de ambos. Esta grandiosa etapa na viagem do percurso do Homem produz a monumental distinção em que através do sonho e do amor o bebé experimenta prematuramente que antes de ser gerado, já era esperado, já existia inexistindo, e já era desejado. E tudo (re) começa no nascimento. O património genético determina-se no novo ser, caracterizando-o aquando do momento da fecundação e durante a gestação,

(...) mas é a partir do nascimento que se desenvolvem as qualidades e as aptidões. A pessoa espiritual é, na sua essência, o resultado da relação primária que a criança estabelece com o mundo à sua volta, quer dizer, com a mãe, principal intérprete do ideal comunitário onde ela própria se integra. (Santos, 1988, p.31)

A mãe age pela força do amor sentido e construído, oferecendo ao seu filho o adequado desenvolvimento na sua plenitude global.

Quem é criado (e se cria) necessita de harmonia, que o envolva; de coerência e de consonância com as ações maternas. Uma criatura é mãe quando pode dar continuidade ao movimento amoroso que a fecundou, à gestação que a preencheu e à espiritualidade do seu clã. (Santos, 1988, p.31)

1.2 Evolução da primeira infância – conceito de desenvolvimento

O processo de desenvolvimento do ser humano deve e tem de ser encarado como um sistema aberto, onde todos os aspetos interagem, tendo em conta a estrutura biológica, e a sua interação com o meio envolvente. Segundo Winnicott (2005. p. 27), “ O desenvolvimento, (...) é uma função da herança de um processo de maturação, e da acumulação de experiências de vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador.” Sendo que esse processo pode ser exposto em termos de dependência absoluta, dependência relativa face a um caminho rumo à independência. O conceito desenvolvimento relaciona-se com o crescimento e progresso do ser humano significando uma progressiva evolução das estruturas somáticas e melhoria nas capacidades de autonomia pessoal, (Peres, Serrano e Cunha, 2009) consistindo numa procura de evidências comportamentais típicas ou decisivamente marcantes, reportando mudanças e simultaneamente a busca de consistências e estabilidades. O termo desenvolvimento foi objetivado por Gesell, citado por Branco, (2013, p. 208), definindo em cada fase da vida na infância do ser humano, desenvolvimento motor, linguagem, adaptação e comportamento social. O autor citado refere que:

O desenvolvimento pode ser compreendido como uma resultante em cada momento do crescimento quantitativo dos órgãos e maturação das estruturas, da integração dos instintos e reacções emocionais primárias, pelas funções superiores e pelas aquisições obtidas na experiência vivida pela criança nas instituições humanas.

O ser humano é na sua intrínseca natureza um ser social, quando o ambiente vivido por ele é gerador de estímulos afetivos, sensoriais e verbais. Envolvendo adultos que traduzam segurança e confiança, tornar-se-á num ser nutrido com amor em franco desenvolvimento sadio.

Segundo Wallon, citado por Branco (2013), o desenvolvimento infantil é caracterizado por uma transformação constante, impossibilitando a definição de personalidade, visto que esta traduz na criança, na sua essência, uma personalidade em devir. As atitudes da personalidade na criança sobrepõem-se, todavia, à globalidade comportamental em cada fase de desenvolvimento, regidas por uma atitude específica face a esta. Por conseguinte, “ o desenvolvimento infantil é caracterizado por crises evolutivas durante as quais se verifica uma completa modificação na hierarquia dos valores psicológicos” (Branco, 2013, p.208).

Segundo Thomas e Chess (1987) citado por Portugal (1998) a personalidade inclui aspetos temperamentais, fazendo com que a criança se expresse em resposta a estímulos externos. O

desenvolvimento da personalidade da criança é afetado pelo seu próprio temperamento, na influência produzida do ambiente relacional em que esta se desenvolve. Deste modo, de acordo com os mesmos autores, citados por Portugal (1998, p.33) estes “Consideram o temperamento como inato, um produto misto de factores genéticos e experiências intra-uterinas, representando assim tendências comportamentais constitucionais.”

1.2.1 Evolução do desenvolvimento afetivo na primeira infância – Abordagem psicanalítica

No decorrer da primeira infância, o ser humano revela características observáveis no seu desenvolvimento, desvelando etapas específicas na evolução afetiva e mental da sua personalidade. Assim, “O recém-nascido permanece num de dois estados: tranquilidade-incomodidade; (...)” (Branco, 2013, p. 208). Segundo a mesma autora, finda a primeira semana, o bebê volta-se na direção do seio da mãe, buscando tranquilidade quando algo o incomoda no âmago do seu ser mais profundo. Na terceira semana fixa a face da mãe, e no final do seu segundo mês de vida sorri para ela; significando uma comunicação de quem não apenas lhe dá tranquilidade mas simultaneamente prazer. Aos quatro meses de idade, o bebê experimenta o desprazer, manifestando descontentamento quando a figura materna se ausenta por instantes. Odier citado por Branco refere que “ a ansiedade é pela primeira vez sentida quando a mãe desaparece do campo visual da criança.” (Branco, 2013, p. 208). As manifestações emocionais mais diferenciadas, tais como a alegria, a simpatia, o sofrimento e a cólera, vão permitir a comunicação com outrem, surgindo aos seis meses. No terceiro trimestre surge uma predominância de emoções negativas, iniciando-se o exigir em alternativa ao submeter-se passivamente. Neste período, os objetos tornam-se propriedade sua; esboça os primórdios do sentimento de ciúme perante a perspectiva de perder a mãe, inquieta-se, é impulsionado a experimentar sentimentos de ansiedade. Nesta fase, o bebê é totalmente dependente do conforto que a mãe lhe proporciona através do alimento e outros cuidados, e também do prazer que ela lhe presenteia através do seu amor, colo, e palavras. A ansiedade perante o desconhecido inquieta o seu ser, surgindo ao oitavo mês a estranheza face ao outro não incluído nas suas relações. Com a entrada no seu primeiro ano de vida dá-se uma inversão nos papéis começando a criança a afastar-se da mãe. Função das suas novas experiências, chamemos-lhe assim, aquisição da marcha e da linguagem, cada vez mais notória, exploração do meio envolvente, e comunicação com outros. A partir destas novas conquistas exploratórias, a mãe inquieta-se temendo os diversos perigos que ameaçam o seu filho, este por sua vez, (Branco, 2013, p. 209) “ (...) sente a ansiedade da mãe e parece contagiar-se por ela.” A mãe busca incessantemente inculcar à criança o seu receio face a esses perigos, ensinando-lhe a ter medo, causando-lhe, por conseguinte, ansiedade. A mãe que, ao longo do primeiro ano de vida do filho, o estimulou à ação, objetiva agora o seu desenvolvimento exploratório. Segundo Winnicott (1993, p. 5) “(...), o desenvolvimento emocional do primeiro ano de vida lança as fundações mesmas da saúde mental do indivíduo humano.” A primeira crise da personalidade

surge no final da primeira infância, quando a criança elabora uma tomada de consciência de si própria e dos objetos que lhe pertencem. Ao adquirir esta consciencialização sente-se confrontada com o meio, gerando-se o conflito com os pais. A partir deste, emerge uma dupla situação, uma crise de insegurança e simultaneamente de narcisismo, “ a criança ama-se a si própria, é egoísta e possessiva: experimenta o seu poder, ora pelo negativismo, (...) ora pelo maneirismo (...) ” (Branco,2013, p.209) estilo típico afetado e precioso, definido por a idade da graça de Homburger (Erikson, 1950).

1.2.2 O desenvolvimento psicossocial segundo a teoria de Erik H. Erikson

No decorrer dos primeiros anos de existência, a criança trava a sua grande luta, de estar, ou não, confiante. Segundo Erikson, citado por (Sprinthall & Sprinthall, 1993, p. 141), “ sob condições educativas apropriadas, estes opostos são resolvidos numa nova condição denominada “esperança”. Deste modo, findo os dois primeiros anos, a personalidade da criança caminhará para uma perspectiva fundamentalmente positiva. Nasce, por conseguinte, a primeira categoria do desenvolvimento psicológico; confiança versus desconfiança, compreendida desde o nascimento até aos vinte e quatro meses, também intitulada de esperança. Esta categoria reporta à qualidade no trato do bebé, à atenção e ao afeto que percorrem as ações de cuidar, alimentar, dar banho, vestir, e envolvimento no pegar e abraçar, desenvolvendo em si sentimentos de confiança, traduzidos na esperança primordial da necessidade que o bebé tem em se significar através do toque e calor humano. A segunda categoria, designada por autonomia versus vergonha, também intitulada por vontade, acompanha a criança desde os dois anos até ao final da sua primeira infância. Esta nova etapa de maturação física permite que a criança ande, corra e trepe, faculte-lhe os meios necessários para uma grande evolução na sua autonomia. Fase esta, exploratória, que impulsiona a criança a envolver-se ativamente sobre situações e acontecimentos que a rodeiam. A confiança aliada a esta desenvoltura, própria de maturação física e muscular, fá-la libertar-se de ações de dependência, nomeadamente do uso do biberão, da chucha ou do seio materno, permitindo-lhe simultaneamente o controlo dos esfínteres. Erikson salienta que se na primeira categoria a criança é intuitivamente sensível na forma como as suas necessidades de dependência são atendidas e satisfeitas, facultando-lhe um desenvolvimento emocional sadio, também na segunda categoria a criança necessita de ser independente, e a forma como esta conquista lhe é satisfeita irá contribuir para o seu sentido de autonomia pessoal. Para Erikson, (1976, p. 110), “ De um inevitável sentimento de perda de autodomínio e de um supercontrolo parental resulta uma duradoura propensão para a dúvida e vergonha”. Assim, a evolução do controlo sobre si própria, poderá eventualmente ser prejudicada, como ser positivamente desenvolvida no decorrer desta fase da infância. Para Erikson, (1976, p. 110), “Somente a firmeza parental pode protegê-lo contra as consequências de sua discriminação e circunspeção ainda não educadas.” Deste modo, para o desenvolvimento da autonomia é essencial uma confiança inicial solidamente desenvolvida. Segundo Winnicott a aquisição de independência realiza-se a partir da construção da dependência, sendo esta uma necessária dupla dependência, entre mãe e filho.

Tal como Erikson e Winnicott, Piaget valorizou os três primeiros anos de vida evidenciando a importância do nascimento do pensamento simbólico, da linguagem, do desenho e do raciocínio intuitivo.

1.3 O nascimento do jogo simbólico

O brincar nasce com os primórdios do ser, a partir da vivência prazerosa que a mãe oferece ao seu bebê; ao vê-la mover-se, ao ouvi-la falar-lhe, no sentir o calor e na envolvimento que os seus braços lhe proporcionam. Santos refere que,

O brincar exige reciprocidade, antes de se passar à prática da brincadeira solitária e da reflexão sem movimentos. É na reciprocidade do jogo com o outro que oferece, retira, recusa ou prodigaliza, que se aprende a comunicar. Brincamos com a mãe, (...) com o corpo inteiro e com as partes do corpo; aprendemos a manipular e a manipularmo-nos, para não sermos manipulados e adquirirmos autonomia de funcionamento interno; é do prazer autónomo que se faz o amor. (2013, p.99)

É pois através desse caminho de experiências satisfatórias na díade mãe-filho, que a criança irá brotar a sua capacidade imaginativa e fantasiosa capaz de lhe proporcionar a sua força criadora do jogo simbólico.

Aos 18 meses surge visivelmente os primórdios da função semiótica. Esta função consiste na capacidade que a criança já possui, em representar algo, um objeto ou acontecimento. Este momento é para a criança um grande passo, pois torna-se capaz de evocar um objeto ausente ou um acontecimento passado. Segundo Piaget, esta função semiótica pode ser observada através da imitação diferida; do jogo simbólico, do desenho, da imagem mental ou ainda pela linguagem.

Na evolução da imitação, do jogo relacional da linguagem, e da imagem mental, cada um na sua especificidade mas simultaneamente interligados na sua estrutura, possibilitam à criança uma harmoniosa progressão na passagem de uma forma de pensamento presente e concreto, para o pensamento representativo, organizando desta forma a eficácia das suas estruturas mentais imprescindíveis que vão dar origem à nova forma de pensamento. Através deste processo surge o jogo simbólico.

A idade dos 2 anos marca o início do pensamento pré-operatório, sendo notório o desenvolvimento da brincadeira, revelando cada vez mais a sua capacidade de criação das suas vivências com recurso ao jogo simbólico, baseado nas imitações e representações de experiências de vida, o que poderá demonstrar não só a competência cognitiva mas também a exteriorização emocional.

De facto, no início do período pré-operatório é notoriamente observável a evolução no desenvolvimento cognitivo, relativamente ao jogo simbólico, à linguagem e em todas as sequências de ações que surgem, revelando funções relacionadas entre si. Piaget (1997) refere que, o jogo simbólico é uma atividade natural da criança onde ela desenvolve de um modo muito especial as suas capacidades intelectuais.

Segundo o mesmo autor, o jogo simbólico reside em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos, como funcionalidade de assimilar a realidade, possibilitando à criança a realização de sonhos e fantasias.

Desde muito cedo que a criança utiliza um tipo de jogo, no qual se estende no mundo da fantasia, imaginando ser alguém, dando vida e movimento, mesmo que se trate de um objeto inanimado. No jogo simbólico ela vivencia na sua plenitude os papéis que desempenha, experienciando emoções. A criança representa para si, e mesmo que tenha algum público a assistir, o seu egocentrismo natural faz com que esse público seja admirador de si própria, do seu ludicismo e não como objeto da sua atuação. Sobre a primordial importância do jogo simbólico no desenvolvimento psicológico da criança, inúmeros autores, citados por, (Sousa 2003) têm demonstrado o seu estudo, salientando a sua importância relativamente ao desenvolvimento da personalidade:

(Erickson, 1965) e (Brunner, 1966), afirmam ser o jogo imaginativo um meio através do qual a criança adquire o seu senso de individualidade e desenvolve a sua capacidade de relação social. Sobre o jogo na sua forma imaginativa dramática, (Vigotsky, 1970) e (Bolton, 1983), consideram-no como algo que desenvolve de um modo muito especial as capacidades de pensamento abstrato, por levar a criança a conceber imaginariamente ações e objetos que não estão imediatamente presentes na sua percepção do real. (Valente, 1991), refere que, jogo, drama, e desenvolvimento psicológico estão visivelmente presentes na criança, e intrinsecamente ligados, sendo visíveis na criação de situações e meios de envolvimento afetiva capazes de fazer brotar na criança o seu próprio processo criativo, em que o símbolo se tornará signo, pleno de sentido e significado.

O jogo simbólico é, ele próprio, impregnado de significados e emoções, proporcionando na própria criança um universo infinito de comunicabilidade, facultando a compreensão de si e do outro. Revelando atitudes e culturas próprias e diversificadas.

Na envolvimento do corpo nasce a ação, o pensamento e a sensibilidade exploratória para todo o meio envolvente, na sua forma de agir, numa conquista impulsionadora na compreensão do mundo. A criança na sua séria atividade do brincar integra uma unicidade global de sentidos

ligando-os às experiências do quotidiano com um sentido prático da vida. Toda a atividade simbólica pressupõe uma racionalidade de entendimentos de carácter criativo, lúdico e imaginativo, capaz de dar resposta às necessidades primordiais da criança; a de exteriorização de si, e a busca de prazer na construção de aprendizagens, permitem deste modo a assimilação de mais experiências. Deste modo a criança desenvolve um processo de competências físicas, cognitivas, emocionais e relacionais, com sentido crítico e estético, como pilar para o crescimento interior de um ser reflexivo, envolto em atitudes e valores, que a tornará num ser humano mais completo, mais autónomo, mais realizado e feliz, mais capaz de se integrar e de enfrentar o seu caminho de vida. Segundo Winnicott (1979) a criança disfruta na sua brincadeira ações baseadas em situações que vivencia e que se identifica, particularmente com os seus pais, ao representar situações reais de brincadeira que consistem em arrumar o lar ou cuidar dos filhos. O vivenciado, transmite, por conseguinte, intrinsecamente na criança o privilegiado ensinamento através do seu meio envolvente. “ Dizendo isto de outra maneira, será possível ensinar as pessoas como construir um lar se nunca tivessem brincado de pais e mães?” (p.117)

1.4 As relações parentais – o alicerce afetivo para o desenvolvimento integral do ser humano

De facto tudo o que é essencial na aprendizagem aprende-se com a mãe, visto que o desenvolvimento emocional e o desenvolvimento cognitivo são indissociáveis; razão e emoção caminham lado a lado. A inteligência emocional é a matriz de toda a inteligência, que cria e faz prosperar a compreensão do mundo. Não somente pelo facto de

(...) a emoção e o afeto estarem na origem da formação das estruturas neurobiológicas do ser humano mas também por, na inteligência emocional, radicar a aptidão fina para integrar num todo continuum, compreensivo e relacional as formas mais elaboradas da racionalidade. (Branco, 2010, p 356)

O afeto primeiro e continuado e a sabedora capacidade de cuidar na justa medida, nutre o espírito humano para as mais diversas formas de progressão no desenvolvimento do ser humano. Segundo (Young, 2013), citado por Nery, os mecanismos que envolvem as relações emocionais entre pais e filhos, nomeadamente a qualidade da relação e a capacidade de vinculação produzem alterações no desenvolvimento fisiológico e nas funções cerebrais, sendo biologicamente visíveis.

Torna-se evidente que (...) “ é através das figuras precoces de vinculação (...) e dos bons, adequados e atempados estímulos emocionais e afectivos por elas fornecidos, que o equipamento biológico de base das estruturas nervosas da criança adquire o seu correcto desenvolvimento dando origem à formação do Eu equilibrado e consistente.” (Santos, 2010, p.117)

A teoria proposta por Winnicott e Klein, relativamente às relações de objeto refere-se às relações emocionais entre um sujeito e o objeto amado, que através de um processo de identificação comum, contribuem para o desenvolvimento do Eu. Neste sentido, define-se por objeto, uma pessoa ou algo que a represente, com a qual o ser humano estabelece uma relação emocional, possibilitando-o na identificação com o outro. Klein, (1960), enfatiza a elementar importância da primeira relação objetal do bebé, na relação com a mãe e com o seio materno, constatando que esse objeto é internalizado, deixando para sempre marcas no seu Eu, enraizando uma estrutura base para um esboço alicerçado no desenvolvimento sólido da unidade do Eu.

Uma mulher pode exercer uma função paternal para o seu filho criança; será difícil que ela possa exercer essa função para com o seu filho adolescente. Um homem pode exercer para com o seu filho criança, uma função maternal, embora seja difícil que ele possa exercer para com ele as funções da mãe primária. Santos, (1983, p.104)

Mãe e bebê são uma unidade que se funde, assim ditou a natureza. A mãe que acolhe o filho ainda no seu ventre transmite-lhe a harmonia, a envolvimento, e a segurança necessárias; nutrindo-o com a sua sabedoria, sonho, amor e esperança, que irá fazer parte dele próprio. Uma simbiose que os une numa cumplicidade ímpar. De acordo com Klein, (1960) o bebê antes de nascer para o mundo exterior, já existe para um mundo interior, onde ele próprio cria objetos internos, não correspondendo integralmente aos objetos externos. Deste modo, o bebê quando nasce para o exterior já detém um mundo interior, renascendo para um mundo exterior, que o fará ser capaz de experimentar angústias e produzir mecanismos de defesa. Quando o bebê nasce para o mundo exterior a mãe apaixonou-se. O bebê carrega já com ele esse patrimônio vivido que o fará alimentar a mente como uma força impulsionadora na certeza de que vale a pena lutar pelas efemérides da vida. A mãe investe intrinsecamente desde cedo no seu filho, na sua capacidade intuitiva e amadurecida de cuidar; adivinhando-o, próprio da sua essência; fruto da simbiose vivida entre ambos, definindo universalmente a função de mãe primária.

No entanto, torna-se primordial sublinhar que, (Strecht, 2003) o nascimento de um bebê implica forçosamente mudanças intrinsecamente naturais na identidade pessoal e social da nova mãe e do novo pai. Tornando-se pais, altera a relação de um com o outro, deixando a sua condição primeira de parceiros maritais, passando a incluir uma terceira pessoa, fruto continuado deles próprios. Só desta forma se conseguirá alcançar as funções adequadas e naturais que cada um ocupa no papel de mãe e no papel de pai. Assim, surge, ser relevante definir primeiramente, alguns aspetos relativamente ao papel que cada progenitor ocupa de acordo com a sua função de mãe e de pai, nomeadamente a função maternal, a função paternal e a função maternal primária.

Esta natureza de caminho impulsiona o desencadear espontâneo de se tornar possível a existência de uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1983), sendo que, a função maternal segundo Winnicott, implica dois fundamentos no papel que a mãe desempenha: o segurar (holding), na forma como o bebê é agarrado na envolvimento do colo da mãe; relacionando-se com a capacidade da mãe de se identificar com o seu filho, nas trocas afetivas, como reforço de segurança. O manipular (handling), envolve o contacto físico através do cuidar; alimentar e nas

trocas de comunicação de brincadeira, criando um espaço transitivo de mudança na apresentação de objetos, espaço esse que proporciona à criança a capacidade de se relacionar, dando-lhe a possibilidade da construção de relacionamentos interpessoais.

A mãe suficientemente boa, objeto interno e externo de amor, mãe nutridora, sabiamente capaz de ser simultaneamente duas; a que responde aos apelos do seu bebê e a que não responde, na justa medida... Sendo que, a mãe que se movimenta em torno do território do seu filho, dando-lhe prazer e satisfação é o objeto externo. E a mãe quando está presente, satisfazendo necessidades e desejos, e quando se ausenta, frustrando o seu filho, proporcionar-lhe-á o caminho primordial para a sua própria criação imaginária. É na ausência do objeto de amor que se dá o reconhecimento deste. Facultando de certa forma ao bebê, constatar a sua existência real, mas também fazendo-o sentir nas ausências a existência de uma mãe má, que o frustra e que se ausenta para corresponder a necessidades exteriores, nomeadamente na atenção dirigida ao pai. Momento este decisivo e de mudança que a mãe encena magicamente apresentando o pai ao filho, contribuindo grandemente para a percepção do bebê face à figura paterna. Segundo (Santos, 1991, p. 111), “ A personagem materna exerce sobretudo uma função envolvente e preenchedora dos vazios; a paterna é a que interfere e separa ou altera a simbiose primária que existe entre mãe e filho.” É, por conseguinte, a figura paterna a braços com a materna que cria o espaço de frustração ótimo consistindo numa personagem fundamental para a criação do imaginário da criança.

A mãe é a imagem em espelho do nosso corpo e da nossa fantasia. Pai é o ser que se descobre como a outra imagem da mãe, como uma abertura para o social. A mãe primária passa então a ser a MULHER, a mulher do pai, a mulher que nos permite a abertura para a vida social. (Santos, 1988, p.32)

Através das relações parentais, nesse percurso trilhado de afetos nasce a muito possível libertação de um ser integralmente são e encaminhado para a vida, “ (...) e completam a imagem de que pode ser realmente muito bom ser-se mãe ou pai, sabendo que isso representa um compromisso de ligação e crescimento que nunca terá fim.” (Strecht, 2007, p.58).

Capítulo II

A base de todo este estudo, um olhar atento sob a investigação

2.1 Breve abordagem da investigação em educação

Refletindo sobre a evolução dos processos de análise de investigação na primeira infância, segundo (Spodek, 1992, XI) (...) “ incluem necessariamente actividades e contextos de acção (...), valorizando (...) a função de cuidar.” A vasta investigação existente sobre crianças até aos três anos reporta sobretudo do seu desenvolvimento durante esta fase, (desde o trabalho desenvolvido por Hall, passando pelos estudos realizados nos centros de investigação em educação de infância de Rockefeller), coloca essencialmente a abordagem na compreensão das crianças. Estes estudos investigativos visavam estabelecer padrões de desenvolvimento, buscando verificar as diferenças individuais nesses padrões, bem como a influência destes, face a inúmeros fatores ambientais. Nos dias de hoje, a investigação e a prática em educação de infância, persistem voltadas para o campo do desenvolvimento da criança. Pelo facto de que, a capacidade de aprendizagem da criança no decorrer da primeira infância, de acordo com, (Spodek, 1992 XII) “ (...) é determinado em grande parte pelo seu nível de desenvolvimento. Cumulativamente, o modo como as crianças se desenvolvem nesta fase é determinado por aquilo que aprendem.” Fazendo o paralelismo desta análise apresentada, reportando-me ao enfoque do meu tema de investigação, como reforço do que foi descrito, sublinho o facto de que, o ser da criança, e a forma como apreende e se envolve na sua própria aprendizagem está intimamente ligada ao seu desenvolvimento emocional no decorrer dos seus primeiros anos de vida, ou seja a aprendizagem adquirida pela criança que nos reporta à inteligência cognitiva depende grandemente da inteligência emocional, determinando assim o seu nível de desenvolvimento. Paralelamente a investigação nos vários domínios do desenvolvimento nesta faixa etária, proporcionou um aumento significativo no alargamento de conhecimentos nas diversas áreas conceptuais da educação. Todavia, a investigação ligada à primeira infância estende-se para lá da prática educacional, visa uma auto exigência na continuidade formativa do educador/investigador ao nível de conhecimentos teóricos, progredindo assim a qualidade das suas práticas de educação oferecidas às crianças. Através de uma incessante busca investigativa, nomeadamente na constante observação e reflexão sobre as minhas ações, na correspondência do que estas proporcionam e facultam no desenvolvimento de cada criança, bem como no entendimento de todos os fatores que a envolvem e a influenciam. Através da globalidade desses fatores assenta o pilar da investigação em educação face ao seu progresso.

2.2 Questões de investigação

Antes de passar a descrever a metodologia adotada, considerei importante apresentar novamente, mas agora neste ponto fulcral, a problemática do tema e as questões de investigação, salientando a fase em que foram captadas. Foi, por conseguinte, no decorrer do processo de investigação, já numa fase observacional consistente que ecoaram as questões chave, impercetivelmente acolhidas na interrogação primeira. Para conhecer e aprofundar as relações interpessoais na primeira infância onde emergem as relações parentais e a construção do Eu maternal, desenvolveram-se as seguintes questões:

- (Como é que) a mãe percebe as necessidades do seu bebé?
- A mãe revela conhecimento da importância que o processo de preparação da maternidade tem para a construção do Eu maternal na criança?
- Como é que a criança demonstra o processo de construção do seu Eu maternal?

2.3 Metodologia adotada na pesquisa

Para a realização do presente estudo adotei uma metodologia de natureza qualitativa comportando uma “ (...) abordagem e tratamento dos fenómenos educativos” (esteves, 2006, p. 105). A presente investigação procura descodificar os significados implícitos nas interações relacionais familiares, numa tentativa de alcançar o entendimento da problemática em questão, a partir do envolvimento direto com o grupo de crianças, assim como nas interações que constituem a realidade social do grupo em análise. A metodologia aplicada para o presente estudo assenta numa investigação qualitativa de carácter empírico e exploratório. O carácter exploratório mostra que, segundo Sousa, o processo de investigação não é guiado “ (...) por hipóteses porque o investigador não pode possuir à partida uma compreensão suficiente do fenómeno que começa a estudar nem das relações entre os fatores que eventualmente possam existir.” (2005, p.30). A observação sistemática de diferentes comportamentos a diversas crianças, não visa uma confirmação da questão de partida, através de experimentações, visto se tratar de um campo intrinsecamente empírico, no qual está implicado um processo construtor da mente relativamente ao contributo no património das primeiras vivências de afeto. Visa sobretudo descortinar os comportamentos causais, deixando em aberto as possíveis consequências dessas influências causais, numa tentativa de melhor compreender o desenvolvimento global do ser humano.

“ As investigações exploratórias tendem a estudar várias variáveis e as suas interpretações tendo em vista a compreensão do fenómeno,” (Sousa, 2005, p.30). O processo de investigação do tema sobre a construção do eu maternal na primeira infância, Pela dualidade complexa que comporta o estudo de comportamentos, descortinando uma construção intrínseca, requer uma redobrada observação, atenção, reflexão, paciência, racionalização e paixão, sobre o que se quer “ver” e entender, numa tentativa de fazer sair de dentro, vendo o invisível. De acordo com, (Coelho Rosa, 1994, p.7)

A racionalidade da investigação consiste, por conseguinte, na humildade de não-saber, na docilidade em aceitar a manifestação sem a perverter, na constância e na diligência em prosseguir, de vestígio em vestígio, mesmo quando não se vislumbra um sentido final do percurso.

A investigação exige uma imensa maturidade interior do ser humano. Impõe paciência, perseverança e humildade na capacidade para enfrentar os próprios erros e corrigi-los, e no

encarar a eventual incompreensão do outro. A investigação exige, por conseguinte, uma autoconfiança e uma grande dose de esperança em nós próprios, face ao caminho que se enfrenta e segue.

Segundo Erickson, citado por Spodek, (2010) as abordagens qualitativas à investigação em educação de infância, estão ligadas tanto às humanidades como às ciências sociais buscando apoio de referencial teórico à filosofia, à psicologia e à antropologia, possuindo em si um carácter de investigação muito diversificado, englobando inúmeras teorias e metodologias. Assim, e com o propósito de reunir tal diversidade, propôs designar a investigação qualitativa na sua globalidade abrangente de investigação interpretativa distinguindo conotações quantitativas que procuram encontrar relações de causa – efeito entre fenómenos, centrado num paradigma positivista. Contrariamente a este, o paradigma interpretativo, qualitativo, Segundo Spodek, (2010, p.1039) no cerne da investigação interpretativa “ (...) encontra-se a paixão por um entendimento do significado que as pessoas vão construindo com as *acções situadas* que levam a cabo no quotidiano, isto é, acções” «« situadas, ao mesmo tempo, num contexto cultural e nos estados intencionais mutuamente interactivos dos participantes.»» (Bruner, 1990, p. 19)

Torna-se pois primordial a preocupação constante no entendimento das especificidades do significado comportamental através das ações observadas. Tais comportamentos, não são desprovidos de significado, a sua relevância surge na capacidade do investigador em ver essas ações ou comportamentos despidos dos significados e intenções de si próprio.

De acordo com (Fine & Sandstrom, 1988), salientam-se particularidades fundamentais na observação participante de crianças, sendo que,

O objetivo mais óbvio da investigação qualitativa com crianças será talvez conseguir conhecê-las e ver melhor o mundo pelos seus olhos. A um nível mais profundo, este estilo de investigação parte, cumulativamente, do princípio de que os menores têm um bom conhecimento dos seus mundos, que estes mundos são especiais e dignos de nota, e que nós, como adultos, podemos beneficiar ao olhar o mundo através dos seus corações e das suas mentes. (citado por Spodek, 2010, p. 1051).

Segundo (Bogdan & Biklen, 1994, p.47) “Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” O ambiente natural da minha pesquisa constitui a escola, cuja observação direta, livre e participante é direccionada ao grupo de crianças, face à sua ação na rotina diária, nomeadamente em sala, no refeitório, no recreio e em passeios temáticos. Utilizei frequentemente um caderno de

apontamentos e máquina fotográfica, registando desta forma dados de situações e acontecimentos que considero relevantes. “ Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Os dados recolhidos assentam na análise da sua riqueza, de acordo com o envolvimento e o distanciamento necessário do investigador face ao respeito de captar, fazendo sair o mais fielmente possível, não os deformando com suscetíveis opiniões ou preconceitos. Os dados descritivos assentam em perfeitas narrativas desvelando a criança em si, de acordo com a sua forma de ser e estar no mundo. Tal como referem Bogdan & Biklen, (1994, p.49) “ A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo.”

O processo constitui para o investigador a importante base do seu estudo, muito mais do que o próprio resultado final. Através da análise do processo o investigador relaciona ações comportamentais deduzindo e clarificando o que pretende compreender. A teoria fundamentada de Glaser & Strauss, (1967) assenta na forma como os investigadores qualitativos analisam os seus dados de forma indutiva, significando que o objetivo do investigador face à recolha de dados não implica uma resposta às suas teorias, mas sim, que a direção no caminho tomado na investigação é fruto dos dados recolhidos e da experiência vivenciada. (...) “ Com base em muitas peças individuais de informação recolhida que são inter-relacionadas.” Bogdan & Biklen, (1994, p.50). No estudo qualitativo o significado possui para o investigador uma importância vital, assentando no interesse que o investigador tem, face ao entendimento da forma como a diversidade que cada pessoa dá sentido à sua própria vida, ou seja o investigador tende a preocupar-se com as perspectivas dos intervenientes, designada por perspectivas participantes (Erickson,1986). De acordo com Bogdan & Biklen, (1994, p.51) “ Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior.”

O constante auto questionamento no sentido de entender o que experimenta, a forma como interpreta as suas próprias experiências e a forma como estrutura o quotidiano social em que se movimenta, caracteriza o ser do investigador qualitativo. O objetivo primordial do sujeito que investiga prende-se a um melhor entendimento do comportamento humano face à sua experiência, numa tentativa de compreender o mecanismo na construção de significado realizado particularmente por cada indivíduo.

2.3.1. Participantes no estudo

Os intervenientes para a realização da presente investigação consistem no grupo de catorze crianças com idades compreendidas entre os 21 e os 41 meses efetuadas até junho de 2014, das quais cinco do sexo masculino e nove do sexo feminino; na amostra de cinco mães de crianças do grupo entrevistadas, cujas idades compreendidas variam entre os 25 e os 38 anos; e a investigadora participante como instrumento principal atuando no local. Possui pois o privilégio de permanecer dia após dia, no direto em trabalho de campo, vivenciando com o grupo de crianças uma interação relacional, atuando com a perfeita consciência de distanciamento face a juízos de valor de acordo com o que vivencio na relação com cada criança. De acordo com Bogdan & Biklen, (1994, p. 113) “ Se, por um lado, o investigador entra no mundo do sujeito, por outro, continua a estar do lado de fora. (...) Aprende o modo de pensar do sujeito, mas não pensa do mesmo modo. É empático e, simultaneamente, reflexivo.” O facto de o investigador permanecer no mundo do sujeito caracteriza o trabalho de campo e a qualidade deste, “ (...) passa pelo estabelecimento de relações,” Bogdan & Biklen, (1994, p. 114) independentemente do método de investigação que se pratique na escolha de dados.

2.3.2. Técnicas e recolha de dados

Numa primeira fase de estudo, refleti sobre a natureza dos dados empíricos e sobre a sua qualidade em contexto da abordagem investigativa em que foram concebidos.

A fase inicial do estudo investigativo empírico é constituída pela recolha de dados. O que decorre desta fase inicial consta na concretização do objetivo ou seja, na produção de conhecimento científico, através da organização e tratamento desses mesmos dados.

O autor Wolcott, (1994), citado por Afonso, (2005, p. 111) afirma que “ (...) o maior problema do investigador principalmente não é o de saber como vai recolher os dados, mas sim o de imaginar o que fazer com os dados que obteve.”. A tarefa de interpretar e de fazer perceptíveis os dados recolhidos, torna-se gigantesca a quem num primeiro projeto de investigação se envolve.

Na atual investigação, a análise de dados tem como base um processo de busca e de organização sistemático de transcrição de entrevistas e de notas de campo que foram sendo recolhidos, tendo como objetivo a compreensão dos mesmos por parte do investigador, assim como a sua apresentação aos outros. A análise envolve todo um processo de trabalho com os próprios dados recolhidos, nomeadamente a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido, bem como a deliberação acerca do que irá ser transmitido aos outros. Deste modo, na presente investigação qualitativa recorri a três técnicas na recolha de dados, sendo essas; a observação direta livre (através de um olhar direto e simultaneamente a partir de uma visão fotográfica, a imagem fotográfica captada produz um reavivar da memória, refletindo mais aprofundadamente sobre o que relatei a partir do que observei). Bogdan (1988) refere que, “ Embora as fotos possam não provar nada de forma conclusiva, quando usadas em conjunção com outros dados podem adicionar-se a uma pilha crescente de provas.” Bogdan & Biklen, (1994, p.186).

A observação participante baseou-se na realização de notas de campo e em entrevistas semi-dirigidas tendo em conta três critérios:

Segundo, Afonso, (2005) o critério de fidedignidade diz respeito ao valor verdadeiro dos dados recolhidos, garantindo que os dados obtidos não são distorcidos. O critério referente à validade dos dados no contexto inserido supõe a relevância da informação obtida para o fim que se pretende alcançar.

Por último, o critério da representatividade consistindo em garantir que quer os sujeitos envolvidos, quer os contextos selecionados exibem o que a pesquisa pretende.

Numa segunda fase, Wolcott, (1994, p. 12), citado por Afonso, (2005, p. 114) sugere conceitos básicos para orientar a organização e exploração dos dados, de acordo com a ênfase colocada na descrição, na análise ou na interpretação, segundo os quais orientei a minha pesquisa:

Centrando-me na descrição, os dados consistem numa recolha que nunca é pura, uma vez que esta implica a sua análise e interpretação, sendo estes dados já teóricos. Uma das formas de organizar os dados num texto descritivo é a cronológica, própria da narrativa, utilizando também referências nos processos de observação.

2.3.3. A observação

Devido ao facto da escolha do tema a investigar ter surgido muito prematuramente, a observação direta intencional também ocorreu desde cedo, numa fase em que algumas crianças do grupo ainda produziam através das suas ações de brincadeira o esboço do jogo simbólico. Assim, a observação direta iniciou-se em novembro de 2013 e prolongou-se até abril de 2014, tendo por conseguinte uma duração de cinco meses, durante as quais foram registadas as notas de campo. Esta observação direta constituiu em si uma participação ativa em atividades de brincadeira exploratória, no cuidar e em toda a envolvência de comunicação relacional, visto que o trabalho de campo constitui o próprio local de trabalho. Embora houvesse situações em que o meu papel tomava propositalmente uma posição de retaguarda observando de “fora” inserida no local, situações de brincadeira solitária e outras ações que envolvessem somente a educadora com a/s criança/s. Segundo Bogdan & Biklen, (1994, P. 125) “É necessário calcular a quantidade correcta de participação e o modo como se deve participar, tendo em mente o estudo que se propôs elaborar.” Segundo o tema a investigar e paralelamente tendo em conta a faixa etária que se enquadra, considero de primordial importância que a observação seja direcionada para todas as ações que cada criança realiza, visto se tratar de a observar na globalidade de comportamentos de afeto, no cuidar de objetos e na forma como se manifestam em cada situação em particular, traduz muito dela própria. Do mesmo modo a observação, o modo como atuo e participo depende essencialmente da minha forma de ser, dos meus valores e da minha personalidade. Não tendo por hábito condicionar ações nem respostas às crianças, mas sim conduzi-las de uma forma orientadora livre e espontânea, levando-as a sair delas próprias o que já é seu intrinsecamente. Fine e Sandstrom, (1988), citado por Bogdan & Biklen (1994) referem que, “As crianças apresentam um desafio especial em termos relacionais.” (p.126). Manifestamente, as crianças tanto produzem ações solitárias, permitindo ao investigador uma observação não – participante, mas que pressupõe um envolvimento; como apelam ao investigador a interagir com elas, nas mais diversas ações, facultando deste modo ao investigador, uma observação – participante, “ (...) brincando e agindo como as crianças, enquanto trabalhavam e brincavam. (...) Como um quase-amigo.” Bogdan & biklen, (1994,p.126). Ao longo de todo o processo, ora de observador, ora de observador participante contínuo, fui registando de forma descritiva e pormenorizada com o cuidado de descrever o mais fielmente possível da realidade, surgindo pequenas narrativas revelando situações ímpares face à temática a investigar. Esse registo precioso, aquando a sua leitura se efetiva, torna-o

imaginariamente perceptível a situação vivenciada, constituindo deste modo a construção das notas de campo.

2.3.4. As notas de campo

As notas de campo são preciosas para o investigador não apenas para efetivar a observação participante, mas também fundamentais como auxílio na condução de uma entrevista, em que a utilização de um gravador pode ser por vezes limitativo, apenas captando a voz do entrevistado. Desta forma fui registando o que observei (a par da conversa gravada), nomeadamente expressões faciais de comoção, prazer, felicidade e seriedade e também gestos corporais que considerei relevantes para a avaliação de determinados dados. Bogdan & Biklen, (1994, p.152) explicam o conteúdo das notas de campo:

(...) as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações.

As notas de campo descritas a partir da observação da/s criança/s relataram situações diversificadas, algumas na ausência de diálogo, por um lado porque a criança produzia uma brincadeira solitária, por outro porque ainda não verbalizava enquanto brincava, ou ainda pelo facto da observação não constituir interação, outras revelam comunicação verbal entre pares, com a educadora e com o próprio investigador. Outro pormenor que considerei fundamental, em cada nota de campo foi o de referenciar o dia da semana, a hora, o local e o estado do tempo que se fazia sentir em cada situação observada, fatores esses que considero de extrema relevância visto produzirem alterações comportamentais significativas em cada criança e no grupo de crianças.

2.3.5. A entrevista

A entrevista constitui na investigação qualitativa uma peça fundamental na agregação ao conjunto de dados recolhidos, em que todos se foram ligando numa engrenagem com sentido.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.134) “ (...) a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.” Bringham e Moore (1924) referem que “ a entrevista é uma conversa com um objectivo” e Ghiglione e Matalon (1985), definem-na como “ (...) um encontro interpessoal que se desenrola num contexto e numa situação social determinadas, (...)” Citado por (Sousa, 2005, p.247). A entrevista permite no decorrer de um diálogo franco e aberto, surgindo de um modo natural e espontâneo as perguntas do entrevistador ao entrevistado, visando uma possibilidade de esclarecimentos do investigador, na possibilidade de uma melhor compreensão das respostas que lhe facultam, face a oscilações, certezas, dúvidas e motivações que acompanha cada linha de pensamento do sujeito entrevistado.

O método adotado na entrevista seguiu uma linha orientadora de entrevistas semi-dirigidas. De acordo com Sousa, (2005, p.249) este método, requer “ (...) do entrevistador uma cuidadosa preparação e uma rigorosa sequência da entrevista, (...)” Na entrevista semi-dirigida existe no início da mesma uma certa orientação por parte do entrevistador, deixando que o entrevistado siga a sua linha de pensamento, intervindo apenas nas situações em que o sujeito tende a distanciar-se do tema em questão. A entrevista semi-dirigida busca compreender os pensamentos, os sentimentos, os motivos e motivações de cada entrevistado. O entrevistador tem como função estimular o sujeito, conduzindo-o a falar sobre o assunto que envolve a temática, sem qualquer espécie de pressão na obtenção de resposta. A função desta entrevista prende-se em obter uma visão globalizadora das questões problemáticas em estudo e paralelamente certas características da personalidade do entrevistado.

Tais características apresentadas, reuniram os parâmetros das entrevistas realizadas em busca das questões a desvendar.

2.3.6 Procedimentos

Em conversa informal com a orientadora do relatório final ficou definido a realização de entrevistas a cinco pais, aferindo a sua relevância como dado fundamental na complementaridade do estudo. Decisão essa que partilhei, numa conversa informal com a educadora cooperante da prática de ensino supervisionada do mestrado em educação pré – escolar e simultaneamente com um membro da direção da instituição onde permaneço profissionalmente e desenvolvo a minha pesquisa de estudo, pedindo autorização para efetivar a realização das entrevistas. Após o consentimento procedi à redação de um pedido formal dirigido aos pais (em anexo) com o intuito de explicar o percurso, dar a conhecer o estudo e a importância da temática (a educação no século XXI), bem como a disponibilidade na aceitação da mesma. Na referida carta solicitei preferencialmente a presença da mãe para entrevistar (não excluindo o pai, mas no caso da presença de um só progenitor). Decisão essa pessoal, pelo facto de valorizar a função maternal primária como primeiro vínculo afetivo, natureza essa que permite um relato de experiências ímpares, na possibilidade capaz de decifrar os eixos da análise em estudo.

Relativamente ao critério utilizado na escolha das cinco mães a serem entrevistadas obedeceu a um conjunto de fatores: em primeiro lugar, é de assinalar que não houve uma ordem clara, uma seleção ordenada de forma óbvia. De certa forma, os critérios envolvidos, para a seleção, das mães, misturam-se em termos de ordenação, com os da escolha das crianças. A seleção das mães foi em função de uma pré seleção das crianças. Também as características peculiares das mães lideraram o critério de seleção das mesmas, nomeadamente características sócio culturais e de personalidade.

Na seleção das crianças houve, igualmente, critérios a liderar, os comportamentos observados através de ações diversas, manifestando diferenças significativas na forma de cuidar e por último a questão da diversidade do género (três rapazes e duas raparigas).

As mães aceitaram com agrado e prontidão a serem entrevistadas, surgindo uma marcação eficaz consoante a disponibilidade de cada interveniente, entrevistados e entrevistador. Deste modo as entrevistas foram realizadas no dia 28, 29 e 30 de maio (duas entrevistas) e no dia 3 de junho a última entrevista, respetivamente no corrente ano de 2014. Foi pedido previamente a cada entrevistado a possibilidade de trazerem no dia da entrevista algumas fotografias de família, desde a infância da mãe até a atualidade. Quatro mães explicaram-me a inviabilidade, não tendo em seu poder tais registos, havendo apenas uma que levou efetivamente as fotografias solicitadas. O objetivo deste pedido prendia-se em tornar a

entrevista numa conversa descontraída e informal, tendo como ponto de partida na visualização das mesmas envolvendo um diálogo acerca do percurso de vida de cada família. No início de cada entrevista esclareci o intuito da mesma, elucidando que consistia numa conversa retrocedendo a própria mãe, numa viagem em memórias de infância rumo à pessoa que é atualmente, uma mãe com o seu filho (e tudo o que implica). Foi também pedido a autorização para a gravação da mesma. As entrevistas decorreram num ambiente psicologicamente confortável, revelando bastante disponibilidade nas respostas às questões colocadas.

Capitulo III

Análise de dados

No presente capítulo irei apresentar a análise interpretativa dos dados da investigação, cuja metodologia empírica assentou em dois instrumentos de recolha de dados: as entrevistas semi-dirigidas e as notas de campo. Primeiramente debruçar-me-ei sobre o conteúdo dos dados das entrevistas e numa segunda fase à análise das notas de campo.

Descritos os procedimentos metodológicos seguidos para o desenvolvimento deste estudo, passarei, no presente capítulo, a apresentar de forma interpretativa a análise dos dados obtidos ao longo do processo de pesquisa, tendo por referência o quadro conceptual que o suporta, bem como os objetivos e as questões de pesquisa orientadoras do mesmo. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 205) a análise e a recolha de dados corresponde ao:

Processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.

Considerado o instrumento de recolha de dados adotado, procederei à análise dos dados das entrevistas semiestruturadas realizadas às cinco mães, protagonistas do estudo.

Com o intuito de facilitar a compreensão da análise interpretativa, evidencio as diferentes categorias que emergiram da análise ao *corpus* informativo das entrevistas realizadas, a saber:

1. Construção do eu maternal da mãe;
2. Preparação da maternidade como construção do Eu maternal na criança;
3. Perceção das necessidades reais do bebé;
4. A vivência do nascimento – As relações parentais como construção do Eu maternal na criança.

Seguidamente analiso interpretativamente, as entrevistas, tendo como base as categorias, para uma melhor compreensão das mesmas.

1- Construção do Eu maternal na mãe

Winnicott (1988) refere que “um bebé não existe para existir, tem que ter alguém que o ame (...)” alguém que nos significou para existirmos.

O processo de construção do eu maternal nas mães entrevistadas é evidenciado nas relações que foram estabelecidas com as referências parentais ou familiares.

O processo de caminho na construção do Eu maternal na **mãe1** está patente nas descrições referentes às situações de brincadeira na sua vivência de infância. Atualmente, a mãe ao ver o seu pai brincar com o neto, seu filho, surge um reavivar das memórias de infância com os seus próprios pais. (...) “ Mais o meu pai até do que a minha mãe, a brincar com o Xavier, eu vou lembrar-me de coisas que eu sei que ele fez comigo. Um jogo (...) lembro-me do calor das mãos dele a tocarem na minha cara e a fazerem-me esse jogo. A **mãe1** relata as memórias relacionais vividas no seio familiar referindo lembrar-se (...) andar no carrinho onde o Xavier hoje anda (...) E eu (...) a ser puxada pelo meu pai e o meu irmão andar ao colo da minha mãe (...).”

Os dados descritivos da entrevista realizada à **mãe2** revelam a recordação da infância da mãe em situações diversas com os seus pais, “Todos os minutos que eles podiam estar em casa, que não estivessem a trabalhar, para mim eram ótimos, eram fantásticos.” Referem recordar alguns episódios de brincadeiras, sobretudo com o pai, “ (...) a minha mãe, ela é que nos acompanhou, (...) o percurso da escola, esteve sempre muito presente. O pai “ (...) tem aquele miminho, talvez por ser menina, e o meu pai brincava mais. Por isso tenho muito mais ligação ao meu pai... embora não tivesse tanto tempo para estar com ele (...). “ (...) eu só via o meu pai praticamente aos fins-de-semana.”, “ (...) talvez devido há minha educação, um pouco rígida, dos colégios que andei, sempre fui assim uma criança mais fechada, (...)”, “A minha mãe, a ligação que tenho para a minha mãe é a parte da igreja.”, “ (...) só quero que os meus filhos tenham outra maneira de ver.”

A **mãe 3 revela** as vivências de infância no seio familiar:

“ Somos sete raparigas e um rapaz.”, “ (...) brincávamos, saltávamos à janela porque a minha mãe não nos deixava sair à rua para brincar, ela ia trabalhar (...) o mais velho (...) tomava conta dos mais pequenos.”, “Ficávamos ali, (...) ela fechava-nos à chave, dava a chave à vizinha (...).”, “Lembro-me que (...) aqueci uma panela de água, e conforme aqueci, ferveu, tirei de cima do lume e a vasilha partiu-se, queimeimei-me toda, (...)”, “ (...) o meu pai sempre foi distante (...) trabalhava no Algarve quinze dias, vinha um fim-de-semana a casa (...) quando ele vinha era uma festa (...) trazia-nos aquelas bonecas algarvias que vinham naqueles plásticos transparentes, (...)”, “ (...) nós a brincar com as bonecas era só vê-las na caixinha arrumadinhas.”, “ (...) a minha mãe é mais crespa (...)”, “ (...) mais rígida (...) a minha mãe para falar, gritava, (...) mas nós lembramo-nos quando era para bater preferíamos que fosse a

minha mãe do que o meu pai (...) estava com o cinto (...) quando ninguém se acusava apanhava tudo, tudo a eito, era assim.”

Também as mães 4 e 5 enunciam as experiências que tiveram na infância, acrescentam ainda, a influência que essas relações tiveram na adultez.

A **mãe 4 salienta** a diferença da infância dos filhos da que teve: “A minha infância foi completamente diferente da infância dos meus filhos.”, “Eu acho piada até fazer esta análise, (...) é uma coisa que nós não temos tempo de fazer muitas vezes.”, “ (...) o que eu recordo é uma mãe de facto muito presente, muito neurótica, muito difícil (...) e de eu ser uma miúda muito complicada. Estava sempre doente. (...) quando eu estava doente dormia comigo. Ia-me buscar à escola, trazia-me ao colo, mesmo na escola primária...”, “ (...) Era aquela preocupação e não (...) compreendia... Portanto muito sufocante. Mas isso também sou eu a ver agora, porque na altura eu até me sentia protegida de alguma forma por ela, (...) ”

Para a **mãe 5** as experiências relatadas foram diversificadas:

“ Lembro-me perfeitamente de brincar (...) De ir ao armário da minha avó, (...) de tirar tudo possível e imaginário, as roupas da minha avó e sapatos e ir pelos corredores, que a minha avó tinha um corredor muito grande e (...) fazer desfiles. Com as minhas irmãs também, elas eram mais velhas, portanto ajudávamo-nos todas umas às outras a vestir. (...) Com o meu pai também me lembro, apesar de ser diferente (...) ele esteve em casa até aos meus seis anos e depois saiu (...) em casa lembro-me de brincar com o que eu mais gostava que era (...) aos médicos, ele deitava-se e eu a fazer de médica e ele adormecia e eu ficava furiosa (...) Com a minha mãe não me lembro de brincar. Eu brincava muito sozinha (...) horas e horas e horas e horas sozinha e conversava com os brinquedos (...) Em termos de educação lembro-me de uma coisa e tento fazer (...) exatamente o contrário, que é (...) a minha mãe era muito não, não, porque não (...) E eu é que mando e é assim e eu odiava, (...) a justificação que a minha mãe nos dá hoje em dia e vale o que vale é que ela acabou por ser um bocadinho mãe de três filhas sozinha (...) e tinha que impor regras (...) ela sentia muita responsabilidade perante até o meu pai se as coisas não corressem bem, (...) ela não ajudava muito dessa parte (...) eu não sei, eu acho que não era por causa disso, eu acho que era mesmo assim o feitio dela, porque ainda hoje é um bocadinho assim e eu revoltava-me isso (...) ”

Constata-se que as mães entrevistadas revelam as suas experiências de infância e que por vezes refletem sobre o papel que desempenham na vida dos filhos, aludindo a João dos Santos,

O destino do homem determina-se na forma como ele é gerado, no calor dos braços que se lhe estendem, na ideologia que o envolve e na liberdade que lhe é proporcionada para imaginar, experimentar e pensar. Para ser criativo da sua própria pessoa e das obras. (1983, p.299)

2- Preparação da maternidade como construção do Eu maternal na criança

Tal como refiro no capítulo I, relativamente ao processo de preparação da maternidade versus construção do Eu maternal, é comum a ocorrência de uma reaproximação da própria mãe com o intuitivo propósito da compreensão de si própria como forma de construção no entendimento do seu filho, colocando questões relacionadas com a sua história passada, de como era quando era bebé. Fase esta, que compreende um retrocesso psicológico. Findo este momento ambivalente, possuidor de grande carga emocional, a mãe natureza encarrega-se de proporcionar à mulher grávida um momento compensatório, uma renovação de sensações de bem-estar e de calma interior, onde esta elabora a aceitação plena da realidade do seu bebé, como um ser único, percebendo que o ser acolhido por ela é um ser com existência própria dependendo exclusivamente dela.

A **mãe 1** refere que ao longo da gravidez ocorreram episódios (...) que voltaram à memória (...), efetivando uma reaproximação da própria mãe. (...) Quando engravidei, foi a reaproximação, (...) partilhar experiências, perceber o que ela sentiu quando esteve grávida de mim, o que eu estava a sentir.”

Também a **mãe 5** salienta nesta fase uma reaproximação da mãe com a própria mãe:

“Claro, (...) Como é que era, a mãe, e até perceber a minha mãe em determinadas coisas de cansaço (...) Perceber a ela porque eu estou a viver o mesmo não é. É verdade. Em paciências, em tolerâncias,” Relativamente às influências no desenvolvimento do bebé no decorrer do processo de gravidez, os dados relatam, “ (...) eu não, nunca me estudei muito sobre isso, mas sinto que se calhar teve alguma influência. Eu estava numa felicidade enorme na primeira gravidez e a Rosarinho é uma criança feliz, feliz, (...) ela põe toda a gente a rir à volta dela e realmente eu sou uma pessoa assim tranquila, (...) Sou uma mãe tranquila, não, não sou ansiosa, tenho um grau de paciência e tolerância muito grande (...) e se calhar isto transmite-se nas gravidezes para o bebé, mas confesso que nunca estudei muito o assunto.”

A **mãe 3** considera o percurso da gravidez como uma importância primordial para o desenvolvimento do bebé. “ Eu acho. (...) não compreendo o estado de graça, (...). Estar grávida era uma condição para ser mãe, (...)”, “ A gravidez é um estado físico, para mim, um bocado violento. (...) A nível hormonal eu era assim uma grávida chata, mal disposta, apesar do Jaime dizer que não, que acha mesmo que eu até era... Mais suave, (...) mais serena...”, “Mas, tenho a certeza dessa relação entre a gravidez e depois o percurso deles. Por ter tido três gravidezes e por achar que de facto aqueles meses seguintes quando eles nascem, (...) Podemos equipará-los à gravidez. Quanto mais instável a gravidez mais os bebés também são nervosos. E o Nicolau como foi o terceiro, uma gravidez também onde eu estava muito relaxada.”, “ (...) e de esperar que ele quisesse nascer... (...) E ele de facto nasceu, foi o parto mais fantástico que tive, foi o bebé mais simples, mais fácil de lidar, pode ter a ver com a idade, com a experiência, mas eu acho que tem a ver também com a própria gravidez, Acho que tem (...).”, “Quando fomos (...) ” (ao médico fazer a ecografia), “ (...) O pai já sabia que era um rapaz (...). O pai tem sempre a mania de adivinhar os sexos e escolher os nomes (...).”

Strecht (2007), refere:

(...) o que a futura mãe ou pai sonham, a existência (ou não) de um desejo preferencial de ter um filho de determinado sexo, os nomes que imaginam e querem escolher, têm razões profundas na vivências infantis e juvenis, e pressupõem o assumir de uma relação de boa qualidade afectiva anterior, (...). (p.149)

Para a **mãe 4** o processo de preparação da maternidade é um caminho pouco vivenciado, “ (...) eu sou a mais distante, (...)”. No sentido de desligada da família. Relativamente à importância do processo de acompanhamento da gravidez para a mãe e para o seu filho, os dados demonstram imparcialidade, “ (...) é-me indiferente, (...)”. Apesar de revelarem simultaneamente um gosto remoto no eventual acompanhamento da gravidez pelo marido ou pela mãe, “ (...) Sim, sim. (...) É, é, é isso, (...) eu posso não demonstrar...”, “Ah também merecia.” Em relação à importância deste processo para o desenvolvimento do filho, a análise divulga uma consciente percepção, “ Eu acho que tem um pouco, porque é assim, passei um bocado também durante a gravidez (...). E eu acho que (...) transmiti muito para ela, (...) fiquei desempregada (...). (...) tive para me separar, (...)”.

Por outro lado a **mãe 3** descreve a o processo de gravidez como descontraído:

“(...) A gravidez do Nicolau foi muito mais descontraída, muito mais relaxante.”, “Mais despreocupada, (...) Mais natural. Mais tudo, tudo. Até o parto acabou por ser assim o mais vivido e fácil por causa disso tudo.” Todo o processo de vivência tem influência no bebê, “Pois acredito que sim.

Winnicott afirma que: “Penso que quando o bebê já está pronto para nascer, a mãe se adequadamente assistida por seu companheiro, (...) está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem quais são as necessidades do bebê.” (1988, p.4).

3- Percepção das necessidades reais do bebê

Tal como referencio no capítulo I, o bebê transmite o que de mais profundo existe, comunicando sinais quando de algo necessita ou algo o incomoda, uma reação primária, alertas de sentimentos e necessidades, e uma leitura que a mãe descodifica torna-se num entendimento primordial para ambos.

A descrição dos dados revela primeiramente alguma dúvida em relação ao que são as necessidades próprias do filho, **a mãe 1** nomeia-as afirmando não ter certeza se são necessidades ou vontades, não revelando desta forma clareza. Contudo ao descrevê-las vai relatando noções percepcionais das necessidades do seu filho através da ação relacional no acto de cuidar. Referindo que, (...) “ eu sinto que ele tem necessidade (...) de ter (...) os dias estruturados. (...) se não dormir a sesta(...) eu sinto que o desregula. Portanto, necessidades eu (...) sinto que ele precisa de alguma ordem, de alguma estrutura. Tal como refere Strecht (2007),

Para que a função do sono seja bem regulada, é igualmente importante a existência e manutenção de ritmos dos pais no contacto com os filhos. Os ritmos são uma das principais características da modelação afectiva de que se reveste uma relação, e descrevem uma das qualidades da ligação dos adultos que cuidam de qualquer criança: uma desregulação significativa dos seus padrões terá sempre um impacto negativo na forma como o bebê se organiza mentalmente. (pp.37,38)

A **mãe 2** consciente do comportamento como desadequado afirma:

“Eu sei que não devia dizer isso. Mas (...) até um ano de idade, eu tenho dormido sempre com os meus pequenos. Não os consigo pôr num berço (...). Eu prefiro ficar a noite toda acordada

(...).”, “...na minha cama com ele ao colo, cheia de dores nas costas, mas eles têm que estar comigo.”

A análise do conteúdo da entrevista da **mãe 3** refere afirmativamente quanto à percepção das necessidades próprias do filho. Embora quando a questioneei sobre quais seriam e se a mãe as satisfazia, responde-me “ Algumas, algumas, nem todas, nem todas porque é assim, ela fez uma lista de brinquedos.” Após esta resposta auxiliei-a no sentido de referir os cuidados que o seu filho necessita e lhe transmite, nomeadamente a alimentação e as rotinas de repouso, nas quais a mãe refere, “Ela tem, (...) é assim, ela às nove horas já está a dormir (...). Muitas vezes ela come (...) e nós estamos a comer e ela ou deixa de comer e já não quer mais ou come uma sopa e já não come o prato, ela é assim, eu para lhe dar de comer é um bocado cansativo.” Relativamente ao facto de a mãe referir que tinha amamentado o seu filho até janeiro de 2014, questioneei-a sobre como ambas encararam essa situação. “ (...) custou-me, (...) Custou a ela também porque eu tive que fazer um truque para lhe deixar de dar de mamar (...) «filha a mamã está aleijada, não pode, deita sangue queres?» Porque eu pintei os mamilos com batom vermelho.”. Relativamente a situações em que requerem ações de desprendimento por parte da mãe, capazes de promover autonomia e consequente segurança ao filho, os dados descritos apontam, “A mim custa-me, ela vai para casa dos meus pais, (...) eu sei que eles vão estar bem, mas custa-me, pronto custa-me, vai ser a primeira noite que ela vai ficar sem mim.”, “ (...) já dormiu lá, mas foi comigo lá, pronto é diferente. Eu estou a dizer ela hoje vai ficar lá, só vou busca-los amanhã à tarde, (...) não sei como é que vai ser a reação dela, (...) ela chama-me de noite, «oh mãe desapareceste daqui» (...) ”, “ (...) a minha preocupação é a Gabriela.”, “ (...) eu já disse ao meu marido, vou ver, não sei, (...) se vou trabalhar contigo, (...) ” o marido responde-lhe: “ (...) ai, tens que despegar um bocado das crianças (...).”

A **mãe 4** perceciona as necessidades do seu filho fazendo uma análise de si própria a partir das suas vivências de infância. “ (...) eu cresci no campo(...) lembro-me das brincadeiras... de correr. Por isso é que eu acho que me faz muita impressão neles o pouco tempo que têm ao ar livre (...).”, “(...) faço questão de vir busca-los de elétrico e de deixá-los no jardim para se soltarem...”, “(...) ele gosta muito de brincar coisas de meninas, (...) a irmã veste-o de princesa e ele adora(...)”, “(...) adora sapatos, chapéus, (...) brincar de doméstica, sim completamente.”, “O Nicolau tem um discurso mais feminino de facto mais maternal. É. Ele gosta de cuidar, gosta de tratar, (...) Enquanto que o irmão, eu faço comparação porque é rapaz... Brinca com os carros, atira com os carros à parede...”, “Ele não, ele faz quase como nós fazemos...” ou seja a forma como a mãe e o pai cuidam dele próprio. “ (...) o Nicolau ainda é mais maternal do que a irmã.”

A percepção da **mãe 5** das necessidades do filho descreve-se assim: “ (...) é muita atenção, a minha atenção quando estou, principalmente quando estou. (...) O que é que ela mais gosta de fazer, gosta de ir ao jardim andar de balouço, (...) O prazer que lhe dá ir ao jardim, adora cantar, (...) a música para ela é importantíssima, (...) é mesmo uma felicidade e quer muito estar connosco, com os adultos, ela não está com as crianças. Ela quer imenso e chama e brinca imenso, e mete-se imenso com os adultos.”

Winnicott refere relativamente à função maternal, ser esta uma função descontínua, interrompida por exigências exteriores, tornando-a numa mãe suficientemente boa, entrosando equilibradamente uma mãe boa (englobando uma mãe presente, transmissora de prazer) com uma mãe má (proporcionando ausências e desprazeres), ambas capazes de facultar ao seu filho a sabedoria de saber esperar e a percepção para o entendimento de que ele próprio é um ser separado dela.

4- Vivência do nascimento – As relações parentais como construção do Eu maternal na criança

Os dados relatados pela **mãe 1** transmitem que os primeiros dias a seguir ao nascimento foram vividos exclusivamente entre mãe e filho. “ Acho que me fechei um bocadinho no meu mundo, até que os meus amigos mais próximos conhecessem o Xavier, (...) estava ali com o meu filho (...) era tudo novidade.” Relativamente ao marido refere que, (...) “ é um excelente pai (...) quando está, está mesmo e é super desde que” (...) o filho (...) “ nasceu. (...) O Xavier era mínimo e ele brincava com ele, fazia-lhe cócegas e cantava.”

Nesta fase do nascimento de um novo ser, a análise dos dados das entrevistas das **mães 2 e 3** apontam um sentimento de desamparo. Para a **mãe 2** o nascimento do filho foi um momento que exigiu adaptação “ (...) Quando ele nasceu, (...) o medo que eu tive, foi por ser o segundo bebé e talvez por ter uma menina ainda tão pequenina, houve aquele choque inicial. Não estava preparada para ter um novo bebé, mas depois foi... foi tudo fluindo e as coisas foram correndo melhor.” A mãe 3 refere que: “ (...) o mais difícil é eu sozinha a cuidar dos dois, (...) o João entrou para a escola, (...) a Gabriela tinha três dias, eu tinha que ir busca-lo e levá-lo e a Gabriela sempre comigo, (...)” Foi um bocado, (...) eu estava com pontos (...) essa situação toda custou um bocado, (...) leva-la à chuva (...) mas (...) já passou.”

Relativamente ao período que se segue ao nascimento Strecht salienta:

(...) nas primeiras horas, dias ou até mesmo meses, o suporte familiar à mulher seja algo de essencial, em que sobressaem o papel do pai, da mãe da própria mãe (a experiência de vida dá sempre um bom conhecimento empírico destas questões) ou de outros familiares próximos, para que esta não se sinta sozinha nem demasiado desgastada no cumprimento destas múltiplas tarefas. (2007, p. 29)

A **mãe 4** ressalta a identificação da mãe com o próprio filho através da forma como brinca. “Eu e o Nicolau, sim, identifico (...) identifico bastante.” As vivências de infância da mãe, sentindo-as como menos favoráveis, tende a agir de forma diferente na educação do filho. “ (...) eu tento fazer exatamente o contrário e às vezes consciente que não foi agradável.” Quando o filho nasceu, “ O que eu gostava mais de fazer (...) era ficar a olhar para ele. (...) É uma coisa que nunca me fartava.”, “(...) se há coisa que é milagrosa é ver o nascimento de um filho.”, “A maternidade é tê-lo nos braços, (...)”, “Vê-lo, olhar para ele, amamentar (...) Amamentá-lo era uma coisa que eu gostava muito, apesar de ser aquela coisa que nos prende, mas é uma coisa gostosa.”, “(...) Ficamos muito submetidas aos horários deles, eles sempre mamaram quando queriam (...) E era aquele cheirinho no pescoço. Estar com ele ao colo, cheirá-lo, vê-los. Aquela coisa mamífera, quase lambê-los.” Segundo Strecht (2007, p.40) “Os bebés devem ser pegados, tocados, acariciados, isto é, envolvidos fisicamente. Esta ideia, que corresponde à noção teórica de holding, é essencial para a estrutura psíquica de qualquer criança. »

Tal como a mãe refere, « O pai é maternal. (...) Tem esse lado completamente de tratar e de cuidar. (...) Ele aliás é um pai muito frustrado porque os pais não podem amamentar. »

A **mãe 5** compara as brincadeiras que teve em criança com as da filha “ Ainda não muito, porque eu brincava muito com bonecas e ela ainda não brinca com bonecas, ainda não está nessa fase acho eu. (...) ela não liga às bonecas, foi mais, também agora comprámos mais os bebés para ela fingir que era a mãe e uma banheira para ela dar banho ao bebé e nada, não sei se ela associou um bocadinho a nós estarmos a tentar, pôr na vida dela, o Vasco, antes dele próprio nascer para ela estar preparada, ela não brinca de todo com esses brinquedos. (...) E eu própria se calhar também ainda não puxei muito por isso, (...) quando eu tento ir brincar com ela e mostrar como é que se faz (...) ela não quer “não é assim, não é assim, eu é que sei”, está a ver, eu às tantas deixo-a fazer à maneira dela e não tento impor a minha maneira de brincar, portanto ela com os bonecos ainda não brinca, acabo por não me identificar muito com ela. (...).”

O destino do homem determina-se na forma como ele é gerado, no calor dos braços que se lhe estendem, na ideologia que o envolve e na liberdade que lhe é proporcionada para imaginar, experimentar e pensar. Para ser criativo da sua própria pessoa e das obras. (Santos 1983, p.299).

Por eu talvez ter brincado muito sozinha também não sei brincar muito em conjunto (...) e faço muito, porque também gostava imenso e ainda continuo a gostar e incentivo-a também a parte a gostar dos desenhos animados, não é por ser aquela coisa fácil de a pôr em frente à televisão (...) porque ela aprende imenso e depois sabe as deixas todas dos filmes e como eu sabia as músicas todas, (...) ela não é nada envergonhada, mete-se com toda a gente, mesmo as pessoas que ela nem conheça, (...) E com as crianças ela não se mete muito pra brincar, (...)”

2 Análise das notas de campo

Foram realizadas seis notas de campo (em anexo) no período compreendido entre novembro de 2013 e abril de 2014. Este período de observação alargado às crianças facultou-me a crescente apropriação na visão do seu percurso evolutivo face ao seu desenvolvimento global, nomeadamente na aquisição da linguagem e na efetivação visível do jogo simbólico. Saliento o facto de as crianças observadas nas ocorrências dos dados descritos são na sua globalidade, os filhos de cada mãe entrevistada. Assim, a correspondência mãe – filho será, **mãe 1 – criança 1**.

Cada nota de campo apresentada obedece à seguinte estrutura: Um espaço de identificação da situação, apresentando a data, a hora, o local e os intervenientes revelando o sexo e a idade.

Um espaço descritivo da situação ocorrida e outro espaço ainda relatando as inferências interpretativas e comentários que considere relevantes. Após uma primeira análise na leitura das notas de campo foi possível identificar as informações suscetíveis de serem agrupadas de acordo com as seguintes categorias:

- Jogo simbólico
- O brinquedo

- Atitudes comportamentais

Na categoria do jogo simbólico abrangem a totalidade das referências das notas de campo em que foram descritas situações de brincadeira, em que cada criança produzia ações com o jogo simbólico presente, revelando vivências reais do seu cotidiano.

Relativamente à categoria, o brinquedo, considerei relevante integrar os dados descritivos de uma nota de campo, cujo conteúdo assenta na escolha que a criança investe e na ação que efetiva com o seu próprio brinquedo.

Em relação à categoria de atitudes comportamentais integrei o somatório dos dados das notas de campo que reportam as ações que a criança produz no cuidar o seu semelhante e simultaneamente atitudes de comoção pelo outro.

Deste modo exponho o seguinte quadro com o intuito de explicitar o número de notas de campo por categoria:

Quadro 1 – categorização das notas de campo

Categorias	Notas de campo
Jogo simbólico	4, 9
O brinquedo	8
Atitudes comportamentais	1, 5, 7

Seguidamente irei proceder à análise interpretativa dos dados descritivos de cada nota de campo, seguindo uma orientação por categorias. Desta forma a justificação no critério da inclusão de cada nota de campo apresentar-se-á explícita de acordo com cada categoria. A análise das mesmas pretenderá descodificar como é que a criança demonstra o processo de construção do seu Eu maternal.

Categoria – Jogo simbólico

Análise da nota de campo 4

A análise dos dados revela as ações produzidas pelas crianças na maternalização de objetos através do jogo simbólico. “ A criança embala o menino bem aconchegado no colo, olhando-o com afeto.”, “ A criança embala o menino no colo segurando-o sem cuidados e sem o olhar.”, “ A criança recusa-se a embalar o menino.”

Análise da nota de campo 9

Os dados descritivos revelam ações de vivência do cotidiano através do jogo simbólico. “ A criança pega no bebê ao colo e senta-o em cima de uma cadeira chegando-o à mesa”, “mastiga bem e despacha-te a comer.”, “Olha ele vomitou. Vai para a cama e não come mais nada.”, “ A criança pega no bebê deita-o no colchão da sala e aconchega-o com uma manta. Em seguida volta para a cozinha (...) e começa a arrumá-la.

Vygotsky refere que,

(...) não existe brinquedo sem regras. A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, (...) A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer as regras do comportamento maternal. (1999, p.108).

Categoria – O brinquedo

Análise da nota de campo 8

A análise dos dados destapam os comportamentos produzidos perante a escolha de um brinquedo e as ações subjacentes a este. “ A criança tirou do saco roupas de boneca, um batom e uma boneca estilo “barbie”.”, “ Tenho uma festa,... vou vesti-la,...ao cabeleireiro,...vou pintá-la.”, “ Que senhora elegante, e que roupas tão bonitas, mas quem é?”, “ Não é uma senhora! É a minha filha! Vai ficar muito bonita, tenho de a levar a uma festa muito,..., muito, grande...”

Segundo Vygotsky, “ (...) o brinquedo preenche necessidades da criança, nada mais são do que uma intelectualização pedante da atividade de brincar.” (1999, p. 7).

O mesmo autor refere que, “ (...) Se não entendemos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade.” (p. 106).

“ (...) Se todo o brinquedo é, realmente, a realização na brincadeira das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas, então os elementos das situações imaginárias constituirão, automaticamente, uma parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo.” (p.107)

Categoria – Atitudes comportamentais

Análise da nota de campo 1

Os dados descritivos destacam ações, cujas atitudes comportamentais revelam o intuito de cuidar. “ Uma das crianças do grupo durante todo o passeio manteve-se ocupada em auxiliar a senhora, dando-lhe a mão para atravessar a rua, observando a sua forma de andar e na viagem de elétrico quis sentar-se ao seu lado, segurando-lhe a bengala. (...) Essa mesma criança de expressão ternurenta ofereceu a sua castanha à dita senhora.”

Análise da nota de campo 5

A análise dos dados revela atitudes comportamentais na criança que ressaltam sentimentos de comoção perante a situação vivenciada. “ Atuam agora as crianças de quatro anos, grupo que comporta um irmão da criança em questão. Sentada ao meu colo, esta, observa o atentamente a cantar, demonstrando uma expressão de ternura e admiração. Surpreendentemente, a criança, perante a situação, começa a chorar em silêncio, revelando uma expressão serena e feliz. Pergunto-lhe se está bem e se quer ir ter com os pais. Responde-me positivamente à primeira questão e negativamente à segunda, com um aceno de cabeça. As lágrimas continuam a rolar-lhe pelo rosto com a mesma expressão calma e ternurenta.”

Análise da nota de campo 7

Os dados revelam duas atitudes comportamentais distintas, relativamente à forma como cada criança acolhe um convidado, com o intuito de agradar e cuidar. “ Em virtude do dia mundial do compositor, recebemos a visita de um pai de uma criança da sala de 1 ano, cuja profissão é professor de música. (...) A **criança 1** afasta-se, indo à área da casinha preparar um prato com frutas e uma chávena de “chá” indo logo de seguida oferecer à visita. A **criança 5** dança em torno da visita, penteia-se e ajeita o cabelo com as suas mãos, olha-a fixamente, e com um grande sorriso e sentando-se ao seu colo, abraça-a.”

Considerações finais

O primordial interesse no tema investido surgiu de acordo com as motivações apresentadas na introdução do presente estudo; fixando-se estas no primeiro objeto de amor da criança (a mãe). Paralelamente, no decorrer do estudo, gerou-se a crescente convicção de que, através da relação primeira, mãe – bebê, na cumplicidade da unicidade interacional da linguagem dos afetos, o bebê existe na medida em que a mãe lhe dá existência, dando-lhe significado, nascendo assim a problemática do estudo: **De que forma as relações parentais influenciam a construção do Eu maternal na criança.** Neste sentido, a construção teórica fundamentada assentou na apresentação de uma permanente viagem do ser humano,..., que nasce do sonho de ser amado, que se desenvolve a partir dos afetos continuados que o significam, construindo-se na relação investida com amor, retirando daí o prazer de existir, de ser um ser amado, dando-lhe a consistência necessária para percorrer o caminho da vida. As vivências ocorridas no processo de preparação da maternidade, constituem nesta fase, apenas o início, no caminho não mais terminável das relações parentais como alicerce afetivo para o desenvolvimento integral do ser humano. Deste modo e tendo em conta essa fundamentação teórica, que fui adquirindo ao longo da prática de ensino supervisionada de mestrado, como processo no caminho, face ao tema que propus investigar, surgiram as seguintes questões: **1- Como é que a mãe percebe as necessidades do seu bebê? , 2- A mãe revela conhecimento da importância que o processo de preparação da maternidade tem para a construção do Eu maternal na criança?, 3- Como é que a criança demonstra o processo de construção do seu Eu maternal?**

Analisando as entrevistas realizadas, com o intuito de procurar responder às duas primeiras questões através dos contributos das mães infiro que, relativamente à primeira, na sua globalidade descritiva, a mãe percebe a necessidade do seu filho na sua função maternal primária no ato de cuidar, através das suas próprias necessidades. Esta constatação efetivou-se através da análise do cruzamento dos dados relatados, referentes às vivências de infância das mães e às descrições proferidas relativamente à percepção das necessidades reais dos seus filhos. No entanto tais constatações suscitaram-me o questionamento sobre o processo no caminho de construção do Eu maternal das próprias mães nas suas vivências relatadas, no sentido de procurar entender o processo pelo qual a mãe permite perceber as necessidades do seu filho envolvendo o sentir das suas próprias necessidades.

Será que as vivências de infância das mães produziram em si um papel influenciador, conduzindo manifestamente a forma como estas percebem as necessidades do seu filho?

Refletindo sobre a convicção de que, a construção do Eu maternal na criança, implica necessariamente todo um processo de construção da própria vida, cujo caminho transporta infinitas e subtis influências, seria demasiado redutor constatar que a mãe perceciona as necessidades do seu filho apenas através da sua própria necessidade reportada às vivências da infância. Torna-se evidente que

(...) é através das figuras precoces de vinculação (...) e dos bons, adequados e atempados estímulos emocionais e afectivos por elas fornecidos, que o equipamento biológico de base das estruturas nervosas da criança adquirem o seu correcto desenvolvimento dando origem à formação do Eu equilibrado e consistente. (Santos, 2010, p.117).

Assim sendo, verifico que na sua globalidade a mãe perceciona as necessidades do seu filho na sua instintiva forma de função maternal primária no ato de cuidar, fundamentalmente a partir do que intui, como sendo as necessidades reais, através de um processo singular de vivências construídas e transportadas por toda uma vida.

Segundo Renoir, citado por Strecht (2007) “ São os pais que fazem os filhos, mas depois de eles terem nascido. Antes, são apenas centenas de influências de que é impossível não apanhar o rasto.”

Com o intuito de dar resposta à segunda questão, verifiquei que na generalidade, as mães revelam conhecimento da importância que o processo de preparação da maternidade tem para o desenvolvimento dos seus filhos. Constatei que nas entrevistas 3 e 5, as mães assumiram não terem refletido sobre essa questão. Tal como é revelado pela mãe 3, “Eu acho que tem um pouco (...). E eu acho que eu transmiti muito para ela, porque eu passei muito durante a gravidez (...).” Na entrevista da mãe 5, esta descreve, “Sou uma mãe tranquila, (...) e se calhar isto transmite-se nas gravidezes para o bebé, mas confesso que nunca estudei muito o assunto.”

A conformidade das constatações conduzem-me a um turbilhão de questionamentos:

Se por um lado as mães afirmam verbalmente revelarem esse conhecimento não refletindo sobre o processo, será que a importância desse conhecimento é intuído em si própria, investindo-o no seu filho?

Quem é criado (e se cria) necessita de harmonia, que o envolva; de coerência e de consonância com as acções maternas. Uma criatura é mãe quando pode dar continuidade ao movimento

amoroso que a fecundou, à gestação que a preencheu e à espiritualidade do seu clã. (Santos, 1988, p.31)

Ser-me-á permitido afirmar que a globalidade do processo de construção da vida do ser humano, reúne em si ínfimos elementos de circunstâncias relacionais, capazes de gerar no seu ser, aquilo que faz de si verdadeiramente a sua essência. O seu Eu, a sua personalidade, a sua forma de sentir e agir em conformidade inter-relacional, influenciando desta forma a construção do ser do seu semelhante?

O que é sentido em mim intrinsecamente como contributo primordial para o desenvolvimento da criança, transmitindo-o com intuito de o elevar sadiamente na sua globalidade, poderá ser para outros intuído e investido de outras formas. Pretendo com isto dizer que as mães, pelo facto de não refletirem sobre a importância que o processo de preparação da maternidade tem para o desenvolvimento do seu filho, poderá não implicar necessariamente que estas não vivenciem esse processo, investindo assim a sua importância, com o objetivo implícito de proporcionar ao seu bebé um desenvolvimento integral.

Na análise da entrevista 4, constato que a mãe revela um conhecimento, poder-se-á dizer mais perceptivelmente refletido relativamente à questão, referindo que, (...) tenho a certeza dessa relação entre a gravidez e depois o percurso deles. (...) o pai tem sempre a mania de adivinhar os sexos e escolher os nomes (...) E quando o vimos assim (...) só com o coração a bater (...) E o médico disse (...) É um rapaz (...) Foi quase como se visse logo ali que tipo de bebé é que ia ser. (...) tive uma gravidez completamente relaxada e de esperar que ele quisesse nascer (...) foi o parto mais fantástico que tive, foi o bebé mais simples, mais fácil de lidar. (...) O Nicolau tem um discurso mais maternal. (...) Ele gosta de cuidar, gosta de tratar (...)”.

Relacionando as duas questões Winnicott refere, “Penso que quando o bebé já está pronto para nascer, a mãe se adequadamente assistida por seu companheiro, (...) está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem quais são as necessidades do bebé.” (1988, p.4)

Tal como referencio no capítulo I, a qualidade afetiva relacional do casal, no sentido consciente e real de transformação da criação familiar, nomeadamente o apoio presencial continuado do futuro pai relativamente à sua participação no processo de gravidez, torna-se primordial, tonando-se na possibilidade capaz de o efetivar num pai com fortes ligações de laços afetivos para com o novo ser. A par com esta finda etapa de preparação para a chegada de(a) nova vida, traduzida num processo de envolvimento dinâmico e relacional do casal, constitui-se o pilar do processo da função maternal de ambos. Esta grandiosa etapa na viagem do percurso do Homem produz a monumental distinção em que através do sonho e do amor o

bebé experimenta prematuramente que antes de ser gerado, já era esperado, já existia inexistindo, e já era desejado. E tudo (re) começa no nascimento. O património genético determina-se no novo ser, caracterizando-o aquando do momento da fecundação e durante a gestação.

Segundo (Santos, 1991, p. 111), “ A personagem materna exerce sobretudo uma função envolvente e preenchedora dos vazios; a paterna é a que interfere e separa ou altera a simbiose primária que existe entre mãe e filho.” É por conseguinte a figura paterna a braços com a materna que cria o espaço de frustração ótimo consistindo numa personagem fundamental para a criação do imaginário da criança.

Analisando os dados das notas de campo concluo que a criança demonstra o processo de construção do seu Eu maternal através de duas ações distintas, mas complementares entre si: no jogo simbólico e em atitudes comportamentais.

Na análise da nota de campo nº1, a criança 4 demonstra um comportamento maternal implícito no ato de cuidar. “ A criança (...) durante todo o passeio manteve-se ocupada em auxiliar a senhora, dando-lhe a mão para atravessar a rua, (...) quis sentar-se ao seu lado, segurando-lhe a bengala.”. Analisando a nota de campo nº 5, a criança 4 demonstra atitudes comportamentais que comportam sensibilidade e comoção face ao bem-estar do seu semelhante.

É na reciprocidade do jogo com o outro que oferece, retira, recusa ou prodigaliza, que se aprende a comunicar. Brincamos com a mãe, (...) com o corpo inteiro e com as partes do corpo; aprendemos a manipular e a manipularmo-nos, para não sermos manipulados e adquirirmos autonomia de funcionamento interno; é do prazer autónomo que se faz o amor. (Santos, 2013, p.99)

Na análise da nota de campo nº 7, a criança 1 revela uma investida preocupação relativamente à atenção investida com o intuito de cuidar. “ A criança 1 afasta-se, indo à área da casinha preparar um prato com frutas e uma chávena de “chá”, indo logo de seguida oferecer à visita.”

Segundo Piaget, (1997) o jogo simbólico reside em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos, como funcionalidade de assimilar a realidade, possibilitando à criança a realização de sonhos e fantasias.

Analisando a nota de campo nº4, a ação demonstrada pela criança 1 revela o processo de construção do seu maternal, através do jogo simbólico: “ A criança embala o menino bem aconchegado no colo, olhando-o com afeto.”

O brincar nasce com os primórdios do ser, a partir da vivência prazerosa que a mãe oferece ao seu bebê; ao vê-la mover-se, ao ouvi-la falar-lhe, no sentir o calor e na envolvimento que os seus braços lhe proporcionam.

Na análise da nota de campo nº9, a criança demonstra através da sua ação, comportamentos afetuosos no cuidar do bebê bem como nos cuidados prestados à casa, como uma forma de promover uma ambientação harmoniosa. “ A criança pega no bebê ao colo e senta-o em cima de uma cadeira chegando-o à mesa (...) pega no bebê deita-o (...) e aconchega-o com uma manta.”

A criança na sua séria atividade do brincar integra uma unicidade global de sentidos ligando-os às experiências do cotidiano com um sentido prático da vida. Deste modo a criança desenvolve um processo de competências físicas, cognitivas, emocionais e relacionais, com sentido crítico e estético, como pilar para o seu crescimento interior como ser reflexivo, envolto em atitudes e valores, que a tornará num ser humano mais completo, mais autónomo, mais realizado e feliz, mais capaz de se integrar e enfrentar o seu caminho de vida.

Refiro como constrangimento no presente estudo, o fator tempo disponibilizado para a realização de um projeto desta natureza.

Segundo os resultados obtidos, baseados no presente estudo investigativo, considero de extrema importância, na qualidade de pessoa humana que educa, responsabilizar-me por facultar aos pais a compreensão do conhecimento sobre a importância do amor investido, como caminho primordial para o desenvolvimento integral do ser humano, do ser da criança. A transmissão de tais conhecimentos, só será possível através do papel do educador, o de apoiar e proporcionar o envolvimento dos pais, implicando-os ativamente no cotidiano institucional dos filhos como uma continuidade da sua própria vida familiar. A partir desta envolvimento, criar-se-á um ambiente educacional, gerador de uma riqueza inter-relacional única para todos, pais, crianças e educadores e fortemente capaz de efetivar nos pais conhecimentos preciosos através das ações percebidas pelos seus filhos.

Esta investigação constituiu a apropriação do presente tema, através da vivência e do conhecimento conquistado, contribuindo presentemente como um reforço, relativamente à primordial importância dos contributos das relações primeiras de vinculação para o desenvolvimento global da criança na sua primeira infância.

Considero de extrema importância a partilha dos conhecimentos adquiridos no presente estudo, alargando-os à equipa pedagógica, bem como a outros profissionais da área, nomeadamente a psicólogos (que esporadicamente já executam projetos conjuntos com a equipa através de ações de sensibilização aos pais), cujos intervenientes proporcionarão uma riqueza reflexiva de debates, contribuindo deste modo para o crescimento e coesão da equipa de trabalho, com o objetivo de um alicerçado acompanhamento das crianças que cuidamos e dos pais que acolhemos.

Na tentativa de dar resposta ao tema abordado no presente estudo, poderei constatar que a construção do Eu maternal na criança é fruto de uma multiplicidade de influências integrantes do seu próprio processo de construção de vida. A mãe constitui uma peça fundamental dessas influências na vida do seu bebé.

A partir dessa ininterrupta viagem do ser humano, envolta na investida vivência relacional de afetos, desde o sonho de ser amado, até findo o processo evolutivo no desenvolvimento da primeira infância, ocorrem inúmeras experiências de vida que o enraízam. Inúmeras outras questões, ficaram igualmente em aberto, dado o processo complexo que a natureza do tema de estudo comporta, tornando-o assim numa resposta parcial à conclusão do mesmo.

A partir desta, outras questões se delineiam; tal como já referi anteriormente, uma das ações produzidas pela criança onde esta demonstra o processo de construção do seu Eu maternal é efetivamente através do jogo simbólico, na maternalização de objetos. Ao longo da pesquisa de estudo observei os brinquedos que cada criança trazia de casa para a escola, constatando que apenas duas crianças do grupo de catorze, traziam bonecos tipo bebé “chorão”. As restantes crianças do grupo traziam na sua globalidade, bonecas tipo “Barbies”, malas pequenas, carrinhos, bolas e animais de plástico, não revelando com estes brinquedos ações que demonstrassem maternalização.

A partir desta observação surgiu um novo dado, que descrevi na nota de campo nº8, categorizando-o como “ O brinquedo”, cujo dado descritivo fazia referência à ocorrência de uma ação produzida pela criança 3, em conformidade com o brinquedo trazido de casa por esta: A criança trazia um saco contendo uma boneca estilo “Barbie”, roupas da boneca e um batom, referindo verbalmente, “Tenho uma festa,...vou vesti-la,...ao cabeleireiro, vou pintá-la. (...) É a minha filha! Vai ficar muito bonita, tenho de a levar a uma festa muito,..., muito grande.”

Este dado suscitou em mim novas questões:

Se o brinquedo que cada criança utiliza é fruto da sociedade atual e reproduz a sua vivência, será que o brinquedo em si produz um papel determinante no processo de construção na maternalização da criança?

Ou por outro lado, a vivência das relações parentais influenciam a maternalização de objetos, determinando desta forma a escolha do brinquedo? Produzindo assim a ausência de ações na criança, incapaz de demonstrar a maternalização de objetos?

A partir destas questões, onde se delineiam novas pesquisas de estudo, torna-se fundamental reforçar o papel do educador, fazendo sair de dentro de cada criança, o que já é seu na sua natureza intrínseca, um ser criador e imaginativo, em que a sua atividade séria de brincar integra a sua natureza humana.

Torna-se urgente o educador estimular na criança brincadeiras que fazem parte das vivências de ambos - uma relação investida com amor.

A ação criadora do jogo simbólico na maternalização de objetos é um ato primordial na construção do ser, pois é a partir desta investida ação de cuidar o outro, que se constitui o surpreendente alicerce da continuidade da espécie humana.

Referências bibliográficas

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação; um guia prático e crítico*. Porto: Asa.

Anzieu, D., Bowlby, J., Chauvin, R., Duyckaerts, F., Harlow, H. H. F., Koupernik, C. et. al. (1974). *A vinculação: attachement*. Lisboa: Socicultur.

Bogdan, R. & Bilken, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Branco, M. (2010). *João dos Santos Saúde Mental e Educação*. Lisboa: Coisas de Ler.

Branco, M. (2013). *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Coisas de Ler.

Brazelton, T. Berry (1995). *O grande livro da criança: O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.

Cavalcanti, A. E. *Grandes ícones do conhecimento humano – Psicanálise: Klein*. P.33.

David, M. (1983). *A criança dos 0 aos 6 anos: vida afectiva, problemas familiares*. Lisboa: Morais.

Empis, I. (2008). *Eu Quero Amar, Amar Perdidamente*. Lisboa: Oficina do Livro.

Erikson, E. H. (1976). *Identidade Juventude e Crise*. Rio: Zahar Editores

Esteves, M. (2006). *Análise de Conteúdo*. In J. A. Lima & J. A. Pacheco (Eds.), *Fazer Investigação: Contributos para a elaboração de Dissertação e Teses*. Porto: Porto Editora.

Formosinho, J., Lino, D., Niza, S. (2007). *Modelos curriculares para a educação de infância*. (4ª ed.). Porto: Porto Editora.

Gesell, A. & Ames, L. (1979). *A criança dos 0 aos 5: O bebé e a criança na cultura dos nossos dias*. Lisboa: publicações Dom Quixote.

Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. (5ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lézine. I. (1985). *A primeira infância*. Lisboa: livros horizonte.

Matos, A. C. (2007). *Vária. Existo porque fui amado*. Lisboa: Climepsi Editores.

Menéres, M. A. & Torrado, A. (1988). *Crescendo e Aparecendo*. Lisboa: I.A.C.

Ministério da educação. Departamento de educação básica. Núcleo de educação pré-escolar. (1997). *Orientações curriculares para a orientação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da educação.

Miranda, J. & Tinoco, A. (1992). *Métodos pedagógicos*. (2ª ed.). Lisboa: Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Monteiro, L. & Veríssimo, M. (2010). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: A especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Nery, I. (2013, 12 de setembro). *A biologia do amor*. Revista Visão, p.62.

Papalia, D., Olds, S., Wendkos, F., Duskin, R. (2009). *O mundo da criança: Da infância à adolescência*. São Paulo: Mc Grow Hill do Brasil.

Piaget, J. & Inhelder, B. (1997). *A psicologia da criança*. III. Lisboa: Edições Asa.

Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e creches: uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora

Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários: Cuidados e primeiras aprendizagens*. (3ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Rosa, J.C. (1994). *Investigação e Educação*. Lisboa: Escola Superior João de Deus

Santos, J. (1983). *Ensaio sobre a educação-II: O falar das letras*. Lisboa: Livros horizonte.

Santos, J. (1991). *Ensaio sobre a educação-I: A criança quem é?* (2ª ed). Lisboa: Livros horizonte.

Santos, J. (1991). *Ensaio sobre a educação-II: O falar das letras*. Lisboa: Livros horizonte.

Santos, J. (2007). *A casa da praia- O psicanalista na escola*. (4ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte

Santos, J. (2013). Prevenir a doença e Promover a Saúde. Lisboa: Coisas de Ler.

Sousa, A. B. (2003). Educação pela arte e artes na educação. Lisboa: instituto Piaget.

Sousa, A. B. (2003). Educação pela arte e artes na educação 1º volume; Bases psicopedagógicas. Lisboa: Horizontes pedagógicos.

Sousa, A.B. (2005). Investigação em Educação. Lisboa: Livros Horizonte.

Spodek, B (2010). Manual de investigação em educação de infância. (2ª ed). Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian.

Sprinthall, N. & Sprinthal, R. (1993). Psicologia educacional. Amadora: Mcgraw-hill de Portugal.

Strecht, P. (2003). Interiores: Uma ajuda aos pais sobre a vida emocional dos filhos. Lisboa: Assírio & Alvim

Strecht, P. (2007). O teu pequeno nome: A vida emocional dos bebés. Lisboa: Assírio & Alvim

Vauclair, J. (2008). O desenvolvimento da criança do nascimento aos dois anos: motricidade, percepção, cognição. Lisboa: Instituto Piaget.

Vayer, P. & Rioux, G. (1980). O diálogo corporal: a acção educativa na criança dos 2 aos 5 anos. Lisboa: Instituto Piaget.

Vygotsky, L. S. (1999). A formação Social Da Mente; O Desenvolvimento Dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes

Vygotsky, L. S. (2005). Consultado a 15/05/2014. Retirado do site <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-jogo-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem-340331.html>

Vygotsky, L. S. (2007). Consultado a 16/05/2014. Retirado do site <http://proavirtualg42.pbworks.com/w/page/18673064/Vygotsky%20e%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o>

Winnicott, D. W. (1988). Os bebés e suas mães. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1979). *A criança e o seu mundo*. (5ª ed). Rio: Zahar Editores

Winnicott, D. W. (1993). *Conversando com os pais*. (2ª ed). São Paulo: Martins Fontes

Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*. (3ª ed). São Paulo: Martins Fontes

Anexo 1

Patronato Cristo Rei

“Era necessário que o heróico se tornasse quotidiano e quotidiano se tornasse heróico”

Papa João Paulo II

Lisboa, 26 de Maio de 2014

Caros pais,

Eu, Paula Frazão, estudante do Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, encontro-me a realizar uma tese, cuja temática de estudo envolve a educação no século XXI. Para a realização deste estudo, necessito do auxílio dos encarregados de educação (preferencialmente as mães) disponibilizando-se para uma entrevista/conversa em data a combinar. Devo salientar que o teor da entrevista será de carácter anónimo e confidencial. Os dados recolhidos serão exclusivamente utilizados em proveito desse mesmo estudo que finalizará em Julho de 2014.

Sem outro assunto e na expectativa de uma resposta favorável face à vossa colaboração, agradeço desde já a atenção dispensada, despeço-me com os melhores cumprimentos,

Paula Frazão

Confirmação

Eu,----- encarregado de educação do aluno(a), -----
-----, aceito realizar a entrevista, no dia ----- do mês de ----- de
2014.

Rua da Lapa, 84 1º 1200-703 Lisboa Tel e Fax:21 396 04 02

patronatocristorei@gmail.com

Contribuinte 500 852 391

Anexo 2

Entrevista 1, mãe da criança 1

Mãe

... As minhas memórias já são... digamos assim chave, já são de quando eu era mais crescida do que o Xavier. Mas ...

Educadora

Só tem recordação bem mais crescida?

Mãe Xavier

Eu tenho ... a minha primeira memória foi quando o meu irmão nasceu, que tem menos 2 anos que eu. Portanto eu era mais pequena do que o Xavier. E lembro-me ... mas essa é isolada ... lembro-me de o quarto ter os estores baixos, a minha mãe estar a dar-lhe de mamar e eu que sempre adorei o meu irmão e era uma menina ... portanto, um bebé ali era para mim tudo. Mas lembro-me de pegar num brinquedo e de lhe bater com o brinquedo na cabeça quando ele era pequenito. Portanto, eu devia ter 2 anos e pouco ... muito pouco.

Educadora

São umas memórias bastante remotas.

Mãe Xavier

Essa é bem remota. Mas depois já só tenho para aí depois dos 3 anos. Lembro-me de ... lembro-me de andar a passear com eles ... de fazer passeios no meio dos prédios porque eles viviam lá ... na ... na Rinchoa, lá em Sintra e lembro-me de andar no carrinho onde o Xavier hoje anda com os 2 primos. Ainda este fim-de-semana andavam os 3, uns assim enfiados nos outros, e lá iam eles. E eu lembro-me de eu andar a ser puxada pelo meu pai e o meu irmão andar ao colo da minha mãe e mais tarde lembro-me do ... de já ter o meu irmão comigo nesse carrinho.

Educadora

E quando o Xavier nasceu não houve um reavivar das memórias de infância?

Mãe

Talvez,... sim. Agora mesmo a ver o meu pai ... mais o meu pai até do que a minha mãe, a brincar com o Xavier, eu vou lembrar-me de coisas que eu sei que ele fez comigo. Um jogo ... aqui é o telhado ... aqui é não sei quê ... aqui é a campainha ... trim ... aqui ... lembro-me de ... do calor das mãos dele a tocarem na minha cara e a fazerem-me esse jogo.

Educadora

Brincadeiras que se tinha esquecido e que voltaram à sua memória

Mãe

Exatamente.

Educadora

... relembra-se de si através do xavier.

Mãe

Sim, mais ... eu não me lembrei mais daquilo. De todo. Mas... mas sim houve coisas que voltaram ... voltaram à memória. E sim ... e aproximei-me imenso da minha mãe. Isto quando são 2 mulheres então ... o ... houve uma altura que me dei muito mal com a minha mãe, antes de sair de casa. Portanto, já devia ter, sei lá ... já era jovem adulta, foi enquanto estive na Faculdade ... nós chocámos, como ela chocou com a mãe dela, aquilo foi uma coisa. Mas quando engravidei... Sim, foi a ... foi a reaproximação, foi perceber partilhar experiências, perceber o que é que ela sentiu quando esteve grávida de mim, o que é que eu estava a sentir. Quando o Xavier nasceu houve outra vez ali um choque, porque eu achei que eles não estavam a respeitar muito o meu espaço, que eu gosto muito do meu espaço ...

Educadora

Mas sentiu-se apoiada pela sua mãe durante a gravidez ...

Mãe

Sempre.

Educadora

Houve,... portanto uma reaproximação resultado de uma partilha.

Mãe

Exatamente. Quando ela esteve grávida de mim e dos meus irmãos. Partilhou... Partilhou uma série de coisas. Sim, sim, sim, sim.

Educadora

E essa falta de espaço que me disse, foi quando o Xavier nasceu?

Mãe

Sim, quando ele nasceu, porque eles eram lapas. Porque nós vivíamos por cima da empresa do Filipe. Portanto nós não tínhamos campainha de casa e eles apareciam lá, entravam pela empresa... Que alguém lhes abria a porta... Subiam, apareciam lá em casa de repente, e eu estava muito ainda a precisar do meu espaço e eles vinham... E vinham... E vinham... Estavam sempre a aparecer. É uma memória que eu tenho assim, que ficou... e eles acho que depois chegaram a admitir que ... Que não deviam ter feito isso, porque depois os meus 2 irmãos mais novos, tiveram 2 filhos logo a seguir a mim, logo a seguir ao Xavier, e eles já fizeram diferente. Mas nunca se chegaram ao pé de mim e disseram... Eva tinha razão. Pronto, nós realmente não soubemos respeitar isto e isto... Invadimos. Mas depois começou a acalmar. Depois comecei a perceber que... bem, já estou mais relaxada ... eles são assim ... são o que são e eu não vou mudá-los. Portanto, agora já ... já tudo corre melhor.

Educadora

Aliás no fundo acho que os pais percebem que nós precisamos de espaço, mas se calhar é difícil para os avós ... São pais outra vez e

Mãe

Pois. Aquilo ali foi o primeiro neto e foi muito esperado ...

Educadora

Claro.

Mãe Xavier

... e de repente aquilo foi assim uma ...

Educadora

E o ... Filipe nessa altura também contou com o apoio dele?

Mãe Xavier

O Filipe apoiava, mas também não ia muito ... não fazia frente aos meus pais como eu fazia, não é? Eu chegava pelos 2. Ele não precisava de se meter ao barulho. Mas sim, mas apoiava-me nisso, claro. Mas também não se sentia incomodado como eu me sentia. Portanto, estava ali mais no cantinho dele ... tipo apercebia-me, mas também achava que eu exagerava um bocadinho, não é? Andava ali um bocadinho ...

Educadora

Essa ... essa sua necessidade de espaço, que me falava à pouco, o que é que ... nos primeiros tempos logo após o nascimento do Xavier, senti como mais difícil na sua nova condição de mãe,... se houve dificuldades sentidas?

Mãe

Dificuldades... Foi só isso. Porque de resto correu tudo super ... super bem. Acho que me fechei um bocadinho no meu mundo... até que os meus amigos mais próximos conhecessem o Xavier, acho que ainda passou assim uma semaninha. Eu nem ligava o telefone. Fechei-me no meu mundo, estava ali com o meu filho ... era tudo novidade. Como foi cesariana ainda estive 3 dias no Hospital, e lembro-me de no Hospital eu estar a receber mensagens, mas eu nem queria saber.

Educadora

Nesse... Nesse tempo só lhe apetecia estar para o xavier?

Mãe

Completamente. Fundimo-nos ali num mundinho.

Educadora

Num só.

Mãe

Muito nosso, num só e não via mais nada à frente. Mas foi bom. Eu acredito que isso ... que isso faça muito bem. Eu estava ali só disponível para o meu filho e ele estava ali a ter tudo o que precisava e acho que cresceu um bebé calmo e ... e satisfeito.

Educadora

E feliz.

Mãe

E feliz. Eu acho que o meu filho é muito feliz. Mas isto sou eu ...

Educadora

Esse é.. Digamos que o objetivo?

Mãe

Sim.

Educadora

De nós estarmos cá, não é? Para fazermos os nossos filhos felizes e os outros também felizes...

Mãe

Hum, hum.

Educadora

Fazendo de tudo para que se sintam bem...

Mãe

Sem dúvida.

Educadora

E ... e as brincadeiras, apesar de ser rapaz, identifica-se com as brincadeiras dele?

Mãe

As brincadeiras ... acho que não ... o único momento que mais me lembro, se calhar por ter sido o mais recente em que me identifiquei, até acho que comentei consigo, foi quando me deitei ... isto foi há 1 mês ... no sofá e disse que ... a mãe é bebé, agora vais cuidar da mãe. E ele veio-me trazer o leitinho ... tudo a fingir ... veio-me trazer o leitinho, a chucha, o dudu, fez festinhas e eu aí lembrei-me que eu fazia isso com o meu irmão. Provavelmente com a mesma idade que o Xavier tem agora, que era super maternal. Eu aí senti-me ... senti muito isso. Porque de resto, aquela ... loucura toda que às vezes vai lá por casa ... os carros, e as motas, e as filas de trânsito e ... aí menos. Mas agora já está naquela fase em que já faz jogos. Já jogamos ao ... ao dominó ... sim, dominó com imagens. E já ... já está mais concentrado. E eu sei que adorava esses jogos de tabuleiro. E ele já faz assim uma série deles ... e depois tiro os ursinhos ... ai isto agora é novidade também ... que são uns ursinhos que têm umas cartas .. estão vestidos de uma maneira e nós temos que encontrar a camisola que ele tem, a bola que ele tem, os calções, e vestir. E eu isso ... fazia isso com bonecos da minha mãe ... aqueles de cartão que havia de papel, fininho ...

Educadora

Exato, sei perfeitamente.

Mãe

... as bonecas ... vestir e depois fazia as dobrinhas, e também me lembrei disso agora. Pois é.

Educadora

É engraçado, porque apesar de ter algumas brincadeiras diferentes das meninas ... há outras brincadeiras que são iguais.

Mãe

Sim, sim, sim.

Educadora

... As brincadeiras das meninas que também reportam muito às brincadeiras dos rapazes, não é? Mas a forma como eles maternalizam os objectos, os brinquedos...

Mãe Xavier

Hum, hum.

Educadora

... não é necessariamente com bebês, não é?

Mãe Xavier

Claro.

Educadora

E o Xavier parece-me que é uma criança muito maternal.

Mãe

Eu também acho.

Educadora

Não é?

Mãe

Também acho. E com os primos ... eu sinto muito isso com os primos mais pequeninos. Ele é de um cuidado e de uma gentileza ... eles agora já estão mais crescidos, mas desde bebês que ele sempre foi cuidadoso e festinhas ... muito querido. E eu era assim. Sempre fui e ainda sou. Agora tenho um bebê de verdade. Mas ... mas sim.

Educadora

E a personalidade dele, apesar de ser muito própria, claro, acha que é mais de acordo com a sua ou com a do pai?

Mãe

Ele é uma mistura perfeita dos 2. Perfeita ... é só porque é uma mistura, ponto.

Educadora

É perfeito porque é seu.

Mãe

É perfeito porque é meu. Mas é mesmo ... tem tanto de mim como do Filipe. Aquela violência toda de repente e as brincadeiras brutas e ... isso é completamente do Filipe, mas depois tem o outro lado ... o tal mais assertivo, mais organizado, isso aí é a mãe. Mãe, mãe ...

Educadora

E a parte maternal, também é da mãe? Ou é dos dois também?

Mãe

É mãe. É assim, o Filipe ... eu tenho ... é um excelente pai ... quando está, está mesmo e é super desde que nasceu. Agora estive a organizar os vídeos que tinha ... que foram todos feitos de telemóvel ... que tinha no computador desde que o Xavier nasceu, e o Filipe brincava ... o Xavier era mínimo e ele brincava com ele ... fazia-lhe cócegas e cantava ... estava sempre lá e estava sempre a filmar os banhos. Temos dezenas e dezenas e dezenas de ... de vídeos. Portanto, sim, não é tão maternal como eu, mas também tem lá o seu instinto.

Educadora

Tem. Pois tem. É muito dócil.

Mãe

Sem dúvida.

Educadora

... Quando entra na sala é super brincalhão e ternurento para todas as crianças.

Mãe

Ai sim. Dá-se com todos e adora... Adora.

Educadora

E em relação às necessidades que o Xavier manifesta? Desde que nasceu, Sente... Essas necessidades... Que ele tenha necessidades próprias?

Mãe

Necessidades próprias ... como assim, necessidades próprias?

Educadora

Todos nós temos necessidades próprias, não é?

Mãe

Sim.

Educadora

Cada um é um ser diferente do outro, com necessidades próprias e específicas...

Mãe

Sim, sim, sim. E ele tem... Tem, tem. Tem, tem. Tem... Tem muitas vontades. Nem sei se são tantas necessidades. Necessidades tem... Eu sinto que ele tem necessidade por exemplo de ter o dia e os dias estruturados. Porque eu sei que ao fim-de-semana quando ele de repente se não dormir a sesta, aquilo... Não é só que fique com uma birrazinha, porque ele nem sequer é muito de fazer birra nem nada, mas eu sinto que o desregula, que vai dormir pior à noite, e mais agitado, e no dia seguinte ainda não está exatamente como costuma estar. Portanto, necessidades eu sei que sinto que ele precisa de... de alguma ordem, de alguma estrutura. E isto é aquela coisa que eu estou a tentar coordenar com o Filipe, agora em 2 casas separados, para ver se uma coisa que acontece de determinada maneira de um lado, a ver se também acontece do outro. Porque lá está, o Filipe deixou de fazer uma coisa como fazia, para eu começar a sentir que o miúdo de repente estava completamente diferente na hora de ir para a cama. Até ter perguntado... ,Até ter percebido que sim.

Educadora

Eu acho que é escusado perguntar à mãe, se a mãe segue as necessidades dele, que referiu, não é?

Mãe

Sigo, sigo. E sou muito atenta e sempre fui. Eu lembro-me que ...

Educadora

Deixa de atender às suas próprias necessidades para atender prioritariamente às do Xavier?

Mãe

Já menos. Mas já fui assim, já ... já passei por essa fase. Sim. Agora ... pois eu era muito ... se estivesse com fome ficava completamente de mau humor, e chata e irritada. E agora já não, não é? Uma pessoa ... crescemos e eles estão primeiro e eu já consigo tolerar perfeitamente o facto de eu ter fome e ... e de ter aceite que a minha vida mudou e que se podia ir correr quando me apetecia, agora não posso correr se estou com o Xavier, porque o Xavier não vai correr comigo. Mas ... mas estou muito atenta às necessidades dele, sim. Estou ... estou ... estou lá para ... para satisfazer e se não for para satisfazer para falar sobre isso. Estou ...

Educadora

Mas lida bem com essa ... essa falta de, por exemplo, não poder ir correr quando lhe apetece?

Mãe

Lido.

Educadora

Aceita bem sem ficar a pensar no assunto?

Mãe

Até ... antes de engravidar até poderia achar que não fosse lidar muito bem com isso, porque eu sempre fui muito ... muito independente, e as minhas coisas e as minhas rotinas também.

Educadora

Hum, hum.

Mãe

A tal obsessãozinha que não é só do Xavier. E o meu espaço e a minha maneira de fazer as coisas. De repente tive o Xavier e confirmei que sou muito mais moldável do que pensava. Sou muito mais calma e tranquila. E não faz mal. A minha vida mudou ... ok, não vou correr, não interessa. Estou com o meu filho ... isto é espetacular ... portanto, estou bem.

Educadora

Ficou a mesma Eva ... que não conhecia? Não ... não se alterou? Era a mesma?

Mãe

Era a mesma. Mas é uma nova ... sim, sim, sim.

Educadora

Uma mudança?

Mãe

Sim, mas estou ótima... Estou muito satisfeita com isso. Acho que ganhei uma calma que também não tinha, por perceber que está ali alguém que é mais importante do que eu, em muitas alturas. Também há outras alturas em que não, em que também é preciso ... espera lá, comprei isto a comprar que ia por aqui a fotografia do Xavier e de repente a ver os álbuns pensei ... não, eu não vou pôr a fotografia do Xavier, eu vou pôr a minha fotografia de quando era pequenina. E foi aí ... são esses pequenos momentos em que eu penso ... calma, eu também estou aqui. Também tenho as minhas necessidades. Pronto, há que estar ali para ele, mas se eu não estiver bem ele também não vai estar. Portanto, vamos lá tentar equilibrar aqui as coisas, para ver se fica tudo bem.

Educadora

Sente portanto que as necessidades de um e de outro têm que estar equilibradas para que ambos se sintam bem?

Mãe

Sim, não posso deixar-me levar somente pelas necessidades dele. No princípio, quando ele era muito pequenino, as necessidades dele quase que eram as minhas.

Educadora

Sim.

Mãe

Eu estava ali só para aquilo, completamente. Focada ... o Filipe admirava-se como é que eu conseguia ... ele mamava de 2 em 2 horas, durante os primeiros 3 meses, à noite inclusive, e o Filipe ficava chocado como é que ... hã, hã, fazia assim uma coisinha e eu não fazia mais nada

... Sentava-me na cama, puxava uma almofada e punha-o na maminha e pronto... e eu a seguir deitava e estava nisto ... Porque era assim que... Porque funcionava bem. Como é que consegues? Tipo tu acordas... Parece que nem estavas a dormir. Parecia que estavas acordada à espera que... não, porque é instinto. Estou lá para aquilo e é aquilo que eu faço. Portanto, as minhas necessidades eram as dele. Depois comecei a acordar para a vida, não é? E a perceber que também tinhas as minhas e a coisa foi mudando devagarinho.

Educadora

Sim, essa consciência de que aos poucos adquiriu, de sentir ter as suas necessidades, que fazem também parte de corresponder às necessidades dos outros e que é isso que faz parte da vida, pensa que isso faz os nossos filhos crescerem?

Mãe

Pois. Claro. E faz-nos... Faz perceber... Faz percebê-los a eles que nós somos reais e somos de carne e osso.

Educadora

Exatamente.

Mãe

E não estamos aqui só para eles.

Educadora

Sim...

Mãe

Portanto, há que... Que perceber que não são só eles que as têm. Nós também temos e eles têm de aprender a lidar com isso.

Educadora

Muito bem, se a mãe não quiser acrescentar mais nada, vou dar por terminada a nossa conversa, agradeço-lhe muito, foi muito boa esta partilha.

Mãe

Já? Fantástico passou tão rápido, também gostei muito de conversar consigo, obrigada Paula.

Corte de som ...

Fim da entrevista

Anexo 3

Entrevista 2, mãe da criança 2

Educadora

... As suas experiências de infância mais para trás, o que se recorda de bom?

Mãe

De bom, de estar com os meus pais...

Educadora

Sim.

Mãe

... Todos os minutos que eles podiam estar em casa, que não estivessem a trabalhar, para mim eram ótimos, eram fantásticos.

Educadora

E assim algum episódio que recorde da infância.

Mãe

Ai ...

Educadora

Por exemplo brincadeiras, que faziam consigo, os seus pais?

Mãe

Ah, tinha ... especialmente o meu pai...

Educadora

Sim.

Mãe

O meu pai era muitas cócegas. Portanto, à noite, antes de deitar, havia sempre assim uma ...

Educadora

Uma sessão de cócegas?

Mãe

Uma sessão de cócegas. Era muito bom

Educadora

Que giro. Mais o pai?

Mãe

Sim. É assim. A minha mãe... a minha mãe... é que nos criou mais, porque o meu pai trabalhava muitas horas, eu só via o meu pai praticamente aos fins-de-semana. Levantava-se às 6 e meia da manhã, só quase às 8 da noite é que chegava a casa. E era aquele bocadinho que a gente estava com ele. A minha ...

Educadora

Era o matar de saudades?

Mãe

Era. Era aquele matar saudades. A... a minha mãe, ela é que nos acompanhou, a mim e aos meus irmãos, o percurso de escola, esteve sempre muito presente. Mas acho que ele... tem aquele miminho, talvez por ser menina, e o meu pai brincava mais. Por isso tenho muito mais ligação ao meu pai...

Educadora

É interessante.

Mãe

... embora não tivesse tanto tempo para estar com ele, devido ao trabalho.

Educadora

Pois, mas às vezes não é... não é o tempo. É qualquer coisa que nos une, não é?

Mãe

É diferente...

Educadora

Sente como diferente?

Mãe

É um bocadinho diferente.

Educadora

É... e... e nessas... brincadeiras que tinha com o pai, quando brinca com o Martim lembra-se das suas brincadeiras com o seu pai? Ou com a sua mãe?

Mãe

Eu aí... aí vejo-o a fazer o mesmo que fazia a mim, fazer a ele.

Educadora

E quando vê o Martim a brincar, lembra-se de si própria quando brincava?

Mãe

Sim, sim, lembro.

Educadora

Faz... parece que voltar às origens?

Mãe

... *imperceptível* ... Sim, atrás.

Educadora

É?

Mãe

É uma boa recordação.

Educadora

Que bom. E quando o Martim nasceu ... o que é que sentiu que tenha sido mais difícil, mais complicado. Que a mãe se tenha sentido menos à vontade ou por outro lado mais confortável.

Mãe

Sim. Quando ele nasceu, o meu primeiro ... o medo que eu tive, foi por ser o segundo bebé e ... e talvez por ter uma menina ainda tão pequenina, houve aquele choque inicial. Não estava preparada para ter um novo bebé, mas depois foi... foi tudo fluindo e as coisas foram correndo melhor.

Educadora

Durante todo este período, sentiu-se apoiada pelo pai do Martim?

Mãe

Sim...não, talvez...

Educadora

Sim...

Mãe

Houve uma altura que as coisas não estavam muito bem, mas agora...

Educadora

Neste momento sente-se apoiada...

Mãe

Sim. Agora dá imenso apoio. Tivemos logo uma parte menos boa, mas foi devido à minha primeira relação que eu não estava ... porque não ... não somos casados. Depois tivemos a partilha, a..., não sei como é que se chama, da pequenina e então aí foi um pouco complicado porque ele não reagia muito bem ao meu anterior companheiro e não houve aí uma boa

comunicação entre nós devido ao processo do tribunal, de ... não é adoção. Como é que se chama?

Educadora

Da tutela?

Mãe

Tutela. Pronto. Mas a partir daí tudo ficou bem. Também o pai do Martim, é o meu primeiro namorado, então ...

Educadora

Ai que giro. Então já era um amor antigo?

Mãe

Sim, sim... Já tinha sido o meu primeiro namorado.

Educadora

Que engraçado,... Foi aquele primeiro amor que voltou...

Mãe

Foi ...

Educadora

Ai tão engraçado, a vida prega-nos partidas...

Mãe

E então ...

Educadora

Mas,.. O que a mãe me está a tentar dizer (desculpe, se não entendi bem, corrija-me), a mãe não se sentiu muito apoiada pelo pai do Martim durante a gravidez e mesmo quando o Martim nasceu, devido às circunstâncias do seu primeiro relacionamento?

Mãe

Sim isso, foi isso.

Educadora

Entendo.

Mãe

Estou a dizer, em relação mesmo de estar grávida. Portanto, estava grávida e ainda estava com o problema de o pai ... De o pai da Matilde... Até porque a Matilde, a primeira pessoa que ela chamou pai foi ao... ao padrasto, pai do Martim.

Educadora

Claro, compreendo.

Mãe

Nem foi ao pai mesmo biológico.

Educadora

Percebo, eu vejo a relação que o seu marido tem (o pai Nuno, como diz o Martim) com a Matilde

Mãe

É...

Educadora

... Com a Matilde e com o Martim, não vejo diferença alguma, é de um afeto e delicadeza, que às vezes até me comove. É maravilhoso, não é?

Mãe

Sim. Ele não... não...

Educadora

Não faz distinção...

Mãe

...Não há qualquer... não há qualquer diferença. Até mesmo na rua ela chama pai, e as pessoas olham esse... não há qualquer tipo de comentário que... que não seja filha mesmo dele. É tudo normal, pronto.

Educadora

Fico contente que assim seja, mãe... E em relação às brincadeiras do Martim são parecidas com as brincadeiras da mãe?

Mãe

Não, não. Eu era um bocadinho mais calminha. Bem mais calminha.

Educadora

Sim?

Mãe

Ele é um bocadinho...

Educadora

Com muita vida ...

Mãe

É, não... eu... eu, digo, normalmente dizem que as raparigas são muito mais espevitadas, eu talvez devido há minha educação, um pouco rígida, dos colégios que andei, sempre fui assim uma criança mais fechada, mais atinadinha, diziam-me um não eu respeitava. Eu digo não ao Martim, ele dá duas voltas e não quer saber. É assim um bocadinho difícil de o ... de o controlar. Eu também sou um bocadinho coração mole. Não sou capaz de dizer aquele não assim agressivo.

Educadora

Sim.

Mãe

Gosto de dar aquele não, mas depois se ele fica assim triste, quero-lhe dar um maminho porque não o quero ver triste. Não me sinto bem com ... que ainda é pequenino, é ... faz-me... faz-me confusão.

Educadora

Entendo... e as brincadeiras dele não são então parecidas com as da mãe?

Mãe

Não, não.

Educadora

São parecidas com as do pai?

Mãe

O pai, sim. Era muito rebelde, pelo o que a mãe diz. Ele, á assim, pulos em cima da cama, para o chão, era do sofá, adorava de ... pronto, os carros, mas era... era aquele brincar de carros assim mais ... agressivo, não era brincar com o pópó, atirava os carros, e as bolas, era mesmo brincadeira de menino, assim ...

Educadora

Brincadeira de rapaz desde muito...

Mãe

Desde muito novo. Desde muito cedo.

Educadora

Ele gosta de brincar com bonecas, por exemplo, com a Matilde?

Mãe

Ele brinca, mas eu acho que é... é porque ela está a brincar e ele também quer ir brincar. Que é o que ela mexe, ele também quer. Não é propriamente por gostar das bonecas em si. Ele quer sempre tudo o que ela está ... que ele também quer...

Educadora

Com tachinhos, gosta desse tipo de brincadeiras?

Mãe

É assim. Eu tenho lá em casa uma cozinha no quarto dela, onde ele de vez em quando vai brincar com os tachos. Mas ele gosta mais da plasticina. Porque eles fingem que a plasticina é a comidazinha e vão pondo nos tachinhos..... mas ele é muito ativo.

Educadora

É. Tem muita vida, também está na idade.

Mãe

Ela é mais ... ela é mais calma...

Educadora

Aqui na escola o Martim gosta muito de brincar com os animais, vê os livros com muita atenção, gosta de Brincadeiras mais ativas, jogar à bola, trepar e saltar ... mas também gosta de estar sentado e sossegado ... a ver um livro. Realmente brincar na casinha não é a sua brincadeira preferida...

Mãe

Ele à noite pede-me para... para lhe ler uma história.

Educadora

O Martim gosta muito de ouvir histórias.

Mãe

Sim. Mas depois aquilo não é só uma, são várias, tenho que inventar sempre uma história diferente.

Educadora

Ele adora. Também lhe contavam histórias à mãe?

Mãe

Contavam. A minha mãe contava-me histórias. E quando estava a minha avó em casa, mas ela não ligava às histórias, então, ela lia ... lia, não. Lia-me um excerto da Bíblia a... e o terço antes de dormir. Pronto. A minha mãe era as histórias e a minha avó ... uma parte da Bíblia... e depois fazia-se o terço... antes de dormir.

Educadora

Essas memórias também ficaram gravadas como uma boa recordação.

Mãe

Não sei e eu lembro-me perfeitamente, a parte mais da minha mãe, é que a minha escola sempre rezávamos o Pai Nosso, uma a Ave-maria, e depois cada um fazia o seu pedido em voz alta, o que é que queríamos para o nosso dia. Todos os dias, a caminho da escola fazíamos isso. E contávamos ao regressar, eu contava-lhe como é que tinha sido o meu dia e fazíamos outra vez uma oração a caminho de casa.

Educadora

Que engraçado.

Mãe

Bastante. Mas pronto... Por isso é que eu digo que sou uma pessoa muito mais... certinha. Não é certinha. É assim ninguém é certinho. Eu tinha aquela parte do, por ser tudo tão certinho, também queria tentar sair, não é?

Educadora

Entendo perfeitamente...

Mãe

E, portanto, na escola tentava por ser um bocadinho mais... olha, estou aqui. Mas ... como é que eu lhe posso dizer.

Educadora

Tentava que os colegas e os professores a ouvissem e a entendessem realmente como era...

Mãe

Sim,...eu não sei ... em relação à, como eu lhe estava a dizer ... em relação ao meu pai ...

Educadora

Sim.

Mãe

... que embora não estando tanto presente, eu recordo-me mais coisas dele. A minha mãe, a ligação que tenho para a minha mãe é a parte da igreja. Também só andei em colégios... prontos, de... de católicos, não é? Das irmãs dominicanas.

Educadora

Hum, hum.

Mãe

Depois estive na Nossa Senhora de Schoenstatt que era tipo as oblatas.

E estive nos Salesianos. Portanto foi um meio assim muito religioso, e talvez não me deixaram respirar... não quer dizer que seja mau esse tipo de... de ensino, só que... tento que agora os meus filhos sejam... sejam um bocadinho diferentes, não sejam só... não é que eu não goste de... de... da religião, e sou praticante. Não tanto como antigamente quando estava a viver com os meus pais, a... só quero que os meus filhos tenham outra maneira de ver. Não os quero ...

Educadora

Sentiu que essa educação tão rígida não a beneficiou...

Mãe

Sim. Sim.

Educadora

Percebo,... Tenta educar os seus filhos de uma forma diferente, nesse sentido...

Mãe

Sim, limando uma aresta ou outra.

Educadora

Claro, Limando aquilo que sentiu como sendo menos bom.

Mãe

Menos bom...É.

Educadora

É bom ter essa consciência...

Mãe

Sim, sim. Tenho, tenho. Mas eu... eu acho ... vejo os meus pais a fazerem... quando me faziam a mim a...

Educadora

Fazerem o mesmo aos netos?

Mãe

Sim.

Educadora

Igual?

Mãe

Igual. A minha mãe sempre que pode vem buscar a Matilde...

Educadora

Sim.

Mãe

... Como é mais velhinha, para ir à missa. E a Matilde, se perguntar à Matilde, as músicas dos cânticos, ela sabe sempre de cor. Já está com, é mesmo dos meus pais, a maneira deles. E, então...

Educadora

Percebo. E..., por exemplo, em relação à mãe, o tempo que dedica aos seus filhos. ... o que é que a mãe gosta mais de fazer? O que recorda de ter gostado mais de fazer nos primeiros tempos que o Martim nasceu... eu falo no Martim porque o Martim está comigo, não é? Mas, nesses tempos,... os primeiros tempos de ter um novo bebé, o que é que é mais importante para si?

Mãe

Estar o máximo de tempo com ele. É... é o meu prioritário. Eu abduco de tudo, mesmo de tudo. A sério, qualquer minuto que eu tenha é para estar com eles...

Educadora

A mãe ainda está ... muito... muito sensível. Tenha calma, Vai ver que vai arranjar um lugar bem seguro para o seu bebé ficar. Não se preocupe... E as necessidades do pequenino, do Santiago? Quais são as necessidades que ele tem? O que é que sente que ele mais precisa?

Mãe

Ele... ele é tudo em mim, neste momento que ele também só está a mamar, é... mas eu acho que ele ... *imperceptível* ... para o colo, mesmo uma pessoa mais estranha, ele procura o peito da pessoa.

Educadora

Claro.

Mãe

Mas... mas... acho engraçado, porque ele tem aquela... a consciência de... quando está comigo, eu noto, que ele me reconhece, mas acho um doce que ele ande à procura das maminhas das outras pessoas.

Educadora

O cheirinho da mãe, do colinho, do seu abraço. Não é?

Mãe

Sim. É ótimo.

Educadora

É tão bom.

Mãe

Eu sei que eu não devia dizer isso. Mas eu... eu até um ano de idade, eu tenho dormido sempre com os meus pequenos. Não os consigo pôr num berço ou noutro. Não. Eu prefiro ficar a noite toda acordada sem ser à volta da cama...

Educadora

Na sua cama...

Mãe

... na minha cama com ele ao colo, cheia de dores nas costas, mas eles têm ... que estar comigo ...

Educadora

E se tentar pôr um bercinho ali ao pé de si, ... mesmo junto à sua cama?

Mãe

Ai, não. Eu acordo de 10 em 10 minutos a ver se estão a respirar, se não se voltaram para o outro lado, isso faz-me...Ele está lá o berço, só que... usou umas 3 vezes, 4 ... eu não consigo.

Educadora

Sente-se mais segura...

Mãe

Tenho aquela coisa, se ele se volta...Depois como agora, eles quando ... todos eles dormiam mal, faziam noites más, se passa mais de 1 hora a dormir, eu fico aflita porque pode... penso que há alguma coisa.

Educadora

Entendo e o Santiago também teve bastantes problemas respiratórios. Isso é uma aflição, não é?

Mãe

Bronquiolite, estive internado. Então, estou sempre com aqueles cuidados.

Educadora

Claro entendo perfeitamente. Mãezinha, não vou tomar mais o seu tempo tem o pequenino à sua espera. Adorei conversar consigo, penso que foi muito útil para ambas. Muito obrigado.

Mãe

Está bem. Obrigado. Foi bom.

Final de Entrevista.

Anexo 4

Entrevista 3, mãe da criança 3

Mãe

Em relação, o que eu me recordo perfeitamente que, eu lembro-me que não chegava à mesa da cozinha praticamente, porque eu sou prematura, eu só dei o pulo quando fui menstruada, porque eu era uma coisinha mirradinha.

Educadora

Sim?

Mãe

Sim, sim, muito pequena. E eu lembro-me que também falava pelos cotovelos e eu lembro-me que a minha mãe estava com um avental, uma bata assim de flores azuis, era toda azul. Eu lembro-me que ela estava a descascar cenouras, mas eu cheguei-me ao pé dela e não chegava à mesa. Lembro-me de fazer assim que era para ver para cima da mesa. E depois eu de repente, vinha a chorar e disse assim há minha mãe “mãe, mãe a Sandra espetou um vidro dentro do pé” e a minha mãe disse-me assim “oh Zéza”, porque é como me tratam, “oh Zéza não é dentro do pé, é no pé”, eu essa, essa memória tenho uma, depois eu comecei a chorar por não ter acertado e disse dentro do pé e a minha mãe dizia que eu era muito chorona, mas eu nunca chorava à frente das pessoas, como eu chuchava no dedo metia-me sempre num cantinho da casa, ia para lá e chorava, não é como a Gabriela, é completamente diferente. Eu era muito sossegadinha.

Educadora

Que engraçado.

Mãe

É uma das coisas que eu tenho de pequenina, que eu lembro-me.

Educadora

E brincadeiras de pequena.

Mãe

Brincadeiras era, era vastas, brincar com as minhas irmãs, porque nós morávamos no rés-do-chão ...

Educadora

Eram 7 manas?

Mãe

Somos 7 raparigas e 1 rapaz.

Educadora

Era portanto uma casa cheia ...

Mãe

Sim e temos diferença de 2 anos, mas já não vive ninguém em casa, está tudo casado, embarcado, mas somos todos de diferença de 2 anos. Entretanto nós brincávamos, como a minha mãe trabalhava no rés-do-chão e depois tínhamos acesso ao quintal e no quintal tínhamos uma quinta enorme que pertencia à casa de repouso. Então nós saltávamos e depois tinha o muro, íamos aos tomates, à fruta, pronto uma coisa linda, linda, linda. O que mais, brincávamos, saltávamos à janela porque a minha mãe não nos deixava sair à rua para brincar, ela ia trabalhar não é, como a gente ia não se pode deixar as crianças em casa, o mais velho toma, tomava conta dos mais pequenos. A minha mãe ia trabalhar, e nós do quintal víamos a paragem onde ela ia apanhar o autocarro e onde ela descia.

Educadora

Ia para o trabalho.

Mãe

Exato. Ficávamos ali, brincávamos, ela fechava-nos à chave, dava a chave à vizinha se qualquer coisa que a vizinha fosse...

Educadora

E ficavam os 8 dentro em casa?

Mãe

É assim, a mais velha nasceu em Cabo Verde só veio para Portugal com 15 anos, portanto era eu, Maria da Luz, o meu irmão, a Sandra e a Ana, a Vera e a Raquel não existia porque ...

Educadora

E a mãe tinha que idade nessa altura?

Mãe

Não sei, não me recordo, não me recordo, eu só sei que houve um acidente e depois desde aí a minha mãe não nos deixou ficar sozinhos em casa, que precisamente ela tinha ido trabalhar, deveria ter os meus 11, 12 anos, de rapariga não era a mais velha, tinha o meu irmão e depois tinha uma outra rapariga mais velha depois é que era eu. Lembro-me que ia aquecer uma panela de água, aqueci uma panela de água e conforme aqueci, ferveu, tirei de cima do lume e a vasilha partiu-se, queimeimei-me toda, lembro-me dessa situação...

Educadora

Desculpe a pergunta, mas eu sei que a mãe ainda tem pai porque a Gabriela fala-me do avô. Nessa altura a figura do pai não estava presente?

Mãe

Não. É assim havia, havia a figura do pai, mas o meu pai sempre foi distante e depois ele era assim, trabalhava no Algarve 15 dias, vinha um fim-de-semana em casa e depois ia, mas sempre quando ele vinha era...

Educadora

Era uma festa.

Mãe

... Era uma festa, trouxe-nos dois gatinhos do Algarve, que era uma coisa mimosa, trazia-nos aquelas bonecas algarvias que vinham naqueles plásticos transparentes, que havia ...

Educadora

Lembro-me perfeitamente, com tranças e chapelinho preto com uma flor de amendoeira.

Mãe... Exato, exato, exato e a minha mãe metia aquilo ali no,...nós a brincar com as bonecas era só vê-las na caixinha arrumadinhas.

Educadora

Essas brincadeiras com essas bonecas, nessa recordação. Faz recordá-la a si quando vê a Gabriela brincar com as bonecas e com as malinhas?

Mãe

Ai lembro porque eu tive, é que eles têm muito e não sabem dar valor, não sabem estimar as coisas, nós brincávamos só de olhar para elas e eles hoje em dia têm tanto e...

Educadora

Pois, mas a forma como a Gabriela brinca não a faz recordar a si?

Mãe

Não.

Educadora

Não faz?

Mãe

Não, não, porque hoje em dia é diferente, hoje em dia têm tudo, nós na altura, olhe o meu pai trazia-nos sacos de amêndoas, amêndoas com casca.

Educadora

O fruto.

Mãe

Sim, nós agarrávamos isso e depois ele dava 12 a cada uma, porque nós não ligávamos aquilo para comer, então jogávamos um jogo que era as pedrinhas, tipo as pedrinhas na brincadeira, em cada amêndoa ele metia as iniciais do nosso nome que era para não haver brigas lá em casa. E pronto o meu pai é que era mais de brincar do que, do que a minha mãe, a minha mãe também

não sabe ler, não sabe escrever para ensinar era complicado, o meu pai é que nos ensinava tudo praticamente, claro que ficávamos contentes quando o meu pai vinha para casa, porque a minha mãe é mais crespada, não sei quê, a ordem, não sei quê, não sei que mais, mas o meu pai era mais para a brincadeira, mas nós ouvimos mais o meu pai do que a minha mãe, todos nós até hoje, eu fumo, o meu irmão fuma, nós nunca fumámos ao pé do meu pai, nunca dissemos uma asneira ao pé dele, ao pé da minha mãe estamos à vontade, ao pé dele...

Educadora

Mas a parte de brincadeira e de mimos reporta mais ao pai ou a mãe?

Mãe

Era mais ao pai, o pai é que brincava, rebojava no chão, nós em cima dele, era o pai, sempre foi o pai, a minha mãe dizia ao meu pai “tu pareces uma criança, pareces igual a eles, não sei quê, não sei que mais, levantem-se do chão”, a minha mãe era mais, mais rígida. Mas hoje em dia a minha mãe, por exemplo, a minha mãe para falar, falava, gritava, falava muito alto é o, o timbre de voz dela já é alto, quando estava zangada pior, mas nós lembramo-nos quando era para bater preferíamos que fosse a minha mãe do que o meu pai, porque o meu pai mandava-nos tomar banho, dizia “agora passem um a um”, estava com o cinto, todas molhadas ainda, uma a uma, quando faziam uma coisa e ninguém se acusava apanhava tudo, tudo a eito, era assim. Quando acontecia uma coisa e ninguém se acusava.

Educadora

Hoje em dia é mais chegada ao pai ou à mãe?

Mãe

Não, sou muito mais chegada com a minha mãe, sou, sou, sou. A minha mãe é tal e qual a mim, é como a Gabriela o feitio também.

Educadora

Identifica-se com ela?

Mãe

Sim, sim, sim.

Educadora

E na gravidez da Gabriela? Acha que ainda se uniu mais com a sua mãe?

Mãe

Eu é assim, dos 8 filhos eu sou a mais distante, sou a mais, sou capaz de ir de férias,..

Educadora

Mais desligada ou independente...

Mãe

... sim, só que já nem digo nada a ninguém, só digo quando chegar lá e não, não sou muito de coisinhas, não sou de telefonar todos os dias, telefono duas vezes por semana...

Educadora

Mas acha que é importante o acompanhamento da gravidez, por exemplo, se a sua mãe estivesse perto, ... *sobreposição de vozes...*

Mãe

Sim, mas é assim, não tive ... é -me indiferente, porque foi o que a minha mãe disse “eu tenho uma irmã que está grávida e vai ter agora para Agosto”, a minha mãe diz ela “porque é que tu não ... tu não podes ter filhos, tu cada vez que engravidas cai o carmo, cai a trindade, é enjoos, é vomitas, estás sempre mal disposta com toda a gente. A tua irmã esteve grávida e ninguém deu por nada, e é verdade, eu estive grávida ninguém deu por nada”. Eu quando cheguei à maternidade para ir ter a criança, quando a criança nasceu “olha mãe a criança já nasceu”, pronto ...

Educadora

Mas não sente necessidade de a mimarem, de a acompanharem...

Mãe

Ah, sim, sim, sim.

Educadora

Eu estou a falar nesse sentido.

Mãe

Sim, sim.

Educadora

Ter sido acompanhada ...*sobreposição de vozes*... pela mãe ou pelo marido...

Mãe

Ah, sim, sem dúvida, mas eu sou mais....

Educadora

Não acha que é importante essa parte desse mimo?

Mãe

Sentimento sim, sim.

Educadora

Mesmo para o desenvolvimento da Gabriela?

Mãe

É assim, eu sou um bocado crespa também, crespa não é, eu não sou rude, eu não sou má, levo tudo na descontra, pronto sou muito descontraída, mas também brinco muito, muitas vezes não me levam a sério por eu brincar...

Educadora

Claro, claro.

Mãe

... e estar a sempre a rir. Mas é como eu digo, tomara muita gente tivesse o feitio que eu tenho, porque eu por mais zangada que eu esteja eu estou sempre na boa, mas depois claro refugiu-me, isolo-me, por exemplo se tiver a chorar, choro sozinha, não, não desabafo, pronto são coisas assim.

Educadora

Isso quer dizer que apesar dos outros acharem que não precisa desse acompanhamento ...A mãe precisa e sente falta, tal como toda a gente...

Mãe

Sim, sim, sim, sim. É, é, é isso, lá está, eu posso não demonstrar...

Educadora

Exatamente.

Mãe

... Mas estou, por exemplo, tenho uma amiga que está com o astral mesmo em baixo, eu estou ali com ela, falo não sei quê, às tantas já...

Educadora

Era exatamente isso que eu me referia mãe, esse mimo, o cuidado e a atenção.

Mãe

Ah, também merecia.

Educadora

... Que a Mãe não deita cá para fora, que não demonstra aos outros que também precisa...

Mãe

Sim, sim. Sim, como todos nós.

Educadora

Uns mais do que outros, claro.

Mãe

Exato.

Educadora

Acha que é importante para o desenvolvimento da Gabriela ou que foi importante para o desenvolvimento da Gabriela? Essa parte de cuidados e acompanhamento durante a gravidez. Se acha que tem influência para a Gabriela, para o seu desenvolvimento, para a sua maneira de ser...

Mãe

Eu acho que tem um pouco, porque é assim, passei um bocado também durante a gravidez e gostaria de não falar, esticar muito nisso. E eu acho que eu transmiti muito para ela, porque eu passei muito durante a gravidez da Gabriela, fiquei desempregada, foram muitas coisas ao mesmo tempo. E depois tive para me separar, prontos.

Educadora

E quando a bomboca da Gabriela nasceu? O que é que lhe dava mais prazer fazer?

Mãe

Pronto, eu já tinha o João não é, prontos a minha, o meu centro sempre foram eles, e quando a Gabriela nasceu foquei-me muito na Gabriela, não esquecendo o João, porque o João também como já é mais crescidinho foquei-me muito na Gabriela e hoje, hoje dia, hoje é dia 30 vai ser a primeira vez que a Gabriela vai dormir fora de casa, hoje venho buscá-la mais cedo.

Educadora

Ok.

Mãe

A mim custa-me, ela vai para a casa dos meus pais, vou buscar, venho buscá-la a ela, vou buscar o João e depois levo-lhes a Telheiras, a minha custa-me, eu sei que eles vão tratar bem, mas custa-me, pronto custa-me, vai ser a primeira noite que ela vai ficar sem mim.

Educadora

Custa essa separação.

Mãe

Vai ser a primeira noite que a Gabriela vai ficar sem mim, eu já disse ao meu marido, vou ver, não sei, não sei se vou trabalhar contigo, porque “ai, tens que despegar um bocado das crianças, não sei quê”.

Educadora

Também é importante e as crianças estão em segurança.

Mãe

É assim é o que eu lhe digo, eu, o João vai fazer 9 em Dezembro, em Outubro, eu há 9 anos que não sei o que é acordar às 9 da manhã.

Educadora

Mas a Gabriela gosta de estar com os avós.

Mãe

Gosta, mas só que é assim,...Eu até à data, eu até à data...

Educadora

A Gabriela já percebe que a mãe tem que trabalhar. Não acha que também é benéfico para ela se separar por momentos de si?

Mãe

Não, precisa, eu já a deixei lá, mas nunca dormiu, e já dormiu lá, mas foi comigo lá, pronto é diferente. Eu estou a dizer ela hoje vai ficar lá, só vou buscá-los amanhã à tarde, portanto eu não sei como é que vai ser a reação dela, porque eu já a conheço, ela chama-me de noite “oh mãe desapareceste daqui”, eu não sei como é que vai ser a reação dela.

Educadora

Ela chama de noite?

Mãe

Sim, sim, sim. Ela chama de noite ou porque está destapada ou porque a luz do quarto do vizinho está acesa, tenho que lhe meter um cortinado escuro.

Educadora

Sim, sim, Ela tem um sono leve...

Mãe

Sim, mas ela é como eu, é tal e qual e ela lá em casa, sei lá, no princípio ela chorava sempre para ir ao colo da minha mãe, ao meu pai não, ao meu pai sempre deu-se lindamente, o meu pai ela dá-se lindamente. O João nunca teve problemas, o João dormiu lá em casa dos meus pais desde bebé, nunca teve problemas, mas a Gabriela, como eu acho que ela é mais..., a minha preocupação é a Gabriela.

Educadora

A Gabriela é mais como, mãe?

Mãe

É mais arreversa, mais traquina, mais respondona, ela responde, ela responde ... hoje de manhã estava a dizer “oh mãe não posso ir que eu estou a fazer o desenho para a ...*imperceptível*... tenho que recortar”, foi buscar a tesoura no quarto do João na gaveta e depois diz, acaba de recortar, “oh mãe agora vai arrumar a tesoura na gaveta do João se não ele vai-me chatear”, não, vais tu, tu é que foste lá tirar a tesoura, “agora não posso, mãe e estou aqui a ...*imperceptível*...

Educadora

Eu acho a Gabriela muito parecida com a Mãe.

Mãe

Ela é muito parecida comigo, sim, mas ela é mais terrível.

Educadora

Aquilo que a mãe sentiu de não ter sido tão favorável, não sei se favorável será a palavra mais indicada, algo que tenha sentido que não tenha gostado tanto, que sentiu como menos benéfico na sua infância, na sua educação, tenta fazer de forma diferente na educação da Gabriela, ou não costuma pensar no assunto?

Mãe

Penso nisso, eu por exemplo, dou aquilo que posso, mas também demasiado também eu acho que estraga. Eu é assim, eu digo assim, uma palmada ou outra não faz mal a ninguém, mas o que eu apanhei ...*impercetível*... sempre disse isso, nunca hei de, havia de fazer isso a um filho meu. Eu falo, falo, falo, falo, é o que eles dizem “oh mãe tu pareces uma cassete riscada, já gozam comigo, pareces uma cassete riscada, falas, falas, falas e não fazes nada”, porque eu não sou de bater, eu sou de falar.

Educadora

Pois, eles sentem o seu coração doce...

Mãe

Sim, eles sentem, e depois às tantas já não falo com ninguém lá em casa, lá está tudo de volta de mim “oh mãe o que é que tens, estás doida ... a Gabriela ... *impercetível* ... ó mãe isso já passa”.

Educadora

A Gabriela é muito sensível, ela é a primeira a pedir desculpa quando sente que magoou alguém sentimentalmente.

Mãe

Sim, sim. Ela...

Educadora

É a primeira a dizer desculpa.

Mãe

Sim, sim, ela abraça, “anda cá isso já passa, queres um beijinho, isso já passa”, ela é muito carinhosa, mas também é muito crespa, é.

Educadora

No dia-a-dia dela e até mesmo desde bebezinha, sente que a Gabriela tem as suas próprias necessidades?

Mãe

Sim, sim, a Gabriela tem.

Educadora

E quais são essas necessidades? A mãe satisfá-las?

Mãe

Algumas, algumas, nem todas, nem todas, porque é assim, ela fez uma lista de brinquedos...

Educadora

Mas não falo em coisas materiais, estou a falar de necessidades mesmo próprias dela, como por exemplo rotinas de dormir, alimentação, os cuidados que ela precisa...

Mãe

Ah não. Ela tem, ela tem, é assim, ela às 9h já está a dormir é tiro e queda, sempre foi assim e continua a ser assim, “oh mãe já está na hora”, ela quando começa a escurecer, vai à janela, “o barco do tesouro já está a chegar, o barco do tesouro já chegou”, é quando, ela não os vê bem, mas depois à noite vê por causa das luzes, “já chegou, já está na hora de ir para a cama”. Muitas vezes ela come ou ela come primeiro que o João e nós estamos a comer e ela ou deixa de comer e já não quer comer mais ou come uma sopa e já não come o prato, ela é assim, eu para lhe dar de comer é um bocado cansativo.

Educadora

Cansativo não digo, mas exige muita paciência...

Mãe

É um bocado cansativo, ela...Porque a Gabriela...

Educadora

A hora da refeição não é o momento que a Gabriela mais aprecia...

Mãe

Pois, ela é...Ela é incrível, a Gabriela.

Educadora

Ontem à hora do almoço a Gabriela não queria comer a sopa. Conversei com ela no sentido de lhe explicar que precisava de comer para ser grande e forte como a mãe. Ela respondeu-me que não era preciso, a mãe dava-lhe maminha quando ela não queria jantar.

Mãe

Não, não, porque não tenho leite e ela não deixa, não bebe, não toma mama desde Janeiro.

Educadora

O ter deixado de dar de mamar, como é que ambas encaram essa situação?

Mãe

É assim custou-me, porque... Custou a ela também porque eu tive que fazer um truque para lhe deixar de dar de mamar e ela no primeiro dia aceitou, no segundo dia olhava para a mama, também não lhe apetecia, mas depois houve o terceiro, quarto dia, “hum quero mama”, chorava também durante a noite e eu dizia “ filha a mamã está aleijada, não pode, deita sangue queres?”, porque eu pintei os mamilos com batom vermelho.

Educadora

Teve que ser assim.

Mãe

Foi, foi, teve que ser. Custou-me porque ela não come como deve de ser à noite e depois eu já não tenho leite para lhe dar, porque antes agarrava-se ao peito e agora não, mas pronto.

Educadora

Já passou.

Mãe

Já passou.

Educadora

Nos primeiros tempos após o nascimento da Gabriela o que é que sentiu menos à vontade, em termos do dia-a-dia no cuidar dela?

Mãe

Não, o mais difícil é eu sozinha a cuidar dos dois, porque o João foi num ano em que o João entrou para a escola, eu tinha, a Gabriela tinha 3 dias, eu tinha que ir buscá-lo e levá-lo e a Gabriela sempre comigo, foi depois em pleno inverno.

Educadora

Sem qualquer ajuda...

Mãe

Exatamente.

Educadora

É complicado...

Mãe

Foi um bocado, depois é assim eu ainda estava com pontos é, prontos é essa situação toda custou um bocado, mas prontos eu tenho que leva-la à chuva e mas prontos já passou.

Educadora

Já passou mas ainda recorda...

Mãe

Já passou. Sim, eu tenho, eu quase todos os dias tirava uma foto, todos os dias tirava uma foto à Gabriela, a evolução dela. Ela era uma coisinha, um ratinho, porque ela também nasceu...

Educadora

Pequenina.

Mãe

...Pequena, pequena, 51cm não é pequena.

Educadora

Não. No peso? É que ela era uma bebé gordinha, eu lembro-me dela bebézinha.

Mãe

Sim, ela só engordou cá fora, porque ela nasceu com 2,700 e tal nem chegou aos 3kg.

Educadora

Aqueles refegos todos da Gabriela, tão mimosa...

Mãe

Sim, sim, sim.

Educadora

Era só alimentada ao peito da mãe?

Mãe

É só peito, só peito, mas o João também era assim, o João era uma bolinha de pêlo tal e qual, o João ainda era pior que a Gabriela, ai ...*imperceptível*... os meus braços, o João era bem forte, bem forte e graças a Deus estas crianças nunca tiveram nada.

Educadora

O leite da mãe dá muitas defesas...

Mãe

O João, eu hei-de trazer, eu não trouxe, mas eu hei-de trazer fotos do João e da Gabriela, são muito parecidos um com o outro, mas o João olhe, o João chorava não se via, ver os olhos, agora imagine ...*imperceptível*... tão gordo que ele era, e depois muito vermelho aqui parecia que...

Educadora

Pois ele é branquinho.

Mãe

Pois o João é... é mais branquinho que a Gabriela.

Educadora

São os dois muito bonitos...Mãezinha vou dar por terminada a nossa conversa, agradeço-lhe muito, foi muito agradável.

Mãe

Está bem. Sim obrigada.

... Corte de som ...

Final da Entrevista

Anexo 5

Entrevista 4, mãe da criança 4

Educadora

O que recorda com mais saudade em termos dos cuidados que teve na infância... Brincadeiras, por exemplo, que faziam consigo?

Mãe

Bom ...

Educadora

Com os seus pais, algum episódio que recorde.

Mãe

A minha infância foi completamente diferente da infância dos meus filhos.

Educadora

Sim.

Mãe

Eu acho que é de toda a gente mas a minha é particularmente diferente porque o meu pai era muito pouco presente, emigrado... Portanto não era ... estava... Era emigrante ...

Educadora

Mas Mãe, se a Mãe não se sentir à vontade para falar, não tem problema... Eu não quero ...

Mãe

Não, não. Não se preocupe, não... Eu acho piada até fazer esta análise, que é uma coisa que nós não temos tempo de fazer muitas vezes.

Educadora

A vida é tão acelerada, que por vezes não temos tempo de parar para pensar nela...

Mãe

É mesmo. E portanto o que eu recordo é uma mãe de facto muito presente... Muito neurótica, muito... Muito difícil, mas muito, muito presente e de eu ser uma miúda muito complicada. Estava sempre doente, sempre doente, eu lembro-me... Sempre muito ... ou seja, quando... Eu estava doente dormia comigo. Ia-me buscar à escola, trazia-me ao colo, mesmo na escola primária... Passei ... mesmo tendo tantas dificuldades económicas levava-me a todos os especialistas e mais alguns.

Educadora

Sentiu que apesar de bastante presente e preocupada não a deixava crescer?

Mãe

Não. Não. De todo. Era aquela preocupação e não ... e não compreendia... Portanto, muito sufocante. Mas isso também sou eu a ver agora, porque na altura eu até me sentia protegida de alguma forma por ela, sentia-me muito protegida e... pronto. E depois tive, nasci no campo, cresci numa aldeia e portanto tudo, tudo muito diferente.

Educadora

É filha única?

Mãe

Não, sou a mais velha de 4 irmãos. Portanto eu cresci no campo... Lembro-me... Lembro-me das brincadeiras ... de correr. Por isso é que eu acho que me faz muita impressão neles o pouco tempo que têm ao ar livre, não é? Por isso é que eu faço questão de vir buscá-lo de elétrico ... e de deixá-los no jardim para se soltarem...

Educadora

Claro faz tanta falta brincar ao ar livre, proporciona-lhes tantas outras coisas...

Mãe

Pronto. E o que eu acho... E as diferenças são... É... Acho que é o oposto. Eles não têm... Não têm aquela liberdade que eu tinha, mesmo já maiorzinha, não é? Com 5, 6 anos de estar na rua ...

Educadora

Sim, sim, sim, percebo perfeitamente.

Mãe

... Até ser noite.

Educadora

E as brincadeiras que a mãe fazia? Identifica-se um bocadinho com as do Nicolau? Apesar de se enquadrarem em meios tão diferentes.

Mãe

Sim. Sim. Eu e o Nicolau... Sim, identifico... Com as do Isac nem tanto. Com as do Nicolau sim, identifico... Identifico bastante.

Educadora

Portanto aquilo que sentiu na sua infância como menos agradável, normalmente tenta agir de forma diferente na educação do Nicolau?

Mãe

Sim. É. Normalmente é assim que funciona. Na Psicoterapia dizem isso não é? Dizem que nós fazemos igual às nossas... Mães...

Educadora

Fazemos igual ou diferente conforme o sentimento que tenhamos vivido...

Mãe

Pois, às vezes fazemos igual. Exatamente. Mas eu tento fazer exatamente o contrário e às vezes consciente porque realmente não foi agradável.

Educadora

Porque sente que não foi o mais certo?

Mãe

Exatamente. Sim, sim. Eu acho que sim.

Educadora

Entendo. Considera importante o percurso da gravidez para o desenvolvimento do Nicolau?

Mãe

Eu acho. Acho que apesar de eu não ter ... não tive assim uma boa... Não é boa... Mas eu não compreendo o estado de graça, é uma coisa que a mim nunca assistiu. Estar grávida era uma condição para ser mãe, portanto, não era... Não foi uma coisa que eu apreciasse por aí além.

Educadora

Que engraçado...

Mãe

Não, não é,... não era. A gravidez é um estado físico, para mim, um bocado violento. Não era assim uma coisa... A nível hormonal eu era assim uma grávida chata, mal disposta, apesar do Jaime dizer que não, que acha mesmo que eu até era... Mais suave, mais... Mais serena...

Educadora

Grávida que se prese tem enjoos e muitas alterações de humor, não é assim?

Mãe

Pois, mas ui... Aquela coisa de não sermos donas do nosso corpo, não é?

Educadora

Sim.

Mãe

É um bocado isso, acho eu. E estamos sempre preocupadas... Pronto. Mas, tenho a certeza dessa relação entre a gravidez e depois o percurso deles. Por ter tido 3 gravidezes e por achar que de facto aqueles meses seguintes quando eles nascem, são... Podemos... Podemos equipará-los à gravidez. Quanto mais instável a gravidez mais os bebés também são nervosos. E o Nicolau

como foi o terceiro, uma gravidez também onde eu estava muito relaxada. Apesar de os médicos todos exigiram a... Aquela...

Educadora

A amniocentese?

Mãe

... A amniocentese, e eu não querer fazer... Apesar disso eu tive uma gravidez completamente relaxada e de esperar que ele quisesse nascer... Aquelas coisas todas. E ele de facto nasceu, foi o parto mais fantástico que tive, foi o bebé mais simples, mais fácil de lidar, portanto, pode ter a ver com a idade, com a experiência, mas eu acho que tem a ver também com a... Com a própria gravidez. Acho que tem, e... pronto, e ele ... Quando eu... Quando fomos... Quando fomos... O pai já sabia que era um rapaz, ele tem sempre... O pai tem sempre a mania de adivinhar os sexos e escolher os nomes... Essas coisas.

Educadora

O pai tem essa perceção? e adivinha?

Mãe

É. E... e quando o vi... E quando o vimos assim..., só com aqueles dois pezinhos, o coração a bater... E o médico disse... É um rapaz... Foi quase... E eu achava que era uma menina... Ou queria uma menina, não sei bem. Foi quase como se visse logo ali que tipo de bebé é que ia ser.

Educadora

É um rapaz e é um Nicolau?

Mãe

É. Exatamente. Esse. Perfeitamente que bebé é que ia sair dali quase. É engraçado.

Educadora

E nos primeiros tempos quando o Nicolau nasceu, o que é que lhe dava mais prazer fazer? O que é que sentia mais necessidade de fazer quando ele nasceu?

Mãe

O que eu gostava mais de fazer com ele era de ficar olhar para ele. É uma coisa que eu nunca me farto... Nunca me fartava. Aliás eu... Ele nasceu às 3:00 da manhã e eu fiquei até de madrugada só a olhar para ele. Acho... Achava aquilo fascinante, não é? Tipo aquela coisa... E...

Educadora

Que é nossa, não é? Uma felicidade sem fim...

Mãe

Que é... Sim, é um milagre. Eu digo sempre isto. As pessoas até acham estranho que eu nem sou assim muito religiosa, mas se há coisa que é milagrosa é ver o nascimento de um filho.

Educadora

Como é que essa mãe diz que não gosta de estar grávida?

Mãe

Não sei, é um... Bem... Sei que eu vejo as pessoas dizerem... Que saudades da barriga... Eu não tenho saudades, tenho saudades desse momento mágico de o ver. É assim, eu... O bebé... A maternidade é tê-lo nos braços, não é... Não é tanto tê-lo na barriga. Não sei... Mas pronto. Era... Vê-lo, olhar para ele, amamentar... Amamentá-lo era uma coisa que eu gostava muito, apesar de ser aquela coisa que nos prende... Mas é uma coisa gostosa.

Educadora

É uma experiência única...

Mãe

Sim. Ficamos... Muito submetidas a... Aos horários deles, eles sempre mamaram quando queriam e isso, tudo. E... e era aquele cheirinho no pescoço. Estar com ele ao colo, cheirá-lo, vê-los... Aquela coisa mamífera, quase lambê-los.

Educadora

Exato, é maravilhoso.

Mãe

É maravilhoso. Isso tenho muitas saudades, mas gosto mais deles assim, a comunicar e a rir e a conversar é...

Educadora

Todas as fases têm o seu encanto...

Mãe

É. Sim, sim. É verdade. Todas são giras.

Educadora

E agora ele com esta idade, as brincadeiras que ele faz? O Nicolau, eu acho que é uma criança muito sensível e maternal, não concorda?

Mãe

É.

Educadora

A mãe também se identifica com esse tipo de brincadeiras que ele faz? Ele gosta muito de brincar com bonecas, por exemplo?

Mãe

Pois gosta. Ele em casa como tem poucas bonecas, não é? A irmã já não tem...

Educadora

Sim, claro.

Mãe

E... portanto... Há uma boneca de uma prima que lhe deu, que nem sei onde é que ela anda, eu acho que já a perdeu. Em casa brinca... Brinca pouco com bonecas, mas brinca... Mas ele gosta muito de brincar coisas de meninas, porque a irmã veste-o de princesa e ele adora. Adora andar vestido de princesa e adora...

Educadora

Cá na escola as brincadeiras preferidas do Nicolau é o cuidar dos bebés, fazer a lida da casa e vestir e despir as roupas na casinha.

Mãe

Pronto. Adora sapatos, chapéus, Exato. Brincar de doméstica, sim. Completamente.

Educadora

Ele faz reproduções exatas das rotinas diárias de uma casa de família.

Mãe

Eles... Isso por acaso são os 2. Estão sempre a cozinhar comigo, tem de pôr o sal e o Nicolau não gosta de lavar a loiça, o que tem piada estas coisas...

Educadora

Que engraçado..., fico a saber...

Mãe

... O Isac adora lavar a loiça. Mas eles gostam da cozinha e gostam de fazer essas coisas, de fazer essas coisas todas, de cozinhar, fazer as bolachinhas, gostam disso tudo. O Nicolau tem um discurso mais feminino de facto mais maternal. É. Ele gosta de cuidar, gosta de tratar, gosta de... Enquanto o irmão... Eu faço comparação porque é rapaz... Brinca com os carros, atira com os carrinhos à parede...

Educadora

Sim.

Mãe

... Ele não, ele faz... Quase como nós fazemos...

Educadora

A forma como a mãe e o pai o cuidam?

Mãe

Sim, sim.

Educadora

Eu acho que o pai Jaime também me parece um pai muito maternal.

Mãe

É. É maternal. Tem a parte muito física do Isac, porque eu acho que os rapazes..., Também é o estrogénio... é a hormona masculina, não é? Aquela coisa de brincarem sempre às cambalhotas e aos saltos, aquela coisa física mas também tem esse lado completamente..., de tratar e de cuidar...

Educadora

Sim, sim, sim.

Mãe

... Sempre tem isso. Ele aliás é um pai muito frustrado porque os pais não podem amamentar, portanto...

Educadora

Pois é. Às vezes dava um certo jeito e também lhes fazia falta...

Mãe

Exato. Mas ele sofre. Mas eu... Eu por exemplo lembro-me que o Nicolau ainda é mais maternal do que a irmã. A Beatriz não era tão maternal, não, não era.

Educadora

Porque é que acha que isso se passa?

Mãe

Por acaso...

Educadora

É deles próprios? ou acha que é transmitido pelos pais?

Mãe

Pois, essa é a grande questão sempre, não é? Eu acho que há coisas que já vêm com eles e há coisas que depois aprendem conosco. Esse lado é qualquer coisa que já vem com eles, eu acho. Há qualquer coisa que já vem com eles. Não sei explicar isto pela via científica, quer dizer a não ser pelos genes, mas...

Educadora

A mãe disse-me há pouco que não foi igual, também na primeira gravidez, na segunda e na terceira...

Mãe

Ah, pois não.

Educadora

Foi mais descontraída na terceira, não foi?

Mãe

Na terceira, muito mais, sim, sim, sim. Pois terá tudo a ver...

Educadora

Também tem influência, não lhe parece?

Mãe

Sim Tem tudo a ver, sim, acho que sim. E menos pressão nele, não é? Até porque depois o Isac, apesar de haver a Beatriz, o Isac foi o primeiro filho... Meu e do Jaime, e que aconteceu depois de uma gravidez onde sofri um aborto espontâneo. Logo no início. Portanto, foi aquele bebé mais desejado, mais na expectativa, não é? O nosso primeiro filho, meu e dele. Portanto, a nível de ansiedade, isso já diz muito também de um e de outro, não é? A gravidez do Nicolau foi muito mais descontraída, muito mais relaxante.

Educadora

Sim, sim. Mais despreocupada?

Mãe

Mais despreocupada, é. Mais natural. Mais tudo, tudo. Até o parto acabou por ser assim o mais vivido e fácil por causa disso tudo, acho eu.

Educadora

Pois e isso tem influência neles, não é?

Mãe

Neles. Pois acredito que sim.

Educadora

O Nicolau é uma criança muito maternal, muito sensível, mesmo antes de... A mãe sabe melhor que eu não é... Mas eu acho um apetite, mesmo antes de ele produzir brincadeiras, a imaginar os bebés a falar e a brincar às casinhas, ele comovia-se com as conversas que ouvia e ainda pouco falava, não é? Na sala de um ano, quando lhe contava histórias ou quando ele via na janela observava os velinhos na nossa sala olhamos cá para baixo e os velinhos às vezes estão a dançar, ou a fazer ginástica, ele comove-se com este tipo de coisas? Mas não sei se a mãe se recorda da festa de Natal, o pai e a mãe estavam na primeira fila de cadeiras da igreja...

Mãe

Sim, sim, sim.

Educadora

... E o Nicolau estava ao meu colo a olhar para o irmão a cantar no coro e olhava para o irmão de um lado e para vocês do outro... E eu perguntava-lhe... Nicolau estás bem? E ele abanava a cabeça a dizer que sim e as lágrimas caíam-lhe pela cara abaixo.

Mãe

Pois.

Educadora

E isso é de uma sensibilidade, que eu acho que o Nicolau tem, que não tem fim.

Mãe

Sim, eu sei,... Eu noto que ele muito é sensível...

Educadora

Mãezinha, agradeço-lhe muito a sua disponibilidade, foi muito agradável a nossa conversa.

Mãe

Eu também lhe agradeço, é muito bom falar sobre estas coisas que habitualmente nunca pensamos... obrigado.

... corte de som ...

Fim da entrevista

Anexo 6

Entrevista 5, mãe da criança 5

Educadora

Vamos ver o que é que a Mãe aqui me trouxe. Coisinha boa. Ai mas não acho que seja muito parecida com a Rosarinho.

Mãe

Ai eu acho, só os olhos é que não, mas já viu a boca, cabelo ...

Educadora

É igualzinha à mãe, como está agora.

Mãe

Ai, eu não mudei nada.

Educadora

Não mudou nada. Tão linda, que engraçada, que bom.

Mãe

Ela o cabelo, a boca e a forma da cara também ...

Educadora

Por acaso não a acho muito parecida com a Rosarinho não. Aqui tinha que idade Mãe?

Mãe

5, 6, sim, 5 anos.

Educadora

Então e assim um episódio de brincadeiras da infância da Mãe, que se lembre?

Mãe

Lembro-me de brincar, tem que ser com os meus pais ou não?

Educadora

Não, não tem.

Mãe

Lembro-me perfeitamente de brincar com, ir a um armário ...

Educadora

...Sim...

Mãe

... De ir ao armário da minha avó, que nós às vezes íamos para lá, lembro-me perfeitamente de estar a tirar tudo possível e imaginário, as roupas da minha avó e sapatos e não sei quê e ir pelos corredores, que a minha avó tinha um corredor muito grande e depois com os sapatos dela e com a roupa dela fazer desfiles. Com as minhas irmãs também, elas eram mas velhas, portanto ajudávamo-nos todas umas às outras a vestir.

Educadora

Lembra-se dessas brincadeiras com os avós.

Mãe

Lembro-me dessas e a minha avó adorava e deixava-nos fazer tudo claro.

Educadora

Pois, mas com a mãe não se lembra.

Mãe

Com o meu pai também me lembro, apesar de ser diferente, ou seja, em casa, ele esteve em casa até aos meus 6 anos e depois saiu não é, em casa lembro-me de brincar com o que eu mais gostava que era ... no fundo aos médicos, ele deitava-se e eu a fazer de médica e ele adormecia e eu ficava furiosa porque ele tinha adormecido e não estávamos a brincar mais. Com a minha

mãe não me lembro de brincar. Eu brincava muito sozinha também, apesar de ter irmãs, apesar de ter irmãs ...

Educadora

Não faz mal.

Mãe

... eu brincava muito sozinha, porque elas também acabam por ser um bocadinho mais velhas que eu, as brincadeiras não eram as mesmas e a minha mãe diz-me, pelo menos é o que ela me diz, e eu brincava horas e horas e horas e horas sozinha e conversava com os brinquedos e ...

Educadora

E brincadeiras preferidas as suas, quando a mãe agora por exemplo, não faz mal, se quiser atender.

Mãe

Brincadeiras preferidas?

Educadora

Por exemplo, quando vê a Ru brincar lembra-se das suas brincadeiras? ... Se quiser atender está à vontade Mãe.

Mãe

Eu já lhe ligo. Ainda não.

Educadora

Não?

Mãe

Ainda não muito, porque eu brincava muito com bonecas e ela ainda não brinca com bonecas, ainda não está nessa fase acho eu.

Educadora

Ela tem bonecas em casa para brincar?

Mãe

Ela tem mas ela não liga às bonecas, foi mais, também agora comprámos mais os bebés para ela fingir que era a mãe e uma banheira para ela dar banho ao bebé e nada, não sei se ela associou um bocadinho a nós estarmos a tentar, pôr na vida dela, o Vasco, antes dele próprio nascer para ela estar preparada, ela não brinca de todo com esses brinquedos. Ela gosta muito de, de desenhos, fazer desenhos, gosta de autocolantes, adora fazer tudo o que é autocolantes e cola, portanto esses nós compramos, gosta de alguns puzzles, não todos, mas alguns ... assim mais engraçados e, e, e de bonecos ela não, ainda não é aquela coisa do vestir e despir e a casinha das bonecas isso ela ainda não brinca, não sei se ...

Educadora

Da idade.

Mãe

... *imperceptível* ... gostava e adorava, só que também não me lembro a partir de que idade é que foi, se já foi mais velha, talvez tenha sido mais velha.

Educadora

Depende muito das crianças, há crianças que com a idade da Ru já brincam outras que nem por isso ...

Mãe

Nem por isso.

Educadora

... Poderá ter a ver com o próprio gosto e com a própria personalidade da criança...

Mãe

E eu própria se calhar também ... ainda não puxei muito para isso, porque ela, não há ... *imperceptível* ... quando eu tento ir brincar com ela e mostrar como é que se faz e não sei quê, ela não quer “não é assim, não é assim, eu é que sei”, está a ver, eu às tantas deixo-a fazer à maneira dela e não tento impor a minha maneira de brincar, portanto ela com os bonecos ainda

não brinca, acabo por não me identificar muito com ela. Acho que esta não é no fundo a brincadeira preferida dela.

Educadora

Pois, eu agora vou-me reportar ao Vasquinho porque é, acho que é, é bem mais, faz bem mais sentido eu perguntar porque tem um bebe deste tamanho, do que estar-me a reportar à Rosarinho. O que é que lhe dá mais prazer nessa fase fazer, nesta fase do Vasquinho?

Mãe

Com o Vasquinho ...

Educadora

Esta fase que deu de mamar, os primeiros meses de vida...

Mãe

... *imperceptível* ... e mesmo com a Rosarinho também, é mais os beijinhos e as festinhas, do que propriamente se calhar as brincadeiras. Por eu talvez ter brincado muito sozinha também não, não, não sei brincar muito em conjunto não é e, e faço muito, porque também gostava imenso e ainda continuo a gostar e incentivo-a também a parte a gostar dos desenhos animados e de, não é por ser aquela coisa fácil de a pôr em frente à televisão, não, eu adorava e é também um gosto que ela tem, porque ela aprende imenso e depois sabe as, as, as deixas todas dos filmes e como eu sabia as músicas todas, como eu sabia e nós vamos aprender sempre a ...

Educadora

E nós temos sempre tendência para fazer com os nossos filhos, o que recordamos ter sido agradável para nós.

Mãe

Tendência para também ...

Educadora

... para fazer. Quando sentimos que foi bom para nós não é e que gostamos, temos sempre tendência a fazer igual e vice-versa não é.

Mãe

Exatamente.

Educadora

Aquelas coisas menos boas também fazemos ao contrário não é?

Mãe

Ao contrário.

Educadora

Recorda algum episódio que tenha gostado menos da sua infância, por exemplo, não sei algum episódio..

Mãe

A parte, em termos de educação lembro-me de uma coisa e tento fazer precisamente exatamente o contrário que é o quê, a minha mãe era muito “não, não, porque não” e eu é assim ...

Educadora

A sua mãe não explicava, não lhe explicava o porquê quando dizia não ou sim.

Mãe

... “E eu é que mando e é assim” e eu odiava, ela me explicar e eu tento exatamente, há tendência, muita tendência não, mas eu, eu cada vez mais, pelo menos tento imenso dizer não e depois parar e não, vais ter que explicar porque é que não queres, porque é que não deve ser assim, porque ela vai aceitar muito mais facilmente ...

Educadora

Não é não só porque ...

Mãe

Não é não só porque ... *imperceptível* ...

Educadora

... *imperceptível* ... uma altura específica.

Mãe

Eu não sei se foi uma altura, se calhar até foi, mas também porque a justificação que a minha mãe nos dá hoje em dia e vale o que vale é que ela acabou por ser um bocadinho mãe de 3 filhas sozinha, porque nós éramos pequeninas e portanto tinha que ser assim e tinha que impor regras que era para aquilo andar no sitio pronto e ela sentia muita responsabilidade perante até o meu pai se as coisas não corressem bem, como ela estava sozinha e ele não ajudava muito dessa parte e então ela diz que era assim, eu não sei, eu acho que não era por causa disso, eu acho que era mesmo assim o feitio dela, porque ainda hoje é um bocadinho assim e eu revoltava-me isso, ou seja, eu tenho capacidade para perceber porque é que não e portanto achava injusto ...

Educadora

... sim entendo.

Mãe

... e achava injusto ela pura e simplesmente nem sequer justificar ou nem se quer ouvir a minha parte, porque é que achava, eu achava que não devia ser assim. Então tento um bocadinho com a Rosarinho justificar. Ela ainda não está ainda em idade para não, para no fundo para me contrariar, para me dizer “mãe acho que não está a pensar bem”, não é, ainda não está em idade, mas se calhar no futuro vai ser ...

Educadora

... É sempre importante explicar ...

Mãe

E ela normalmente acata muito melhor a minha decisão se perceber ...

Educadora

Claro.

Mãe

... se perceber porque é que eu estou a dizer isto. Eu acho que isso realmente é muito mais.

Educadora

Mas senti que era uma filha com um certo apoio, por exemplo, durante a gravidez de um ou de outro filho, sente aquela reaproximação da Mãe em termos de fazer perguntas como é que era quando estava grávida de si? Quando esteve grávida da Rosarinho.

Mãe

Sim, sim.

Educadora

... aquela reaproximação que nós temos da nossa mãe e ...

Mãe

Claro, claro.

Educadora

Em saber como é que a nossa mãe se sentia quando nos acolhia.

Mãe

Como é que era, a mãe, e até perceber a minha mãe em determinadas coisas de cansaço, e não sei quê.

Educadora

Talvez percebendo a mãe, percebemo-nos melhor.

Mãe

Perceber a ela porque eu estou a viver o mesmo não é. É verdade. Em paciências, em tolerâncias, porque realmente acho que a vida é estúpida e a pessoa acaba por ...

Educadora

Sim, sim, sim, não ter tempo para pensarmos nestas pequenas coisas...

Mãe

... eu achava que a minha mãe.

Educadora

Mas há uma reaproximação não há?

Mãe

Há.

Educadora

Parece que fica uma relação mais coesa, mais ... de envolvimento, de falar, de partilha de ideias como é que, como é que a Mãe, da primeira gravidez se calhar mais do que, do que agora não é, porque era a primeira.

Mãe

Claro, era a primeira. E na parte de educação talvez se ... *imperceptível* ... mas aí nós temos muito presente, acabamos por, por dizer “olhe eu acho que não é assim, não é assado”, mas e às vezes, às vezes há coincidências de opiniões, outras vezes não há.

Educadora

Claro.

Mãe

E eu acho que é uma forma da própria minha mãe se questionar se na altura se terá feito bem ou não e agora vendo os netos, porque como avó está mesmo diferente e mesmo as reações, não é, está muito mais paciente agora do que era, antigamente.

Educadora

Estamos sempre a aprender não é, uns com os outros.

Mãe

Estamos sempre a aprender. E é bom porque ela dizia se calhar em quanto mãe fazia isto e enquanto avó já faço diferente.

Educadora

Exato.

Mãe

Vamos dando também algumas dicas.

Educadora

Claro.

Mãe

É sempre bom.

Educadora

Claro. E acha que é importante essa partilha?

Mãe

... Não sei ... estamos sempre a ... a fazer bem ou não.

Educadora

Sim, sim, nunca há certezas...

Mãe

Nunca há nada ...

Educadora

Exato. E acha, por exemplo que o período de gestação tem influência no desenvolvimento deles ou da maneira como eles são? A forma como decorre a gravidez, como a mãe faz o percurso,... como é que a mãe sente o percurso da gravidez, esse acontecimento numa e noutra,... são sempre diferentes, nós somos diferentes também. Mas pensa que esse percurso vivido é determinante na forma como os seus filhos são.

Mãe

Eu há uma coisa que não ... eu não, nunca me estudei muito sobre isso, mas sinto que se calhar teve alguma influência. Eu estava numa felicidade enorme a primeira gravidez e a Rosarinho é uma criança feliz, feliz, feliz, feliz, feliz, não é nada a mesma, porque contagia a felicidade dela, ela põe toda a gente a rir à volta dela e realmente eu, eu sou uma pessoa assim tranquila, portanto

eu também, por exemplo este é muito calminho, eu não tive gravidezes muito agitadas, não tive gravidezes muito tensas e portanto os meus filhos, os meus filhos são ...

Educadora

A Mãe é uma mãe tranquila, não é nada ansiosa.

Mãe

Sou uma Mãe tranquila, não, não sou ansiosa, tenho um grau de paciência e tolerância muito grande, não fico, não perco a cabeça quase nunca é essa, essa, só coisas muito específicas as coisas que me fazem perder a paciência e se calhar isto transmite-se nas gravidezes para o bebe, mas confesso que nunca estudei muito o assunto.

Educadora

Pois. E as necessidades do Vasquinho agora? Quais são as necessidades que sente que ele tem?

Mãe

Falar, comunicar, quer imensa atenção, quer imenso que se converse com ele, odeia estar sozinho e que o deixemos sozinho, quer imenso agora participar não é, quanto mais movimento assim à volta dele, ele ...

Educadora

E as necessidades da Ru, neste momento?

Mãe

A Ru também é muita atenção, a minha atenção quando estou, principalmente quando estou.

Educadora

O que é que a Rosarinho mais gosta mais de fazer?

Mãe

O que é que ela gosta mais de fazer, gosta de ir ao jardim andar no baloiço, adora andar de baloiço e no escorrega. O prazer que lhe dá ir ao jardim, adora cantar, está sempre, sempre, sempre a cantar a música para ela é importantíssima, é importantíssima, é mesmo uma felicidade e quer muito estar connosco, com os adultos. É uma criança que não sei se é bom ou

mau, mas ela se estiverem crianças e adultos ela está com os adultos, ela não está com as crianças. Ela quer imenso e chama e brinca imenso, e mete-se imenso com os adultos.

Educadora

Com todos os adultos?

Mãe

Com todos os adultos ...

Educadora

Com todos ou com quem se mete com ela?

Mãe

... Sem exceção, ela não, não é nada envergonhada, mete-se com toda a gente, mesmo pessoas que ela nem conheça, na rua, no restaurante. Não sei onde é que foi parar a chucha dele.

Educadora

Está aqui, está aqui.

Mãe

Está aqui. E com as crianças ela não se mete muito para brincar, é mais, aí não sei se é ... se é o território que ela se sente mais à vontade, porquê, porque também os primos são mais velhos não é? E portanto ela foi muito habituada para com as tias e com as avós e com os primos mais velhos e não tanto com outras crianças, mas quer dizer aqui na escola ela está com outras crianças, portanto e eu vejo-a feliz e a brincar, mas não sei porquê no nosso convívio ...

Educadora

Sim.

Mãe

... Familiar e de amigos e de fim-de-semanas ela se tiver com crianças e adultos ela está ao pé dos adultos.

Educadora

Sim, porque ela também é uma criança que não gosta muito de brincadeiras muito ativas.

Mãe

Não.

Educadora

Não é? Como é uma criança que também fala muito bem, muito explicada...

Mãe

Exprime-se muito bem.

Educadora

Conseguimos manter um bom diálogo não é? Que nos dá prazer e ela própria fica feliz...

Mãe

Qualquer adulto fica fascinado com ela.

Educadora

Tem toda a razão, é mesmo verdade.

Agradeço-lhe imenso a sua disponibilidade, foi muito agradável de conversar consigo.

Mãe

Também gostei... Eu também agradeço por tudo...

Corte de som

Fim da entrevista

Anexo 7

Nota de campo nº 1

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Cuidados a uma idosa

Data: 11 de Novembro de 2013

Hora: Período da manhã

Local: Passeio à Baixa Pombalina (trajeto de eléctrico- Lapa-Praça do Comércio)

Intervenientes: Idosa e criança 4

Sexo: Feminino e Masculino

Idade: 80 anos e 31 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje, segunda-feira, comemoramos o dia de S. Martinho, indo à baixa Pombalina visitar o vendedor de castanhas. O grupo de crianças habitualmente acompanhado por mim e pela educadora fora também acompanhado por um pequeno grupo de senhoras idosas residentes no recolhimento da Lapa no mesmo edifício da instituição. O dia amanheceu frio mas solarengo. O grupo de crianças mostra-se feliz, aderindo à caminhada com desenvoltura e entusiasmo, desde a saída do eléctrico na Praça do Comércio até ao vendedor de castanhas que se encontra nas imediações da travessa de S. Nicolau. Uma das senhoras do lar, de aparência física mais marcada pela idade, de cabelo muito branco e de tronco bastante curvado, caminha lentamente com o auxílio de uma bengala. Uma das crianças do grupo durante todo o passeio manteve-se ocupada em auxiliar a senhora, dando-lhe a mão para atravessar a rua, observando a sua forma de andar e na viagem de eléctrico quis sentar-se ao seu lado, segurando-lhe a bengala. Numa determinada situação em que eu descascava castanhas para as crianças comerem, essa mesma criança de expressão ternurenta ofereceu a sua castanha à dita senhora.</p>	<p>Uma senhora idosa, cuja condição física dirigiu a atenção da criança 4, em que esta manifesta sentimentos de compaixão e solidariedade com o intuito de cuidar.</p> <p>Será que a ação manifestada conteve em si um carácter de vivência afetiva?</p> <p>Ou por outro lado, a ação demonstra uma atitude maternal de carácter prematuro e intrínseco no próprio impulso da criança, no ato de cuidar?</p>

Anexo 8

Nota de campo nº 4

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Embalar o bebé

Data: 9 de dezembro de 2013

Hora: 9:45 h

Local: sala

Intervenientes: Educadora estagiária, 12 crianças do grupo- 2, D, C, 1, 5, B, E, F, 3, 4, I, e G

Sexo: Feminino, 2 x Masculino, 1 x Feminino, 1 x M, 1 x F, 4 x F, 2 x M e 1 x F

Idade: 44 anos, 2 x 24 meses, 1 x 27 meses, 1x 28 meses, 1x 29 meses, 4 x 30 meses, 2 x 32 e 1x 35

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje o dia amanheceu frio e húmido. Os ensaios para a festa de natal iniciaram-se hoje, com a proposta às crianças do grupo para embalar o menino Jesus (bebés da casinha). Esta ação decorre ao som de uma música popular portuguesa de embalar (ró-ró). O grupo de crianças manifesta três comportamentos distintos, que classifiquei, divididos do seguinte modo:</p> <ol style="list-style-type: none">1. A criança embala o menino bem aconchegado no colo, olhando-o com afeto.2. A criança embala o menino no colo segurando-o sem cuidados e sem o olhar.3. A criança recusa-se a embalar o menino.	<p>Das doze crianças do grupo, quatro revelam o comportamento 1; seis, produzem o comportamento 2 e apenas duas revelam o comportamento 3.</p> <p>Verifico que os três comportamentos distintos, não possuem uma relação direta com a idade cronológica, devido ao fato de duas das crianças, ambas com 24 meses revelarem atitudes comportamentais na ação 1 e 3.</p> <p>Será que tais comportamentos se devem, por um lado,</p> <p>ao desenvolvimento maturacional da criança, ou, por outro, às vivências de afeto estabelecidas nas relações parentais?</p>

Anexo 9

Nota de campo n° 5

NOTA DE CAMPO

N° da Nota de Campo:

5

Situação: A emoção da festa de natal

Data: 15 de dezembro de 2013

Hora: 16:00 h

Local: Igreja Nossa Senhora da Lapa

Intervenientes: Educadora estagiária e criança 4

Sexo: Feminino e masculino

Idade: 44 anos e 32 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje o dia apresenta-se frio e seco. Comemoramos a festa de natal com as crianças da instituição presenteando as suas famílias. A atuação da vivência do natal é realizada conjuntamente entre a creche e o jardim-de-infância na igreja da Nª Sª Lapa. As crianças atuam divididas por salas. Terminada a atuação, cada grupo permanece no local (altar), sentando-se convenientemente. A sala do grupo em questão é a primeira a participar. O grupo revela-se tranquilo e feliz, demonstrando cada criança a sua essência, tal como tinha sucedido nos ensaios, o que constitui a própria beleza de uma atuação simples e espontânea, característica de um grupo de dois anos. Após essa vivência, adultos e crianças permanecem comodamente sentados, em local que permite, simultaneamente, continuar a ver o desenrolar da festa bem como as famílias. Somente quatro crianças do grupo manifestam vontade de ficar com os pais, indo com os mesmos; o restante grupo permanece com as educadoras da sala. Atuam agora as crianças de quatro anos, grupo que comporta um irmão da criança em questão. Sentada ao meu colo, esta,</p>	<p>A situação descrita intui em mim própria uma certa perplexidade quanto à clareza vivenciada dos factos. Sensibilizada e maravilhada, coloco uma questão que deixo em aberto: será possível uma criança de 32 meses possuir já em si comportamentos reveladores de atitudes que comportam tão extrema sensibilidade e comoção face ao outro?</p>

<p>observa-o atentamente a cantar, demonstrando uma expressão de ternura e admiração. Surpreendentemente, a criança, perante a situação, começa a chorar em silêncio, revelando uma expressão serena e feliz. Pergunto-lhe se está bem e se quer ir ter com os pais. Responde-me positivamente à primeira questão e negativamente à segunda, com um aceno de cabeça. As lágrimas continuam a rolar-lhe pelo rosto com a mesma expressão calma e ternurenta.</p>	
---	--

Anexo 10

Nota de campo n° 7

NOTA DE CAMPO

N° da Nota de Campo:

7

Situação: Uma atenção especial ao convidado

Data: 15 de janeiro de 2014

Hora: 10:00 h

Local: Sala

Intervenientes: Pai de uma criança da sala de 1 ano, criança 1 e criança 5

Sexo: Masculino, Masculino e Feminino

Idade: 30 anos, 29 meses e 30 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje, quarta-feira o dia amanheceu frio e solarengo. Em virtude do dia mundial do compositor, recebemos a visita de um pai de uma criança da sala de 1 ano, cuja profissão é professor de música. Esta visita causa no grupo uma alegria imensa, porque, para além de ser uma figura conhecida das crianças, que habitualmente interage com elas, traz inúmeros instrumentos musicais, de grandes dimensões que causam grande divertimento. O grupo de crianças está perfeitamente à vontade e desinibido, interagindo e explorando os instrumentos. Envoltas nesta vivência, ressaltam duas ações caricatas e distintas: A criança 1 afasta-se, indo à área da casinha preparar um prato com frutas e uma chávena de “ chá” indo logo de seguida oferecer à visita. A criança 5 dança em torno da visita, penteia-se e ajeita o cabelo com as suas mãos, olha-a fixamente, e com um grande sorriso e sentando-se ao seu colo, abraça-a.</p>	<p>Ambas as crianças, de idades bastante aproximadas (29 e 30 meses) demonstram atitudes comportamentais distintas. No primeiro caso a criança mais nova, do sexo masculino, revela uma preocupação na atenção dada com o intuito de cuidar.</p> <p>No segundo caso, a criança, do sexo feminino, demonstra atitudes egocêntricas e possessivas relativamente à ausência de espaço dado ao outro em detrimento do seu próprio prazer, revelando chamadas de atenção que reportam à idade da graça de Homburguer, típica da idade dos três anos. Devo também salientar que a referida criança, na sua rotina diária, não manifesta através do jogo simbólico ações de cuidar.</p>

Anexo 11

Nota de campo nº 8

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: O brinquedo trazido de casa para a escola

Data: 4 de fevereiro de 2014

Hora: 9:00 h

Local: sala

Intervenientes: Educadora estagiária e criança 3

Sexo: Feminino e Feminino

Idade: 44 anos e 32 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje, terça-feira o dia apresenta-se frio e seco. A criança 3 entra na sala sorridente e bem-disposta, cumprimenta-me como é hábito com um beijo e um bom dia bem verbalizado. Traz na mão um saco de papel. Perguntei-lhe:</p> <p>- Querida, o que trazes dentro do teu saco?</p> <p>- Tenho uma festa,... vou vesti-la,...ao cabeleireiro,...vou pintá-la.</p> <p>A criança tirou do saco roupas de boneca, um batom e uma boneca estilo “Barbie”. Voltei a interpô-la:</p> <p>- Que senhora elegante, e que roupas tão bonitas, mas quem é?</p> <p>- Não é uma senhora! É a minha filha! Vai ficar muito bonita, tenho de a levar a uma festa muito,..., muito, grande...</p>	<p>Ao longo do tempo da pesquisa de estudo, observo diariamente os brinquedos trazidos de casa para a escola, por cada criança do grupo. Nomeando-os posso descreve-los de uma forma modal. Os brinquedos trazidos pelas crianças do sexo feminino são: bonecas tipo Barbies, malas pequenas contendo pequenos acessórios (escova de cabelo, pente, batom, papéis variados, tipo publicidade), mala de médico, animais de peluche (cães e gatos) e livros de histórias. Os bonecos tipo bebé “chorão” apenas são trazidos por duas crianças do grupo. Nos rapazes os brinquedos trazidos de casa, são: bolas, carrinhos variados e animais da quinta.</p> <p>O brinquedo que cada criança utiliza é fruto da sociedade atual e reproduz a sua vivência.</p> <p>Será que o brinquedo em si produz um papel determinante no processo de construção na maternalização da criança?</p> <p>Ou por outro lado,</p> <p>A vivência das relações parentais influenciam a maternalização de objetos determinando desta forma a escolha do brinquedo? Produzindo assim a sua ausência?</p>

Anexo 12

Nota de campo n° 9

NOTA DE CAMPO

N° da Nota de Campo:

9

Situação: Jantar na casinha

Data: 3 de abril de 2014

Hora: 8:15 h

Local: sala – Área da casinha

Intervenientes: Educadora Estagiária e criança 4

Sexo: Feminino e Masculino

Idade: 44 anos e 35 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Hoje, quinta-feira, o dia amanheceu chuvoso e cinzento. A primeira criança a entrar na sala chega como é hábito a sorrir e a correr para mim. Após um breve diálogo, perguntei-lhe:</p> <ul style="list-style-type: none">- Queres desenhar ou fazer um jogo?- Não. Vou fazer o jantar. <p>A criança, decidida, dirige-se para a casinha e começa a pôr a mesa com azáfama,..., coloca dois pratos e dois copos.</p> <ul style="list-style-type: none">- E o bebé não janta? Questiono eu. <p>A criança vai buscar mais um prato e um copo, sem verbalizar, e coloca-o em cima da mesa.</p> <ul style="list-style-type: none">- E o que vais fazer para o jantar? Pergunto eu.- Batatas fritas, frango, alho francês e cenouras e um bolo de iogurte...ah, não tenho iogurte, vou comprar. <p>A criança deu uma volta na sala, voltou ao pé de mim e disse:</p>	<p>A criança revela, através da sua ação, a vivência das rotinas familiares do quotidiano. Demonstra comportamentos afetuosos no cuidar do bebé bem como nos cuidados da casa. Embora revele simultaneamente ações mecanizadas e de agitação traduzidas, talvez, pela falta de tempo que vivencia no seu dia-a-dia.</p>

- Agora vou fazer o bolo, o jantar já está pronto podes sentar-te.

- Que bom aspeto, estou com um certo apetite. Verbalizei

- Estás!?

- Estou. E o bebé não vai jantar?

- O bebé também come.

A criança pega no bebé ao colo e senta-o em cima de uma cadeira chegando-o à mesa

- Mastiga bem e despacha-te a comer. Disse a criança.

- O bebé não pode comer muito depressa, pode ficar mal disposto. Vou ajuda-lo.

- Olha ele vomitou. Vai para a cama e não come mais nada.

A criança pega no bebé deita-o no colchão da sala e aconchega-o com uma manta. Em seguida volta para a cozinha sem verbalizar e começa a arruma-la.

- Vou ajudar-te.